

DESIGN EDITORIAL E RELIGIÃO: PROJETO GRÁFICO PARA A REVISTA

MESSENGER



JEFFERSON ARAUJO DO NASCIMENTO

Projecto elaborado para a obtenção do Grau de Mestre em Design de Comunicação

Orientadora Professora Doutora **Elisabete de Jesus Rosado Rolo**

Presidente do Jurí Professor Doutor **João Miguel Ferrão de Aboim Borges**

Vogal Professora Doutora **Ana Isabel e Sousa do Carmo**

Documento Definitivo - Lisboa, FA ULisboa, Janeiro de 2022

•

DESIGN EDITORIAL E RELIGIÃO: PROJETO GRÁFICO PARA A REVISTA

MESSENGER



JEFFERSON ARAUJO DO NASCIMENTO

Projecto elaborado para a obtenção do Grau de Mestre em Design de Comunicação

Orientadora Professora Doutora **Elisabete de Jesus Rosado Rolo**
Presidente do Jurí Professor Doutor **João Miguel Ferrão de Aboim Borges**
Vogal Professora Doutora **Ana Isabel e Sousa do Carmo**

Documento Definitivo - Lisboa, FA ULisboa, Janeiro de 2022



Nota: este documento foi escrito seguindo as normas ortográficas da língua portuguesa habitualmente empregadas no Brasil.

RESUMO

Ao estudarmos a história do design gráfico, percebemos que é impossível narrá-la sem mencionar a religião. De entre os muitos marcos que fazem parte desta jornada, os manuscritos iluminados e o primeiro livro impresso, a Bíblia de Gutenberg, estão diretamente conectados ao design e à religião. O aprimoramento dos tipos móveis de Gutenberg acabou por ser uma ferramenta de propulsão, facilitando a reforma protestante iniciada por Martinho Lutero por volta de 1517. Da reforma protestante, surgiram muitas novas denominações cristãs. Entre elas, um movimento que mais tarde seria chamado de adventistas.

O tema principal deste trabalho de investigação é o estudo de caso da revista *Messenger*, uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Reino Unido e na Irlanda, que completou 85 anos de existência no ano de 2021.

Constatou-se que o interesse no periódico por parte de sua audiência é bastante reduzido, mesmo sendo gratuito, e, a partir daí, surgiu a vontade de buscar entender os motivos pelos quais a revista parece estar em declínio e de descobrir como as boas práticas do design editorial podem contribuir para que venha a ser novamente (ou ainda mais) relevante para o seu público-alvo.

Este projeto buscará perceber a relação do design gráfico com a religião e compreender o uso e a importância dos conceitos do design editorial em publicações religiosas. Para tanto, é fundamental que primeiramente analisemos a história do design editorial, com enfoque no segmento das revistas, e compreender as principais técnicas e conceitos empreendidos no mesmo. Uma vez que os conceitos teóricos sejam explorados, pretende-se desenvolver uma nova proposta de identidade visual e projeto editorial para a revista *Messenger* que esteja mais alinhado com o público-alvo e com os conceitos atuais do design editorial.

Foi conduzida uma investigação ativa utilizando uma metodologia de base qualitativa, intervencionista e não intervencionista, dividida em três etapas: exploratória, generativa e avaliativa.

PALAVRAS-CHAVE

Design Editorial; Religião (Igreja Adventista do Sétimo Dia); Revista; Revista *Messenger*; Projeto Gráfico;

•

ABSTRACT

As we study the history of graphic design, we find it impossible to narrate it without mentioning religion. Among the many landmarks that make up this journey, the illuminated manuscripts and the first printed book, the Gutenberg Bible, are directly connected to design and religion. The improvement of Gutenberg's movable type turned out to be a propulsion tool, facilitating the Protestant reform started by Martin Luther around 1517. From the Protestant Reformation, many new Christian denominations emerged. Among them, was a movement that would later be called Adventists.

The main object for this project will be a case study from the *Messenger Journal*, a publication of the Seventh-day Adventist Church in the United Kingdom and Ireland, which celebrated its 85th anniversary in the year 2021.

It was found that the interest in the journal on the part of its audience is quite low, even though it is free, and, from there came the desire to understand the reasons why the journal seems to be in decline and to discover how good practices emerged. of editorial design can help you to become again (or even more) relevant to your target audience.

This project will seek to understand the relationship of graphic design with religion and understand the use and importance of editorial design concepts in religious publications. Therefore, it is essential that we first analyze the history of editorial design, focusing on the magazine segment, and understand the main techniques and concepts used in it. Once the theoretical concepts are explored, it is intended to develop a new proposal for a visual identity and editorial project for the *Messenger* that is more in line with the target audience and with the current concepts of editorial design.

An active investigation was conducted using a qualitative methodology, in an interventionist and non-interventionist way, divided into three steps: exploratory, generative, and evaluative.

KEYWORDS

Editorial Design; Religion (Seventh-day Adventist Church); Magazine; *Messenger*; Graphic Project;

•

AGRADECIMENTOS

À professora Elisabete Rolo, pela dedicação, conselhos e orientação para com este trabalho, e principalmente pela paciência e incentivo.

Ao pastor e editor da revista *Messenger*, David Neal, muito obrigado pela valiosa entrevista. Ao designer da revista, David Bell, por sua preciosa colaboração.

Aos meus familiares, minha irmã Thamires, amigos, e a Loreta. Cada um de vocês me apoiaram, me deram forças para continuar mesmo em meio às adversidades e mostraram que era possível. Muito obrigado.

Aos meus pais, Valdir e Édima, pelo constante apoio, encorajamento, conselhos e orações. Mesmo de longe, sempre se fizeram presente e demonstraram seu amor por mim. Amo vocês.

E acima de tudo, agradecer a Deus pela vida e pelas capacidades que Ele proveu para que fosse possível realizar o sonho do mestrado.

Muito obrigado.

•

**“GRAPHIC DESIGNERS
SERVING FAITH MUST FIRST
SERVE BEAUTY, BECAUSE TO
SERVE BEAUTY IS TO REVEAL
GOD.¹”**

Daniel Kantor, 2007

¹T.L.: “Designers gráficos em serviço da fé devem primeiramente servir ao belo, pois servir ao belo é revelar a Deus”

•

ÍNDICE GERAL

III	Resumo
V	Abstract
VII	Agradecimentos
IX	Epígrafe
XI	Índice geral
XIV	Índice de figuras
XVI	Índice de tabelas
XVII	Acrónimos e abreviaturas

INTRODUÇÃO

03	1. Introdução
04	2. Problemática
05	2.1. <i>Questões de investigação</i>
06	3. Objetivos
06	3.1. <i>Objetivos gerais</i>
06	3.2. <i>Objetivos específicos</i>
06	4. Desenho da investigação
08	4.1. <i>Organograma</i>
09	5. Benefícios
09	6. Fatores críticos de sucesso
10	7. Disseminação
11	<i>Referências Bibliográficas</i>

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO 1 – DESIGN EDITORIAL E A RELIGIÃO

17	<i>Nota introdutória</i>
18	1. A relação entre design editorial e religião: Breve panorama histórico
21	1.1. <i>Dos Manuscritos iluminados à invenção da impressão tipográfica</i>
24	2. A influência da impressão tipográfica na expansão do protestantismo
26	3. As revistas e seu uso na religião
29	3.1. <i>O papel do designer gráfico na imprensa religiosa</i>
30	<i>Síntese conclusiva</i>
31	<i>Referências bibliográficas</i>

CAPÍTULO 2 – A REVISTA MESSENGER

37	<i>Nota introdutória</i>
38	1. A Igreja Adventista e o uso dos meios impressos
41	2. Revista Messenger
41	2.1. <i>História</i>
43	2.2. <i>Objetivos/Audiência</i>
46	2.3. <i>Contexto atual</i>
47	2.4. <i>Futuro da publicação</i>
49	<i>Síntese Conclusiva</i>
50	<i>Referências bibliográficas</i>

CAPÍTULO 3 – DESIGN EDITORIAL: REVISTA

55	<i>Nota introdutória</i>
56	1. Os elementos do design editorial
57	1.1. <i>Formato/Suporte</i>
58	1.2. <i>Periodicidade</i>
58	1.3. <i>Identidade visual/Logotipo</i>
60	1.4. <i>Capa e contracapa</i>
61	1.5. <i>Layout e Grelha</i>
62	1.6. <i>Tipografia</i>
64	2. A anatomia da revista
66	<i>Síntese Conclusiva</i>
67	<i>Referências bibliográficas</i>

PARTE II – PROJETO PRÁTICO

CAPÍTULO 4 – INVESTIGAÇÃO ATIVA

75	<i>Nota introdutória</i>
76	1. Estudos de Caso
76	1.1. <i>Modelo de Análise</i>
76	1.2. <i>Justificação das escolhas das revistas</i>
78	1.3. <i>Análise da publicação Messenger</i>
80	1.4. <i>Análise da Revista Adventist World (português)</i>
82	1.5. <i>Análise da Revista Christianity Today</i>
84	1.6. <i>Análise da Revista The Watchtower</i>
86	1.7. <i>Análise comparativo dos estudos de caso</i>
89	2. Entrevista Exploratória com o responsável pela revista Messenger
94	<i>Síntese Conclusiva</i>
94	<i>Referências bibliográficas</i>

CAPÍTULO 5 – REDESIGN DA REVISTA MESSENGER

99	<i>Nota introdutória</i>
100	1. A importância do redesign
101	1.1. <i>Definição do briefing</i>
102	1.2. <i>Estudos iniciais</i>
105	2. Desenvolvimento de uma nova identidade visual para a Messenger
107	3. Desenvolvimento de um novo projeto editorial para a Messenger
113	4. Protótipo
114	5. Avaliação
117	5.1. <i>Alterações pós-avaliação</i>
122	<i>Síntese Conclusiva</i>
122	<i>Referências bibliográficas</i>

CAPÍTULO 6 – CONCLUSÕES

127	1. Conclusões e considerações finais
129	1.2. <i>Recomendações para futura investigação</i>

ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS

135	Referências Bibliográficas
143	Bibliografia
150	Glossário

APÊNDICES

155	Estudo de casos
166	Entrevistas
185	Protótipo: Redesign da revista Messenger

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1 p.8

Organograma do processo investigativo.
Fonte: *Investigador*, 2021

FIGURA 2 p.18

Pintura fremont em rocha do outeiro de San Raphael, Utah, c. 2000-1000 aC. O povo fremont vivia no sul de Utah.
Fonte: *Meggs, P & Purvis*, 2016

FIGURA 3 p.19

Antiga tabuleta pictográfica suméria, c. 3100 aC. Esta arcaica escrita pictográfica continha o germe do desenvolvimento da escrita. As informações são estruturadas em áreas quadriculadas por divisão horizontal e vertical.
Fonte: *Meggs, P & Purvis*, 2016

FIGURA 4 p.19

Detalhe do Livro dos Mortos de Tut-mes III, c. 1450 aC. Os escritos hieroglíficos foram simplificados, mas mantiveram sua origem pictográfica.
Fonte: *Meggs, P & Purvis*, 2009

FIGURA 5 p.20

O chop chinês. O tradicional carimbo chinês de identificação é inscrito na base de uma pequena escultura decorativa esculpida em pedra macia.
Fonte: *Meggs, P & Purvis*, 2016

FIGURA 6 p.21

Cena do filme “O nome da rosa”, 1986.
Fonte: *Frank, T.S.*, 2015

FIGURA 7 p.22

O Livro de Horas tornou-se o livro mais popular da Europa. Esse volume de devoção pessoal continha textos religiosos para cada hora do dia, orações e calendários listando os dias santos importantes.
Fonte: *Meggs, P & Purvis*, 2016

FIGURA 8 p.23

A Bíblia de Gutenberg fotografada na British Library em Londres.
Fonte: *Investigador*, 2020

FIGURA 9 p.25

Impressão das 95 Teses em uma igreja de Nuremberg, atualmente disponível na Biblioteca Estadual de Berlim.
Fonte: *Biblioteca Digital Mundial*, s.d.

FIGURA 10 p.27

La Gazette, considerada a primeira revista semanal publicada na França, 1631.
Fonte: *Bibliothèque Nationale de France* s.d.

FIGURA 11 p.27

“The Gospel Magazine”, edição de janeiro de 1766.
Fonte: *Gospel Magazine*, s.d.

FIGURA 12 p.39

Ellen White e James White, pioneiros da Igreja Adventista.
Fonte: *Adventist.org*, © 2022

FIGURA 13 p.39

Primeira edição do jornal “The Present Truth”, publicado em julho de 1849.
Fonte: *Adventist.org*, © 2022

FIGURA 14 p.40

Uriah Smith, à direita, e outros líderes editoriais adventistas na década de 1890.
Fonte: *Adventist.org*

FIGURA 15 p.40

Fotografia do prédio de Stanborough Press Ltd.
Fonte: *ted.adventist.org*, 2021

FIGURA 16 p.41

Stanborough Press em 1928.
Fonte: *Stanborough Press Archives*, s.d.

FIGURA 17 p.42

Trabalhando na imprensa na década de 1920 em Stanborough Press.
Fonte: *Stanborough Press Archives*, s.d.

FIGURA 18 p.43

Primeira edição da revista *Messenger*, publicada em 10 de janeiro de 1936.
Fonte: *Stanborough Press Archives*, s.d.

FIGURA 19 p.44

Capa da revista *Messenger* de 15 de agosto de 2014, quando Stanborough Press celebrou 120 anos.
Fonte: *Stanborough Press Archives*, s.d.

FIGURA 20 p.45

Fotomontagem com algumas capas da revista *Messenger*. Da esquerda para direita, de cima para baixo: setembro de 1995; janeiro de 2000; agosto de 2001; janeiro de 2012; fevereiro de 2018; dezembro de 2020.
Fonte: *Stanborough Press Archives*, s.d.

FIGURA 21 p.46

Capa da edição de fevereiro de 1990. É possível ver que o layout era como os jornais.
Fonte: *Stanborough Press Archives*, s.d.

FIGURA 22 p.47

Captura de tela do website *adventist.uk*, onde é possível encontrar um acervo da revista *Messenger*.
Fonte: *Adventist.uk*, © 2022

FIGURA 23 p.48

Páginas 4 e 5 da edição de agosto de 2021.
Fonte: *Stanborough Press Archives*, s.d.

FIGURA 24 p.56

Capa da revista “House Update” de 2019 da igreja Hillsong no Reino Unido.
Fonte: *issuu.com*, 2020

FIGURA 25 p.57

Fotografia de publicações em variados formatos e suportes.
Fonte: *Investigador*, 2022

FIGURA 26 p.58

Logotipo da revista “The Economist”.
Fonte: *The Economist Group brand style guide*, 2017

FIGURA 27 p.59

A revista “Christianity Today” mudou seu logotipo, e consequentemente sua capa, diversas vezes ao longo dos anos.
Fonte: *christianitytoday.com*, © 2022

FIGURA 28 p.60

Icônica capa da revista “The Economist” de março de 2020.
Fonte: *economist.com*, 2020

FIGURA 29 p.61

Exemplos de grelhas modulares.
Fonte: *Samara*, 2017

FIGURA 30 p.62

Uma visualização artística de Johannes Gutenberg em sua oficina, mostrando sua primeira folha de prova.
Fonte: *britannica.com*, s.d.

FIGURA 31 p.63

Exemplificação de configuração do layout das fontes na revista “The Economist”.
Fonte: *The Economist Group brand style guide*, 2017

FIGURA 32 p.65

Anatomia interna da revista aplicada no projeto gráfico desenvolvido para a revista *Messenger*.
Fonte: *Investigador*, 2021

FIGURA 33 p.66

Anatomia da capa da revista aplicada no projeto gráfico desenvolvido para a revista *Messenger*.

Fonte: Investigador, 2021

FIGURA 34 p.79

Capa da revista *Messenger* de 29 de outubro de 2021.

Fonte: Adventist.uk/news/messenger/, 2021

FIGURA 35 p.79

Contracapa da revista *Messenger* de 29 de outubro de 2021.

Fonte: Adventist.uk/news/messenger/, 2021

FIGURA 36 p.79

Spread das páginas 2 e 3 da revista *Messenger* de 29 de outubro de 2021.

Fonte: Adventist.uk/news/messenger/, 2021

FIGURA 37 p.79

Detalhe da pág. 14 da revista *Messenger* de 29 de outubro de 2021.

Fonte: Adventist.uk/news/messenger/, 2021

FIGURA 38 p.81

Capa da revista *Adventista* de janeiro de 2021.

Fonte: acervo.cpb.com.br, 2021

FIGURA 39 p.81

Contracapa da revista *Adventista* de janeiro de 2021.

Fonte: acervo.cpb.com.br, 2021

FIGURA 40 p.81

Spread das páginas 2 e 3 da revista *Adventista* de janeiro de 2021.

Fonte: acervo.cpb.com.br, 2021

FIGURA 41 p.81

Capa da revista “*Adventist World*” em inglês de janeiro de 2021.

Fonte: adventistworld.org, 2021

FIGURA 42 p.83

Capa da revista “*Christianity Today*” de setembro de 2021.

Fonte: christianitytoday.com/ct/archives, 2021

FIGURA 43 p.83

Contracapa da revista “*Christianity Today*” de setembro de 2021.

Fonte: christianitytoday.com/ct/archives, 2021

FIGURA 44 p.83

Spread das páginas 2 e 3 da revista “*Christianity Today*” de setembro de 2021.

Fonte: christianitytoday.com/ct/archives, 2021

FIGURA 45 p.83

Capa da revista “*Christianity Today*” de novembro de 2021.

Fonte: christianitytoday.com/ct/archives, 2021

FIGURA 46 p.85

Capa da revista *A Sentinela* n.3 de 2021

Fonte: jw.org, 2021

FIGURA 47 p.85

Contracapa da revista *A Sentinela* n.3 de 2021.

Fonte: jw.org, 2021

FIGURA 48 p.85

Spread das páginas 12 e 13 da revista *A Sentinela* n.3 de 2021.

Fonte: jw.org, 2021

FIGURA 49 p.85

Capa da revista *A Sentinela* em inglês (*The Watchtower*) n.3 de 2021.

Fonte: jw.org, 2021

FIGURA 50 p.102

Capas de revistas religiosas protestantes usadas para determinar padrões comuns neste tipo de publicações.

Fonte: Investigador, 2021

FIGURAS 51 p.103

Primeiros estudos para a nova capa.

Fonte: Investigador, 2021

FIGURAS 52 p.103

Estudos avançados para posicionamento dos elementos e design da nova capa.

Fonte: Investigador, 2021

FIGURAS 53 p.103

Estudos de capa para a revista *Messenger*.

Fonte: Investigador, 2021

FIGURA 54 p.104

As duas capas selecionadas com anotações feitas pela orientadora. No design do lado esquerdo, foi questionado o tamanho do nome da revista em proporção com o restante da capa. No design do lado direito, foi indicado utilizar a data e numeração da revista no lado esquerdo superior da imagem; utilizar a mesma fonte do outro design para o nome da revista; reposicionar a imagem e mudar o subtítulo da revista.

Fonte: Investigador, 2021

FIGURA 55 p.104

Detalhe de um dos estudos da figura 54. Este foi o estilo adotado e aplicado nas capas escolhidas.

Fonte: Investigador, 2021

FIGURA 56 p.105

Novo design do nome (logotipo) para a revista *Messenger*.

Fonte: Investigador, 2021

FIGURA 57 p.106

Nova estrutura de design de capa escolhida para a revista *Messenger*.

Fonte: Investigador, 2021

FIGURA 58 p.106

Quatro edições antigas da revista *Messenger*. Da esquerda para a direita: edição de janeiro de 1936; edição de setembro de 1995; edição dezembro de 2000; edição de fevereiro de 2018.

Fonte: *Stanborough Press Archives*, s.d.

FIGURA 59 p.107

Processo de estudo da grelha e parte interna para a revista *Messenger*. Na imagem é possível ver a indicação do número de colunas, blocos, o uso da capitular, nomes de fontes para testar no corpo de texto e a ordem na qual os itens deveriam ser definidos.

Fonte: Investigador, 2021

FIGURA 60 p.108

Visualização do *spread* na página mestre no Adobe InDesign. É possível identificar as seis colunas em cada página, a área útil e as margens, o posicionamento do fôlio, das seções e também a divisão horizontal em quatro partes.

Fonte: Investigador, 2021

FIGURA 61 p.108

Visualização do *spread* no documento no Adobe InDesign das páginas 2 e 3 da revista *Messenger*. Podemos visualizar os elementos aplicados no design da nova grelha.

Fonte: Investigador, 2021

FIGURA 62 p.109

Recorte da página 22 utilizando o novo design para a revista *Messenger*. Podemos visualizar o título em destaque na cor roxa com a barra no lado esquerdo, a seção acima do título no canto superior esquerdo da página, a entrada abaixo do título, a letra capitular para iniciar o corpo de texto e também um parágrafo em destaque, também na cor roxa.

Fonte: Investigador, 2021

ÍNDICE DE TABELAS

FIGURA 63 p.110

Recorte da página 14 do novo layout da *Messenger*.

Fonte: Investigador, 2021

FIGURA 64 p.110

Recorte da página 19 do novo layout da *Messenger*.

Fonte: Investigador, 2021

FIGURA 65 p.111

Recorte da página 2 do novo layout da *Messenger*.

Fonte: Investigador, 2021

FIGURA 66 p.111

Recorte da página 3 do novo layout da *Messenger*.

Fonte: Investigador, 2021

FIGURA 67 p.112

Padrão de cores primárias indicado no site oficial da Igreja Adventista.

Fonte: identity.adventist.org, © 2022

FIGURA 68 p.113

Mockup do novo layout da revista *Messenger*.

Fonte: Investigador, 2021

FIGURA 69 p.115

Estudo de contracapa. Neste exemplo, a página não apresenta nenhuma diferenciação das páginas internas, era necessário criar um elemento que indicasse ser a contracapa.

Fonte: Investigador, 2021

FIGURA 70 p.115

Neste estudo, utilizamos uma cor de fundo e o texto em negativo trazia a diferenciação quando comparado as demais páginas, no entanto, a legibilidade não é a ideal. Uma terceira capa foi desenvolvida e escolhida. Fonte: Investigador, 2021

FIGURA 71 p.115

Estudo de fonte para o título e para o corpo de texto, neste caso, alinhado à esquerda.

Fonte: Investigador, 2021

FIGURA 72 p.116

Página 23 antes da primeira avaliação.

Fonte: Investigador, 2021

FIGURA 73 p.116

Página 23 após avaliações.

Fonte: Investigador, 2021

FIGURA 74 p.117

Layout final da contracapa. Foi aplicado a cor vermelha, igual ao do logotipo, mas com apenas 10% de opacidade, o que resultou em uma diferenciação em relação as páginas internas.

Fonte: Investigador, 2021

FIGURA 75 p.118

Layout final das apresentações das notas e autor do artigo.

Fonte: Investigador, 2021

FIGURA 76 p.118

Layout final para os títulos, entradas e corpo do texto.

Fonte: Investigador, 2021

FIGURA 77

Fotos do protótipo final.

Fonte: Investigador, 2021

FIGURA 78 p.120

Páginas 2 e 3 da revista *Messenger* de outubro de 2021.

Fonte: Adventist.uk/news/messenger/, 2021

FIGURA 79 p.120

Páginas 2 e 3 da revista *Messenger* de outubro de 2021 após o novo design.

Fonte: Investigador, 2021

FIGURA 80 p.121

Visualização de algumas das páginas internas (4,5,10 e 11) da revista *Messenger* após o redesign.

Fonte: Investigador, 2021

TABELA 1 p.86

Tabela comparativa de dados das revistas analisadas.

Fonte: Investigador, 2021

TABELA 2 p.88

Sequência da tabela comparativa das informações das revistas analisadas.

Fonte: Investigador, 2021

ACRÔNIMOS E ABREVIATURAS

a.C.	antes de Cristo (Anterior à era Cristã)
ADRA	Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais
APUD	citado por, conforme, segundo
BUC	<i>British Union Conference</i>
CT	<i>Christianity Today</i>
d.C.	depois de Cristo (Posterior à era Cristã)
EUA	Estados Unidos da América
FAUL	Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
IASD	Igreja Adventista do Sétimo Dia
ISSN	<i>International Standard Serial Number</i>
mm	milímetro
n.º	número
p.	página
pp.	páginas
PDF	<i>Portable Document Format</i>
pt	ponto(s)
RU	Reino Unido
s.d.	sem data
T.L.	Tradução Livre
UK	<i>United Kingdom</i>
USA	<i>United States of America</i>
Vol.	Volume
©	Copyright

INTRODUÇÃO

1.1. INTRODUÇÃO

Desde sempre, o ser humano procura formas de como se expressar, querendo compartilhar seus pensamentos, ideias e ideais, não apenas por meio de gestos e palavras, mas também visualmente. Ao estudarmos o design gráfico, há alguns elementos que podemos destacar como sendo parte dos principais marcos de sua história, independentemente de onde entendermos ser o seu ponto inicial. Vários são os momentos que fizeram parte da história e influenciaram a disciplina, como quando os escribas sumérios desenvolveram a escrita, no Egito com o surgimento dos manuscritos sobre papiros, com os blocos de madeira chineses, com os manuscritos iluminados medievais, ou a Revolução Industrial. Indiferentemente da cultura e região geográfica, cada um destes importantes marcos nos apresenta objetos como que revelam mensagens e figuras de adoração a divindades. Fato é que é impossível narrar a história do design sem mencionar a religião. (Meggs, P & Purvis, 2016, p.VIII)

Neste trabalho abordamos brevemente, por meio de uma linha do tempo, os principais marcos na história do design e discorreremos mais especificamente sobre dois destes momentos: os manuscritos iluminados e a invenção da impressão tipográfica, que viabilizou o primeiro livro impresso na Europa, a Bíblia de Gutenberg. Gutenberg “(...) trabalhou durante dez anos para obter sua primeira impressão e vinte anos até imprimir o primeiro livro tipográfico, chamado de Bíblia de 42 linhas” (Meggs, P & Purvis, 2016, p.77).

A escolha destes dois momentos deve-se ao facto de estes estarem diretamente conectados, não apenas ao design, mas também à religião. Além de que, a impressão tipográfica acabou por ser de extrema importância, pois facilitou a expansão da reforma protestante iniciada em 1517 com Martinho Lutero. (Meggs, P & Purvis, 2016, p.87)

Da Reforma Protestante, surgiram muitas novas denominações cristãs. Em 1831, um pregador Batista de nome William Miller, por meio de estudos da Bíblia, entendeu que Jesus retornaria à Terra por volta do ano de 1843. Muitas pessoas de diversas igrejas aceitaram essa mensagem, formando o movimento Milerita. Mais tarde, Samuel Snow concluiu que o dia exato para o retorno de Cristo seria em 22 de outubro de 1844. Mais de 100 mil pessoas aguardavam ansiosas por este evento que acabou não ocorrendo. Logo, muitos abandonaram o movimento Milerita, outros, no entanto, continuaram

a estudar a Bíblia. Deste grupo de estudiosos, surgiu um novo movimento que mais tarde seria chamado de adventistas. (Adventistas, s.d.), (Carvalho, 2012), (Silva, s.d), (Stencel, R. 2014).

A revista *Messenger* é uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia, no Reino Unido e na Irlanda, que teve a sua primeira edição em 10 de janeiro de 1936. Já a primeira publicação adventista é datada de 1849, quando um jovem chamado James White convenceu um editor local a imprimir mil cópias do manuscrito “*The Present Truth*”, que hoje é conhecido como revista “*Adventist Review*”. Apenas três anos mais tarde, em 1852, os adventistas compraram um prelo para que pudessem publicar os seus próprios panfletos e revistas. Ou seja, podemos perceber que desde o começo da sua história, os adventistas deram importância aos meios impressos para divulgação das suas mensagens. No entanto, será que podemos dizer que o mesmo zelo ainda é presente na atualidade, ou que está aplicado em todas as suas publicações? (Carvalho, 2012), (Marshall, 2014), (Novaes, 2018), (Stanborough, s.d).

Desde que William Addison Dwiggins cunhou o termo “*graphic design*” em 1922, o design gráfico tem evoluído constantemente, principalmente depois do desenvolvimento de novas tecnologias, sendo a maior delas o advento do computador. Num primeiro olhar, a revista *Messenger* não parece apresentar um design primoroso ou compatível com outras publicações atuais. Mas para que possamos melhor avaliar a revista *Messenger* é fundamental que primeiramente venhamos a conhecer a história do design editorial, com ênfase no segmento das revistas, e compreender as principais técnicas e conceitos empreendidos na disciplina. (Meggs, P & Purvis, 2016, p.VIII)

Uma vez que os conceitos teóricos sejam explorados, será possível desenvolver uma nova identidade visual e projeto editorial para a revista *Messenger* – respeitando a história da igreja, da própria publicação e o seu público-alvo.

2. PROBLEMÁTICA

Publicada mensalmente pela Conferência da União Britânica de Adventistas do Sétimo Dia e impressa pela *Stanborough Press Limited*, *Messenger* é a revista da Igreja Adventista do Sétimo Dia no

Reino Unido e na Irlanda. Sua primeira edição é datada de 10 de janeiro de 1936. Ao longo dos anos, a revista apresentou pouca, ou praticamente nenhuma mudança em seu projeto editorial ou identidade visual. Não há consistência visual nas capas do periódico nem no seu *layout* interno. Houve apenas uma mudança no “logo-tipo” a partir do ano de 2020 com a adição gráfica de um “M”. Sabemos que a mídia e a forma de comunicar com o mundo mudaram drasticamente nas últimas décadas, logo, é preciso rever alguns pontos para que a publicação possa acompanhar a evolução imposta pelas estruturas atuais da sociedade.

O autor deste projeto morou durante quatro anos em Watford (RU) e trabalhou como diretor de comunicação da Igreja Adventista de Stanborough Park, na Inglaterra. Durante este período, pode notar-se que o interesse no periódico por parte da membresia era mínimo, mesmo sendo gratuito, e boa parte das publicações tinham como destino final a reciclagem. A partir daqui, surgiu o interesse de buscar entender melhor os motivos pelos quais a revista aparenta estar em declínio e o desejo de perceber como as ferramentas do design de comunicação podem contribuir para que a publicação possa ser ainda (ou novamente) relevante não apenas para o seu fiel leitor, mas alcançando novos leitores.

Este projeto se propôs a criar uma nova identidade visual e editorial capaz de refletir a história e a visão de futuro da revista *Messenger*.

2.1. QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

Considerando que a revista *Messenger* tem origem em uma igreja que atribui importante valor às publicações impressas, surgiram as seguintes questões:

- A revista *Messenger* é ainda relevante para seu público-alvo?
- Quais são os princípios e boas práticas do design editorial e como a utilização correta dos mesmos pode contribuir para a melhoria da revista *Messenger*?
- É possível por meio de um redesign da publicação torná-la mais relevante, ou ainda, atrair uma nova audiência?

3. OBJETIVOS

Considerando que a história do design gráfico está intrinsecamente conectada à religião e que o objeto de estudo deste trabalho é uma revista de cunho religioso, surgiram os seguintes objetivos:

3.1. OBJETIVOS GERAIS

- Perceber a relação entre design gráfico e religião.
- Compreender o uso e a importância dos princípios e boas práticas do design editorial em publicações religiosas.
- Explorar as origens históricas da revista *Messenger* e compreender seu contexto atual e perspectivas para o futuro.

3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Criar uma nova proposta de identidade visual para a revista *Messenger*.
- Criar um novo projeto gráfico editorial para a revista *Messenger*.
- Desenvolver um protótipo/modelo base para a revista *Messenger* de acordo com a identidade visual e projeto gráfico desenvolvido durante este trabalho.

4. DESENHO DA INVESTIGAÇÃO

Atendendo ao carácter prático desta dissertação, foi conduzida uma investigação ativa: a metodologia utilizada é qualitativa com abordagens intervencionista e não intervencionista, dividida em três etapas: Exploratória, Generativa e Avaliativa.

ETAPA EXPLORATÓRIA: Foi inicialmente foi adotada uma metodologia não intervencionista de crítica da literatura, através das etapas de recolha, seleção e análise dos assuntos pertinentes ao trabalho. Este material proveniente de livros, artigos, dissertações e páginas da web, foram essenciais para compor os conhecimentos teóricos necessários para as demais etapas.

Para além desta contextualização, foi também realizado um Estudo de Casos, no qual analisamos a revista *Messenger* e outras três revistas de cunho religioso similares à publicação em estudo, explorando seus aspectos positivos e negativos do ponto de vista do design editorial. Foi ainda realizada e uma entrevista exploratória com o editor da revista, Pastor David Neal.

Todas as informações recolhidas foram analisadas e serviram de base à etapa seguinte.

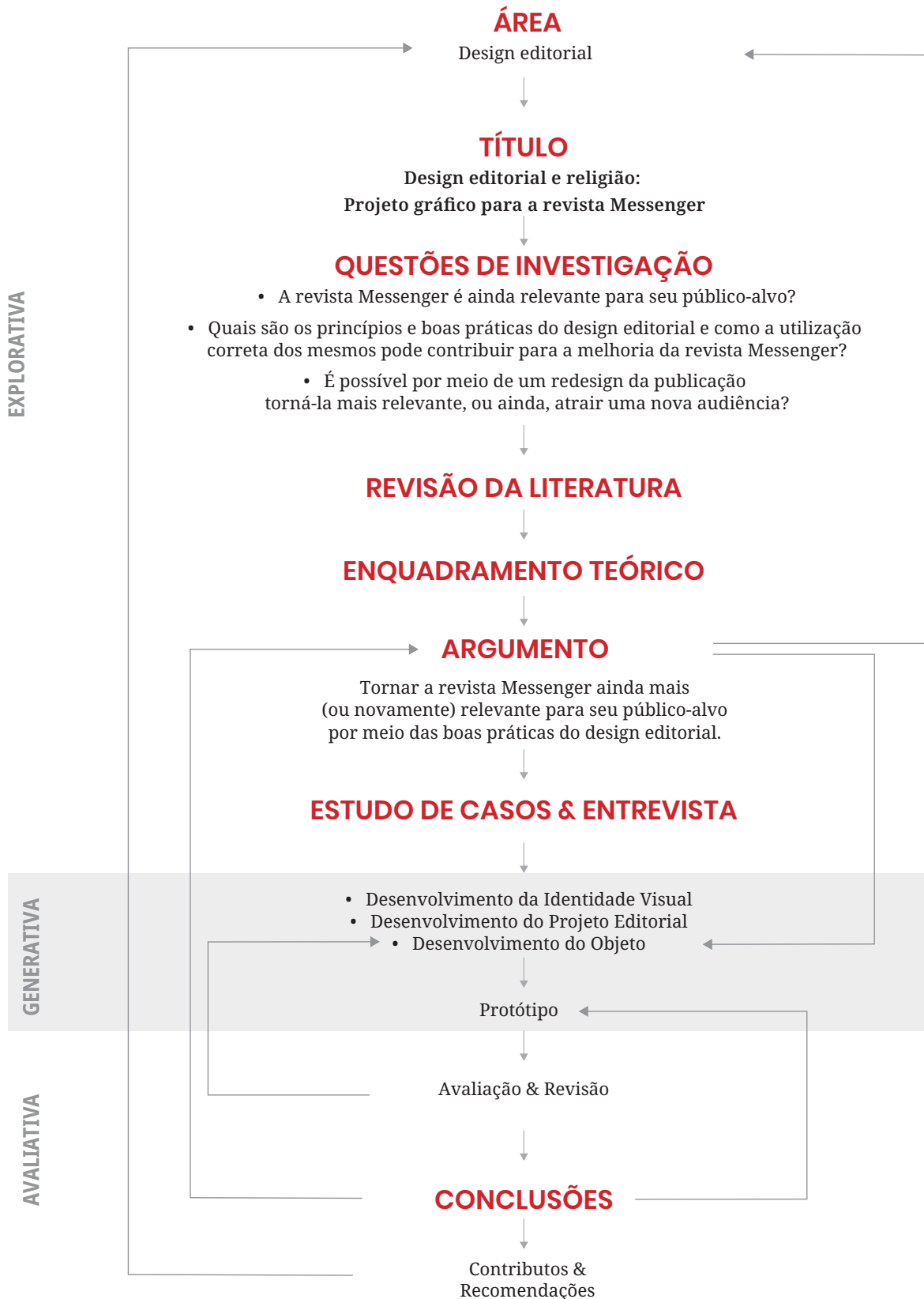
ETAPA GENERATIVA: Com base em todas as conclusões retiradas da fase anterior, deu-se início ao desenvolvimento projetual, com vista à criação de uma nova identidade visual e de um novo projeto gráfico para a revista *Messenger*.

ETAPA AVALIATIVA: O objeto sofreu uma avaliação de forma contínua pelo autor, acompanhado da orientadora, que também realizou uma avaliação do primeiro protótipo. Destes ciclos de avaliação, emanaram diversas tomadas de decisão que foram contribuindo para a consolidação e aperfeiçoamento do projeto.

Para facilitar a visualização dos processos descritos anteriormente, foi desenvolvido um organograma apresentado na **FIGURA 1**.

4.1. ORGANOGRAMA DA INVESTIGAÇÃO

FIGURA 1 Organograma do processo investigativo.
Fonte: Investigador, 2021



5. BENEFÍCIOS

Acreditamos, que a presente investigação trará benefícios a alunos e profissionais interessados na área do design editorial, mas acima de tudo, aos próprios leitores da revista. Estes, podem ser divididos em macro e micro benefícios, como se descreve de seguida.

MACRO-BENEFÍCIOS:

- O projeto pode ser um contributo para a investigação futura dentro das áreas do design de comunicação e religião;
- Este estudo apresenta componentes teóricos sobre a história do design e sua relação com a religião, sobre a influência da impressão tipográfica na expansão do protestantismo e do uso dos meios impressos na Igreja Adventista, mais especificamente na revista *Messenger*. Tais informações podem ser úteis para a formação académica e para a comunidade científica (nomeadamente da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa);
- O projeto final, caso implementado pela editora, será de grande benefício para os seus leitores;

MICRO-BENEFÍCIOS:

- A investigação destes temas proporciona maior conhecimento teórico e prático ao investigador que por sua vez poderá aplicá-los em sua vida profissional e pessoal;
- O uso de softwares e técnicas específicas utilizadas na prática durante o processo deste projeto enriquece as habilidades e o currículo do autor;
- O objeto final poderá ser implementado pela editora, o que, além de enriquecer o portfólio do autor, poderá trazer novas oportunidades de trabalho;

6. FATORES CRÍTICOS

A presente investigação apresenta determinados fatores de sucesso, podendo considerar o principal deles o facto de o autor ter formação em Comunicação Social com ênfase em Publicidade, Propaganda e Criação pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, Brasil. E, para além disto, de possuir quase dez anos de experiência

profissional atuando na área de design gráfico, tanto em agência quanto como profissional *freelancer*.

O autor trabalha atualmente como gerente de projeto no desenvolvimento de um jogo para celular e sabe da importância de ter um bom planejamento, organização e gestão de tempo, para que todo o projeto possa ser concluído dentro do período proposto; Além de conhecer pessoalmente o atual editor da revista *Messenger* e ter residido e trabalhado durante quatro anos diretamente com o público-alvo desta publicação;

Por outro lado, existem fatores críticos que podem constituir dificuldades nesta investigação, tais como o fato de o autor não ter muita experiência no design editorial e trabalhar a tempo quase que integral em outros projetos para além do mestrado. Para além disto, também a dependência de terceiros para realização de entrevistas ou para revisão dos materiais pode constituir um desafio. E ainda o facto de a investigação ser desenvolvida durante a época pandémica causada pela COVID-19, teve impacto nos prazos de entrega, nas pesquisas e até mesmo na saúde física e mental do autor.

7. DISSEMINAÇÃO

Este projeto será primeiramente apresentado durante a prova pública de defesa da dissertação, e será posteriormente disponibilizado no repositório académico da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (FAUL). Se possível, será também facultado a outros repositórios ou bibliotecas com livre acesso para estudantes, professores e pesquisadores.

Caso este projeto seja aprovado e implementado pela Stanborough Press, há a possibilidade de que a componente prática desta investigação – o projeto editorial – esteja disponível em pontos físicos específicos no território do Reino Unido e Irlanda, e também *online*, no *website* da BUC.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adventistas, s.d. *A Nossa História*.

Disponível em: <https://www.adventistas.org.pt/quem-somos/a-nossa-historia>.
[Acedido a 27 de dezembro de 2020].

Carvalho, F. L. G., 2012. *A Igreja Adventista do Sétimo e a Mídia Impressa*. Acta Científica, Engenheiro Coelho, v. 21, n. 2, p. 89-100, jan/abr 2012.

Marshall, D., 2014. ‘Stanborough Press: 120 years of Service’. Messenger: Journal of the Seventh-day Adventist Church in the United Kingdom and Ireland. Vol. 119, 17/18, 15 August 2014, n. 19 – 21 August 2014, p.1-15.

Meggs, P. B. & Purvis, A. W., 2016. *Meggs' History of Graphic Design*. John Wiley & Sons, New Jersey.

Novaes, A. M., 2018. *Uma breve história da cultura visual adventista nos anos 1830 a 1860: o uso de imagens religiosas por um movimento de orientação textocentrada*. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 21, n.1, jan./jun. 2018, p. 38-61.

Silva, D.N., s.d. *Reforma Protestante*.

Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/reforma-protestante.htm>.
[Acedido a 28 de dezembro de 2020]

Stanborough, s.d. *A Brief History*.

Disponível em: <https://www.stanboroughpress.org.uk/history/>.
[Acedido a 9 de setembro de 2020]

Stencel, R., 2014. *Os mileritas e o Grande Desapontamento de 1844*. Disponível em: <https://www.adventistas.org/pt/espiritodeprofecia/os-mileritas-e-o-grande-desapontamento-de-1844/>. [Acedido a 27 de dezembro de 2020].

PARTE 1

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo 1

DESIGN EDITORIAL E A RELIGIÃO

NOTA INTRODUTÓRIA

Esta pesquisa não propõe explicar a origem e a história completa do design gráfico, pois há muitos trabalhos mais completos e complexos que discorrem sobre este assunto. No entanto, é pertinente para o enquadramento do nosso estudo, abordar sucintamente alguns pontos que proporcionaram as bases para o design gráfico e editorial, e sem os quais a disciplina não seria certamente aquilo que é. De acordo com Meggs, o termo “*graphic design*” é relativamente recente, datando de há 100 anos – 1922 – e tendo sido cunhado pelo designer William Addison Dwiggins para descrever a atividade de uma nova profissão que surgia, a de alguém que organiza e estrutura a forma visual de um material impresso (Meggs, P & Purvis, 2009, p.10).

Durante esta exploração histórica, procuramos lançar um olhar a fim de encontrar os paralelos entre design e religião, com um enfoque especial em dois destes eventos, pois entendemos que estão diretamente conectados ao tema desta pesquisa: os manuscritos iluminados e a prensa de Gutenberg. A popularização da impressão com tipos móveis no mesmo período em que Martinho Lutero questionava a religião da época, fez com que estas ideias se pudessem rapidamente espalhar por toda a Europa, sendo este um meio propulsor da Reforma Protestante. (Batty, 2017.)

1. A RELAÇÃO ENTRE DESIGN EDITORIAL E RELIGIÃO: BREVE PANORAMA HISTÓRICO

Antes da invenção da escrita, qualquer pensamento ou informação narrada era transmitida apenas de pessoa para pessoa, sem qualquer forma de registro. Não se pode precisar quando exatamente os primeiros seres humanos começaram a criar registros visuais que representavam suas ideias ou visões do seu cotidiano. Estes primeiros grafismos eram figuras extremamente simples, podendo ser constituídos por sinais abstratos ou geométricos, para representar objetos produzidos pelo próprio homem ou observados na natureza, como figuras de animais, plantas e os astros. Os desenhos encontrados em cavernas pintados por estes homens primitivos são chamados de pictografias – “figuras ou esboços elementares que representam coisas.” Podemos encontrar estas pictografias ou ideografias – “símbolos para representar ideias ou conceitos”, entalhadas ou riscadas em paredes de cavernas e rochas ao redor de todo o globo, como apresenta a **FIGURA 2**. Muito provavelmente o desenvolvimento da escrita veio a partir destas linguagens visuais, sendo possível notar uma conexão próxima na forma como estes desenhos eram feitos e o traçado da escrita primitiva. As duas formas são utilizadas para expressar ideias e informações, criando-se um registro para aqueles seres humanos. (Meggs, P & Purvis, 2016, p.5)

“As primeiras pictografias evoluíram em dois sentidos: primeiro, foram o começo da arte figurativa – os objetos e eventos do mundo eram registrados com crescente fidelidade e exatidão no decurso dos séculos; segundo, formaram a base da escrita. As imagens, retida ou não a forma figurativa original, em última instância se tornaram símbolos de sons da língua falada” (Meggs, P & Purvis, 2016, p.6).

Avançando da pré-história até cerca de 8000 a.C., chegamos na Mesopotâmia, um dos berços da civilização. Foi ali que se formou uma sociedade aldeã, já não mais baseada no nomadismo, vagando de um lugar para o outro, mas adquirindo hábitos de cultivar o solo. Por volta do ano 3000 a.C. os sumérios se estabeleceram nesta região. Foi justamente nesta região em que os sumérios desenvolveram a invenção da escrita que, por sua vez, foi uma revolução intelectual



FIGURA 2
Pintura fremont em rocha do outeiro de San Raphael, Utah, c. 2000-1000 a.C. O povo fremont vivia no sul de Utah.
Fonte: Meggs, P & Purvis, 2016



FIGURA 3

Antiga tabuleta pictográfica suméria, 3100 a.C. Esta arcaica escrita pictográfica continha o germe do desenvolvimento da escrita. As informações são estruturadas em áreas quadriculadas por divisão horizontal e vertical.

Fonte: Meggs, P & Purvis, 2016

e social, contribuindo para diversos avanços e expansão da cultura (Meggs, P & Purvis, 2016, p.6 e 7).

A escrita suméria continuou a evoluir, indo além de traços que representavam coisas existentes para ideias intangíveis. Com a necessidade de representar os sons falados surgia a escrita cuneiforme, na qual imagens representam palavras e palavras que tinham sons similares eram agrupadas foneticamente para representarem outros sons. “A explosão do conhecimento possibilitada pela escrita foi notável. Foram organizadas bibliotecas contendo milhares de tabuletas sobre religião, matemática, história, direito, medicina e astronomia” (Meggs, P & Purvis, 2016, pp.9-10).

No Egito, diferentemente dos sumérios, que progrediu da escrita totalmente pictográfica para o modelo cuneiforme, manteve-se o sistema de escrita baseado em figuras, nomeado de hieroglífica, que significa “entalhe sagrado” em grego, tradução do termo egípcio “as palavras de deus”. Ora, vemos que a religião estava presente até mesmo no significado do termo que descreve a escrita egípcia, muito provavelmente porque era usado para narrar suas crenças e ritos. Este modelo de escrita data de mais de 3100 a.C. e durou quase três mil e quinhentos anos (Meggs, P & Purvis, 2016, p.13).

Um fator importante na evolução da comunicação visual no Egito foi o desenvolvimento do papiro (Meggs, 2016, p. 14). Este novo material proporcionou que “Os egípcios foram o primeiro povo a produzir manuscritos ilustrados nos quais palavras e figuras se combinavam para comunicar informações” (Meggs, P & Purvis, 2016, p.17).

Os egípcios tinham em sua cultura uma forte ligação com o sagrado, principalmente em sua crença na vida após a morte. Um dos documentos mais importantes produzidos por eles ficou conhecido como “O Livro dos Mortos” (FIGURA 4).

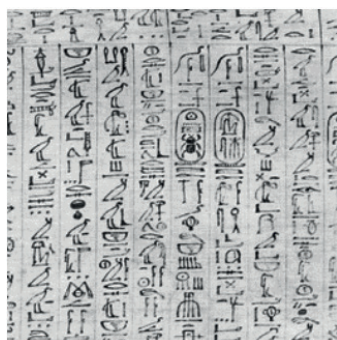


FIGURA 4

Detalhe do Livro dos Mortos de Tut-mes III, c. 1450 a.C. Os escritos hieroglíficos foram simplificados, mas mantiveram sua origem pictográfica.

Fonte: Meggs, P & Purvis, 2009

Não foi exclusividade do ocidente participar da narrativa histórica que permeia o design. Na Ásia, podemos destacar a escrita chinesa, que era exclusivamente visual, de modo semelhante aos hieróglifos egípcios ou à escrita maia na América. “A mais antiga escrita chinesa conhecida é chamada chiakuwen, ou grafia “osso e casco”, usada de 1800 a 1200 a.C.” (Meggs, P & Purvis, 2016, p.35).

Mas certamente, o grande marco oriental relativamente ao design é a invenção do papel, datada do ano 105 d.C.. Este grande feito é atribuído a um funcionário do governo Ts'ai Lun, que posteriormente o comunicou ao imperador. Ele acabou tornando-se o “deus

dos fabricantes de papel”. O processo para se fazer papel foi praticamente o mesmo até o século XIX quando se tornou um processo mecanizado na Inglaterra. (Meggs, P & Purvis, 2016, p.39).

“A impressão, um dos principais feitos na história humana, foi inventada pelos chineses. A primeira forma foi a impressão em relevo; os espaços em volta de uma imagem sobre uma superfície plana são extraídos, aplica-se tinta sobre a superfície remanescente em alto-relevo e uma folha de papel é colocada sobre a superfície e friccionada para transferir a imagem tingida para o papel. Duas hipóteses foram propostas para a invenção da impressão. Uma é que o uso de sinetes entalhadas para produzir marcas de identificação evoluiu para a impressão. (...) A segunda teoria sobre as origens da impressão gira em torno da antiga prática chinesa de fazer decalques à tinta de inscrições entalhadas em pedra” (Meggs, P & Purvis, 2016, p.39-40).

Estes carimbos chineses foram chamados de “chops” (FIGURA 5). Não há, no entanto, certeza se a impressão em relevo se originou da primeira hipótese (carimbos) ou da segunda hipótese (dcalques em pedra), ou ainda, de uma mistura das duas.

O documento “Sutra do Diamante”, datado do ano de 868 d.C., que apresenta lições de Buda a seu discípulo mais velho, é o manuscrito impresso mais antigo já encontrado. Foi produzido no Japão, graças à forte influência oriunda da China durante o século VIII, trazendo não apenas sua cultura, mas também a religião budista.

Quatrocentos anos antes de Gutenberg, o alquimista chinês Bì Sheng (1023-1063) desenvolveu o conceito de tipo móvel. “A revolução silenciosa que a impressão operou na vida intelectual chinesa provocou um renascimento da aprendizagem e da cultura tal como o que certamente provocou no Ocidente a invenção do tipo móvel por Johann Gutenberg mais de quatrocentos anos depois” (Meggs, P & Purvis, 2016, p.45). Entretanto esta importante inovação, que poderia ser tão grande quanto a da invenção do papel, talvez só não tenha se popularizado porque o alfabeto chinês contém mais de 44 mil caracteres, sendo muito complexa a implementação de tal sistema em larga escala. Era mais rápido e econômico continuar a fazer cópias manuscritas. Ainda assim, a contribuição chinesa na história do design é gigantesca. Tais inovações foram



FIGURA 5
O chop chinês.
O tradicional carimbo chinês de identificação é inscrito na base de uma pequena escultura decorativa esculpida em pedra macia.
Fonte: Meggs, P & Purvis, 2016

disseminadas na Europa medieval durante o início do Renascimento, que contou com a ajuda daquela que seria um marco na mudança entre estes dois períodos históricos, a impressão. (Meggs, P & Purvis, 2016, p.46)

1.1. DOS MANUSCRITOS ILUMINADOS À INVENÇÃO DA IMPRESSÃO TIPOGRÁFICA

“Illuminated manuscripts convey to us timeless values and ideals from which today’s graphic designers can still find meaning and relevance”² (Kantor, 2007).



FIGURA 6
Cena do filme
“O nome da rosa”, 1986.
Fonte: Frank, T.S., 2015

Durante séculos, a igreja obteve o monopólio da criação de livros e quase todos os manuscritos iluminados foram escritos em mosteiros sob a responsabilidade da Igreja.

O termo manuscrito iluminado teve origem no efeito que é produzido quando suas folhas douradas eram refletidas na luz. Utilizamos, portanto, este termo para todos os livros criados e ilustrados manualmente, desde o seu surgimento no final do Império Romano até pouco depois de 1450, por conta do surgimento do livro impresso na Europa.

O processo para produzir um manuscrito era lento, minucioso e muito caro. Os monges, além de copiarem os textos, também eram responsáveis por ornamentar e ilustrar os manuscritos. Ou seja, a Igreja e estes monges foram responsáveis por desenvolver diversas técnicas ao longo dos anos que vieram a fazer parte do design, como é o caso da caligrafia, ilustração, utilização de cores, e até mesmo na estrutura do corpo editorial: O editor/diretor de arte era o chefe do “*scriptorium*”; O “*scriptorium*” monástico era o nome dado ao local onde os monges trabalhavam produzindo os manuscritos. Seria como um estúdio ou o escritório de design dos dias atuais. O “*copisti*” era o letrista ou designer editorial; O ilustrador ou designer gráfico seria o “*iluminator*”. Foram eles também responsáveis por introduzirem o “colofão”, que é a ficha técnica com informações sobre a obra produzida. (Meggs, P & Purvis, 2016, p.49-51)

² T.L.: “Manuscritos iluminados nos transmitem valores e ideais atemporais a partir dos quais os designers gráficos de hoje ainda podem encontrar significado e relevância.”

É importante destacar também a contribuição de outros povos e culturas durante o período dos manuscritos iluminados, como é o caso dos celtas que apresentavam grafismos abstratos e muito complexos com desenhos e linhas geométricas, em que a grande inovação foi a de “deixar um espaço entre as palavras para permitir ao leitor separar mais depressa a fieira de letras em palavras” (Meggs, P & Purvis, 2016, p.54). No Islamismo, uma das maiores religiões do mundo, Maomé – seu principal profeta – sabia que era importante que seus fiéis soubessem ler e escrever para ajudar na propagação da religião. Durante os séculos VIII e XVI, as bibliotecas nas regiões islâmicas eram maiores e mais importantes do que na Europa, ao “longo dos séculos, a ornamentação se tornou cada vez mais elaborada, com intrincados desenhos geométricos e arabescos preenchendo o espaço para tornar-se expressões transcendentais do caráter sagrado do Corão” (Meggs, P & Purvis, 2016, p.63).

O século XV, foi um divisor de águas entre a Idade Média e a Idade Moderna. A produção de manuscritos iluminados continuava a crescer, principalmente para o uso privado. Foi neste período que a criação e a ilustração de livros iluminados chegaram ao apogeu graças ao talento dos irmãos Limbourg (Paul, Herman e Jean). Porém, com a invenção dos tipos móveis no ocidente, os manuscritos iluminados acabariam por dar lugar aos livros tipográficos. Esta técnica milenar continuou a ser produzida até meados do século XVI. (Meggs, P & Purvis, 2016, p.66).

Johan Gensfleisch zur Laden zum Gutenberg foi quem entrou para a história como sendo responsável por reunir as condições necessárias para imprimir um livro tipográfico. Gutenberg não foi o primeiro a propor a impressão de textos, no entanto, “[...] sua ideia de um tipo móvel de metal, que podia juntar-se a outros para formar palavras, frases encadeadas em linhas ordenadas, foi o modelo que obteve maior sucesso, em vista de sua eficiência e economia” (Rodrigues, 2012, p.189).

Após montar os blocos de texto a partir dos tipos, organizados por página, era possível imprimir e reproduzir a mesma página diversas vezes. Como referimos anteriormente, os primeiros a criar a impressão com tipos móveis foram os chineses e, é provável que os europeus não conheciam essa tecnologia na idade média, mas finalmente por volta de 1450 já tinham reunidos os elementos suficientes necessários para revolucionar a história. (CRF, 2009, s.p.)



FIGURA 7
O Livro de Horas tornou-se o livro mais popular da Europa. Esse volume de devoção pessoal continha textos religiosos para cada hora do dia, orações e calendários listando os dias santos importantes.
Fonte: Meggs, P & Purvis, 2016

Foi necessário um tremendo esforço para poder produzir o primeiro livro tipográfico, que é considerado um dos mais belos exemplares da arte da impressão. Gutenberg trabalhou por pelo menos dez anos para conseguir a primeira impressão e cerca de vinte anos para completar o primeiro livro tipográfico por inteiro, nomeado de a Bíblia de 42 linhas. (Meggs, P & Purvis, 2016, pp.77 e 80)



FIGURA 8
A Bíblia de Gutenberg
fotografada na British
Library em Londres.
Fonte: Investigador, 2020

A Bíblia de Gutenberg (**FIGURA 8**) consiste em duas colunas impressas em mais de 1.000 páginas. Diferentemente dos manuscritos iluminados, a Bíblia de 42 linhas apresentava colunas justificadas, precisamente alinhadas, impressas em preto e vermelho. Para tal, era necessário pressionar (ou imprimir) a mesma página mais de uma vez, uma para a inserção de cada cor. O acabamento final era dado por artistas, que pintavam letras especiais, desenhos e elementos decorativos em algumas páginas. É provável que o intuito de Gutenberg, assim como foi o de Fust, fosse o de vender esses livros como se fossem manuscritos feitos manualmente pelos escribas. (CRF, 2009, s.p.)

De acordo com Chartier *apud* Lemos (2011), os livros produzidos no período entre a publicação da primeira Bíblia de Gutenberg até o começo do século XVI, nomeadamente os primeiros anos do livro impresso com tipos móveis, ficaram conhecidos como incunábulos, palavra de origem do latim “in cuna”, que em português significa “no berço”. Ou seja, eram os primeiros passos de um livro que, apesar de não ser mais um manuscrito, ainda carregava muitas características de um manuscrito, inclusive utilizando-se de acabamentos manuais após o processo de impressão para simular o trabalho dos copistas (Lemos, 2011, p.4), (Chartier, 1998, p.98).

À medida que a religião Cristã crescia e ganhava maior autoridade religiosa e política, crescia também a produção dos livros litúrgicos. Além da Bíblia de Gutenberg, podemos destacar outros livros religiosos que trouxeram consigo inovações para a época. Mencionaremos aqui dois, ambos publicados por Fust e Schoeffer. O primeiro é o livro “Salmo em Latim”, publicado em 14 de agosto de 1457, que trouxeram como inovação grandes iniciais bicolores decoradas que pareciam páginas manuscritas, de tão belas. Este livro também foi o primeiro a conter marca registrada, selo de um tipógrafo, data de publicação da impressão e o colofão. O segundo destaque é o livro “*Rationale Divinorum Officiorum*” (Fundamentos dos Sagrados Ofícios), de 1459. Este era um livro extenso sobre cerimônias religiosas e foi o primeiro livro a utilizar um tipo de

tamanho menor a fim de conservar espaço e economizar trabalho gráfico, páginas e tinta. (Meggs, P & Purvis, 2016, p.81-82)

Mais de mil gráficas surgiram em um período de meio século, espalhadas por toda a Europa. Juntas, produziram mais de 10 milhões de cópias de livros em latim e outras línguas europeias. Os livros ficaram mais baratos e acessíveis a todos que soubessem ler. Inicialmente, a Igreja Católica Romana viu com bons olhos a nova tecnologia, considerando-a até como a “arte divina”. Os líderes da Igreja entendiam que a facilidade da impressão de Bíblias e manuais ajudaria a padronizar o culto na Europa. Só não esperavam que Martinho Lutero acabasse se tornando o primeiro autor de *best-sellers* do mundo (CRF, 2009, s.p.).

2. A INFLUÊNCIA DA IMPRESSÃO TIPOGRÁFICA NA EXPANSÃO DO PROTESTANTISMO

Desde o seu aparecimento, a escrita sempre foi feita manualmente, e até finais da Idade Média, pouquíssimas pessoas eram alfabetizadas e sabiam ler e escrever. Apenas as elites podiam usufruir destes privilégios e a grande maioria fazia parte das autoridades religiosas, como os monges e os escrivães. Eles também eram os únicos a ter livre acesso aos livros, até então produzidos e guardados em mosteiros e catedrais. Logo, a Igreja tinha um monopólio sobre conhecimento e sobre o direito de ler e escrever. Justamente por isso, de acordo com Liulevicius, o impacto da imprensa na religião foi tão grande, pois mudou um paradigma que durava há centenas de anos.

Inicialmente, Gutenberg não rompeu com as autoridades religiosas, pelo contrário, muito além das Bíblias “(...) também produziu panfletos que falavam de questões generalizadas da época, incluindo uma proclamação papal convocando uma cruzada contra os turcos, como retaliação a Constantinopla. (...) imprimiu indulgências, que eram formas especiais emitidas pelas autoridades católicas, para oferecer a libertação de seus pecados em troca de atos de penitência e um pagamento em dinheiro”³ (Liulevicius, 2020, s.p.).

³ T.L.: “He also produced pamphlets that spoke of widespread issues of the time, including a papal proclamation calling for a Crusade against the Turks, as retaliation for Constantinople. He also printed indulgences, which were special forms issued by the Catholic authorities, to offer liberation from one’s sins in exchange for acts of penance and a monetary payment.”



FIGURA 9
Impressão das 95 Teses
em uma igreja de
Nuremberg, atualmente
disponível na Biblioteca
Estadual de Berlim.
Fonte: Biblioteca Digital
Mundial, s.d.

A priori, a nova invenção ajudava a Igreja Católica na disseminação de publicações de seu interesse. No entanto, quando o então padre católico Martinho Lutero, escreveu as “Noventa e Cinco Teses” (FIGURA 9) contestando algumas práticas da igreja católica em 31 de outubro de 1517, a mesma imprensa foi utilizada por amigos e simpatizantes de Lutero para divulgação de suas ideias, e antes do final daquele ano, já era possível encontrar cópias das “Noventa e Cinco Teses” em toda Europa central. Meggs chega a ponderar que sem os tipos móveis, era provável que a Reforma Protestante não tivesse acontecido. Ou certamente não com a velocidade em que ocorreu. Ou seja, tanto Lutero quanto o papa Leão X fizeram uso da imprensa como ferramenta de massa para travar uma disputa teológica no continente europeu (Meggs, P & Purvis, 2016, p.87).

Cada lado do movimento começou a usar a imprensa para expor e debater sobre os seus pontos de vista. Muitos livros considerados heréticos foram queimados e banidos. A Imprensa iniciou, portanto, a sua relação com a religião tornando-se um fator de solidificação da autoridade cristã e acabou se tornando um importante causa de rupturas na comunidade (Liulevicius, 2020, s.p.).

Liulevicius afirma que “Lutero fazia um apelo por grandes reformas na Igreja, ironicamente incluindo também a necessidade de abolir as indulgências, como as que Gutenberg vinha imprimindo.”⁴ A mensagem de Lutero não podia ser abafada pelas autoridades católicas e suas mensagens propagaram-se por todo continente, causando uma divisão na igreja cristã. Essa divisão colocou diversos grupos em conflito por suas diferenças teológicas, de crenças e práticas de adoração.

A Reforma não ocorreu porque a prensa de tipos móveis fora criada, mas a “impressora móvel produziu muito mais cópias de escritos religiosos críticos da Igreja Católica do que seria possível antes da invenção de Gutenberg”⁵ (CRF, 2009, s.p).

Desde cedo, Lutero percebeu a importância de tornar os seus escritos populares acessíveis ao povo para conseguir atrair mais adeptos, de modo bem diferente da Igreja, que utilizava apenas o

⁴ T.L.: “(...)when the Catholic priest Martin Luther announced his famous Ninety-Five Theses, raising the call for major revamps in the Church, ironically also including the need to abolish the indulgences, such as the ones Gutenberg had been printing”

⁵ T.L.: “(...)the movable-type printing press produced many more copies of religious writings critical of the Catholic Church than would have been possible before Gutenberg’s invention.”

latim nas missas e em suas comunicações oficiais, o que dificultava a comunicação. Lutero acabou por se tornar uma celebridade e seus escritos estimularam o recém-nascido mercado editorial. (Karant-Nunn, S., & Lotz-Heumann, U., 2017).

Aperfeiçoada, a imprensa era um meio de fazer circular as ideias rapidamente, o que facilitou a divulgação das ideias reformistas. Will Durant, autor de “A Reforma”, chega a afirmar que “Gutenberg tornou Lutero possível” (Klug, 1998, p. 22). Em pouco tempo, os sermões, panfletos e livros de Lutero convocando os cristãos a reformar a igreja, estavam fluindo das impressoras. Entre 1517 e 1520, os impressores publicaram centenas de milhares de cópias de seus escritos (CRF, 2009, s.p.). Segundo Liulevicius (2020), “cerca de um terço de todos os livros impressos na Alemanha, que eram quase um milhão de livros por ano, foram escritos por Lutero. Tecnicamente, isso realmente fez de Martinho Lutero o primeiro autor *best-seller* moderno. No ano de 1600, quase metade da Europa era protestante.”⁶

Além disso, as cópias impressas das Bíblias vernáculas (Bíblias na língua local e não em Latim como era de costume, neste caso impressas em alemão) ajudaram na insistência de Lutero de que os cristãos deveriam ler as escrituras silenciosamente por conta própria, em vez de dependerem dos oficiais da igreja para sua salvação. Assim, a Reforma Protestante e a revolução da impressão combinaram para encorajar a alfabetização e a literacia entre as pessoas comuns na Europa e, mais tarde, na América. (CRF, 2009, s.p.)

3. AS REVISTAS E SEU USO NA RELIGIÃO

Por volta de 1490, a imprensa já estava presente em praticamente todos os países do Ocidente. Antes mesmo do início do século XVI, já existiam 110 oficinas de impressão em várias cidades europeias (Aston, 1968, p. 69-70). Com o ávido crescimento das oficinas e o surgimento de novas técnicas, era questão de tempo para surgirem novos formatos e meios.

⁶T.L.: “At the time, about one-third of all the books printed in Germany, which were close to a million books a year, were written by Luther. Technically, that really made Martin Luther the first-ever modern bestselling author. By the year 1600, nearly half of Europe was Protestant.”

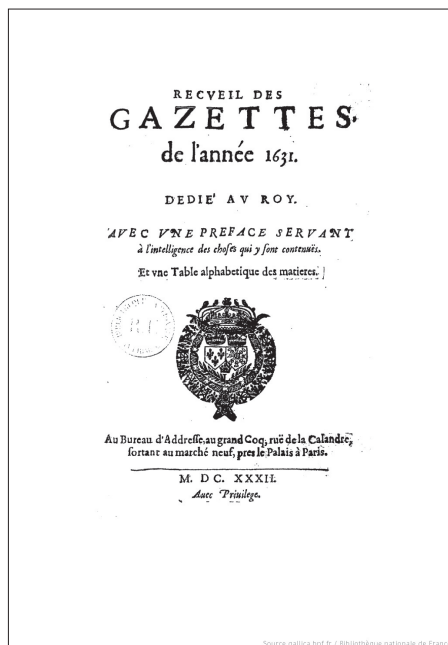


FIGURA 10
La Gazette, considerada a primeira revista semanal publicada na França, 1631.
Fonte: Bibliothèque Nationale de France s.d

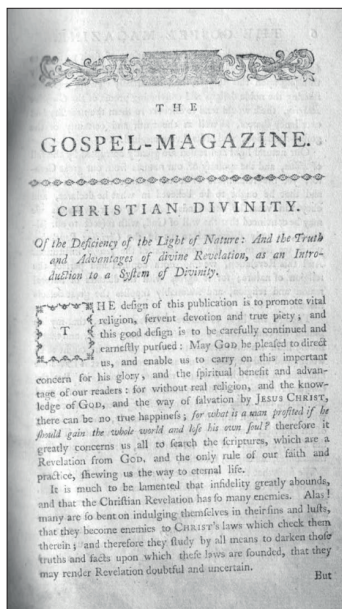


FIGURA 11
“The Gospel Magazine”, edição de janeiro de 1766.
Fonte: Gospel Magazine, s.d.

O “Gazette” (FIGURA 10), impresso em 1457 em Nuremberga, na Alemanha, é aclamado com o título de primeiro jornal impresso do mundo. Mais de cem anos depois, em 1605, em Estrasburgo, surgiu o primeiro jornal impresso semanalmente. Dezessete anos depois, em 1622, o primeiro jornal semanal foi impresso em Londres, na Inglaterra. E finalmente, em 1663, mais de 200 anos depois do primeiro jornal, a publicação “*Erbauliche Monaths-Unterredungen*” (Conversas Edificantes Mensais) foi impressa na Alemanha, sendo considerada como a primeira revista do mundo. (Zappaterra, 2007, p. 23), (Caldwell, Zappaterra, 2014, p. 234).

Seria apenas durante o séc. XVIII que as publicações periódicas – revistas – começaram realmente a ganhar espaço, graças ao surgimento de novas tecnologias que diminuía o custo e aceleravam o processo de impressão (Heller, 2003, p. 14).

Se em 1731, surgiu na Inglaterra a que hoje é considerada a primeira revista moderna do mundo, a “*The Gentleman’s Magazine*”, não muito distante desta data, em 1766, surgiu a “*The Gospel Magazine*” (FIGURA 11), uma revista calvinista e cristã evangélica, também produzida no Reino Unido e que ainda é produzida atualmente, com periodicidade bimestral. (Wikipedia, s.d.) Esta, tornou-se uma das primeiras revistas religiosas do mundo de que há registro, pelo menos na Europa (Zappaterra, 2007, p.24). A primeira revista teria sido, segundo um artigo publicado na “*Christianity Today*” por Collin Hansen (2010, s.p.), publicada em 1743 nos Estados Unidos por Sir Thomas Prince e seu filho:

“(...) ele queria publicar um jornal que documentasse o avivamento que estava se espalhando pelas colônias americanas. As gerações futuras podem consultar a revista Christian History e se lembrar da fidelidade de Deus. Ele também esperava que o periódico evitasse que a comunidade desperta se dividisse, encorajasse os convertidos recentes e talvez até provocasse alguns novos. Quer o pastor de Boston tenha tido sucesso ou não em todos os seus objetivos, somos gratos a este progenitor da publicação evangélica, que inspirou gerações de jornalistas / historiadores a apoiar a igreja documentando o progresso do evangelho.”⁷ (Hansen, 2010, s.p)

A primeira edição da “*Christianity History*” foi publicada em 5 de março de 1743. As primeiras edições da revista semanal compartilhavam notícias que vinham dos ministros na Escócia e Inglaterra, relatos sobre avivamento e testemunhos locais para motivar e estimular os seus leitores na América. A publicação durou apenas dois anos, deixando de circular em 1745. “Jornais como o de Prince trouxeram o evangelicalismo internacional a um novo estágio importante, escreveu Mark Noll em “*The Rise of Evangelicalism*”. A autoconsciência evangélica aumentou consideravelmente à medida que artigos de revistas eram circulados, lido publicamente e reimpresso em outros jornais.”⁸ (Hansen, 2010)

Ainda segundo Hansen *apud* O’Brien (2010), “(...) não havia publicação periódica especificamente evangélica nos primeiros quarenta anos do século [dezoito]”, “nos últimos quarenta anos, essa literatura tornou-se um meio normal de comunicação e propagação para várias denominações.”⁹

No início do século XIX, muitas publicações religiosas eram utilizadas para divulgar suas visões específicas acerca do cristianismo. Muitas destas publicações duravam apenas enquanto seus líderes estavam vivos. Outras, duravam até quando tinham seus escritos refutados, como foi o caso do “*Midnight Cry*” e do “*Prophetic Times*”, que previam a segunda volta de Cristo para a década de 1840, de acordo com os ensinamentos de William Miller. Algumas publicações obtiveram algum sucesso e contribuíram para promover ideias de encorajamento. Porém, as publicações com melhores resultados estavam vinculadas a denominações que já estavam bem estabelecidas ou que vieram a se estabelecer, como foi o caso da Igreja Adventista do Sétimo Dia, oriunda justamente do movimento iniciado por William Miller, que exploramos melhor no capítulo 4 (Baker, © 2019).

⁷ T.L.: “(...) he wanted to publish a journal that would document the revival that had been spreading through the American colonies. Future generations could turn to the Christian History magazine and remember God’s faithfulness. He also hoped the periodical would keep the awakened community from fracturing, encourage recent converts, and perhaps even prompt a few new ones. Whether or not the Boston pastor succeeded in all his aims, we are indebted this progenitor of evangelical publishing, who inspired generations of journalist/historians to support the church by documenting the gospel’s progress.”

⁸ T.L.: “Journals like Prince’s brought international evangelicalism to an important new stage, Mark Noll writes in *The Rise of Evangelicalism*. (...) Evangelical self-consciousness increased measurably as articles from magazines were circulated, read publicly and reprinted in other papers.”

⁹ “Where there had been no specifically evangelical periodical publication in the first forty years of the [eighteenth] century,” (...) “by the last forty years such literature had become a normal means of communication and propagation for several denominations.”

3.1. O PAPEL DO DESIGNER GRÁFICO NA MÍDIA RELIGIOSA

De acordo com Kantor, podemos dizer que os responsáveis pelos manuscritos iluminados eram o equivalente aos designers gráficos de hoje. Ambos fizeram ou fazem uso das melhores técnicas disponíveis em seu tempo para alcançar a melhor qualidade gráfica das suas páginas, seja em termos de *layout*, de composições, de escolha dos tipos, de ilustrações ou até de técnicas de impressão e aproveitamento do papel. (Kantor, 2007, p.28)

No capítulo intitulado “*Building bridges*” de seu livro, Kantor faz um apelo, explicando ser necessário manter um diálogo entre as duas disciplinas – design e religião – e que não importa o quanto você conhece sobre um assunto, é necessário conhecer bem os dois para poder desenvolver trabalhos relevantes dentro deste segmento. A ausência de domínio nestas áreas é o que permite que muitas das comunicações religiosas estejam cheias de clichês e de pouca qualidade visual, o que pouco contribui para entendimento do sagrado. O designer precisa entender que ao trabalhar para os fins da fé, o design deve ser utilizado “(...) tanto como teologia quanto como um veículo para transmitir sua mensagem.”¹⁰ (Kantor, 2007, p.28)

Embora, provavelmente não existam muitos designers teólogos, Kantor sugere que, sempre que possível, os designers trabalhando em projetos religiosos devam compartilhar da mesma fé ou, ao menos, prestar certa reverência aos rituais e tradições da entidade para qual estão a trabalhar. Caso contrário, dificilmente o resultado final será imbuído dos princípios que aquela mensagem – que vai muito além do racional – procura transmitir.

Esta linha de pensamento vai ao encontro de Bártolo, que afirma que “O designer é um agente ativo de construção cultural, não há neutralidade em design, na medida em que as escolhas que fazemos e as mensagens que passamos serão um elemento constitutivo de uma realidade cultural pública. Neste sentido, as escolhas que fazemos, os códigos visuais e verbais que utilizamos, as mensagens que compomos, os poderes que servimos, devem ser geridos com intencionalidade e rigor crítico” (Bártolo, 2006, s.p.).

¹⁰ T.L.: (...)seen as both theology as well as a vehicle to carry its message.”

SÍNTESE CONCLUSIVA

Por meio das informações recolhidas neste capítulo, podemos confirmar que a religião se fez presente em diversos momentos da história do design gráfico, desde as primeiras formas desenhadas e das palavras mais simples até à produção do primeiro livro tipográfico. Esta relação entre religião e design gráfico deve-se muito à devoção do ser humano, mas principalmente ao monopólio que a Igreja tinha sobre a cultura e a política da época, que lhe permitia controlar o que era produzido e como era consumido pela população. Entendemos que podemos considerar, segundo Kantor, que os primeiros designers gráficos foram os monges copistas que trabalhavam na produção dos manuscritos iluminados e muitas técnicas e termos aplicados até aos dias atuais vieram desse período. Podemos afirmar que a revolução da imprensa com tipos móveis de Gutenberg trouxe uma revolução cultural que fez com que, a partir de tal inovação, o mundo nunca mais fosse o mesmo, o que teve impacto direto não apenas na religião durante a Revolução Protestante, mas também em todas as vertentes da história humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aston, M., 1968. *O Século XV*.

Editorial Verbo, Lisboa.

Baker, M. F. E., s.d. *Religious Magazines*.

American History Through Literature 1820-1870. Encyclopedia.com Disponível em: <https://www.encyclopedia.com/arts/culture-magazines/religious-magazines>. [Acedido a 26 de outubro de 2021].

Bártolo, J., 2006. *O Estado do Design*.

Reflexões sobre Teoria do Design em Portugal. Disponível em: <http://www.artecapital.net/opiniaao-30-jose-bartolo-o-estado-do-design-reflexoes-sobre-teoria-do-design-em-portugal>. [Acedido a 9 de novembro de 2021]

Batty, D., 2017. *A Return to Grace: Luther's Life and Legacy*. Disponível em: <https://youtu.be/lQauUUhoIKg>

[Acedido a 09 de janeiro de 2021].

Biblioteca Digital Mundial, s.d.

Disponível em: wdl.org/pt/item/7497/. [Acedido a 28 de dezembro de 2020].

Caldwell, C. & Zappaterra, Y., 2014.

Design Editorial: Jornais e revistas / Mídia impressa e digital. Gustavo Gili, São Paulo.

Chartier, R., 1998. *Do códex à tela: As*

trajetórias do escrito. A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Club, Brasília.

CRF, 2009. *Gutenberg and the Printing*

Revolution in Europe. Constitutional Rights Foundation. Bill of Rights in Action. WINTER 2009 (Volume 24, No. 3). Disponível em: <https://www.crf-usa.org/bill-of-rights-in-action/bria-24-3-b-gutenberg-and-the-printing-revolution-in-europe>. [Acedido a 16 de novembro de 2021].

Frank, T.S., 2015. Disponível em: <https://cafequenteesherlock.blogspot.com/2015/11/manuscritos-iluminados-tesouros-da.html>.

[Acedido a 6 de janeiro de 2022].

Gospel Magazine, s.d. Disponível em:

<https://www.gospelmagazine.org.uk/publications.html#1766>. [Acedido a 14 de novembro de 2021].

Hansen, C., 2010. *The First Evangelical*

Magazine. Before there was Christian History, there was Christian History.

Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/history/2010/february/first-evangelical-magazine.html>. [Acedido a 15 de novembro de 2021].

Heller, S., 2003. *Merz to Emigré and Beyond:*

Avant-Garde Magazine Design of the Twentieth Century. Phaidon, New York.

Kantor, D., 2007. *Graphic Design*

and Religion A Call for Renewal. GIA, Chicago.

Karant-Nunn, S., & Lotz-Heumann, U., 2017. *Confessional Conflict. After 500 Years: Print and Propaganda in the Protestant Reformation.* University of Arizona Libraries.

Klug, J., 1998. *Lutero e a Reforma Religiosa.* FTD, São Paulo.

Lemos, L. M. P., 2011. *INCUNÁBULOS: Ensaio, descobertas e experimentações.* Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – São Paulo - SP – 12 a 14 de maio de 2011.

Liulevicius, V., 2020. *The Religious Impact of the Printing Press.* Disponível em: <https://www.thegreatcoursesdaily.com/the-religious-impact-of-the-printing-press/>. [Acedido a 15 de novembro de 2021].

Meggs, P. B. & Purvis, A. W., 2009. *História do Design Gráfico.* Cosac Naify, São Paulo.

Meggs, P. B. & Purvis, A. W., 2016. *Meggs' History of Graphic Design.* John Wiley & Sons, New Jersey.

Rodrigues, M. H. C., 2012. *Gutenberg e o letramento do ocidente.* Revista Educação e Linguagens, Campo Mourão. Vol. 1, n.1, ago./dez. 2012.

Valente, I. F. P., 2017. *Design Editorial aplicado a Revistas.* Revista de Design Gráfico Português. Universidade de Lisboa, Lisboa.

Wikipedia, s.d, *The Gospel Magazine.* Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/The_Gospel_Magazine. [Acedido a 14 de novembro de 2021].

Zappaterra, Y., 2007. *Editorial design.* Laurance King, London.



Capítulo 2

A REVISTA MESSENGER



NOTA INTRODUTÓRIA

A Reforma Protestante aliada à popularização dos meios impressos proporcionou acesso à leitura da Bíblia nas línguas comuns do povo. Mais e mais pessoas podiam agora ler e questionar seus escritos, o que causou não apenas um rompimento com a Igreja Católica Romana, mas originou diversas novas seitas e igrejas. Uma das muitas igrejas oriundas do protestantismo foi a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Por sua vez, como parte da veia protestante, a Igreja Adventista também se apoiou nos meios impressos como uma das principais formas de promover seus ensinamentos. Mais do que isso, os adventistas acreditavam que a utilização de publicações era um pedido divino. Por conta disso, grande zelo foi aplicado nestes meios pelos pioneiros crentes dos EUA. Estes fizeram estes objetos gráficos viajar pelo mundo inteiro, com seus missionários, e estabelecendo novas casas de impressão ao redor do mundo. De entre elas, a Stanborough Press, na Inglaterra – unidade responsável por produzir o periódico adventista *Messenger*, para o Reino Unido e República da Irlanda.

1. A IGREJA ADVENTISTA E O USO DOS MEIOS IMPRESSOS

De acordo com Richard Holloway, “A religião vem da mente do animal humano, portanto, vem de nós.”, (...) “Na verdade, não parece ter havido um tempo em que os seres humanos não acreditassem na existência de um mundo sobrenatural além deste.”¹¹ (Holloway, R., 2016, p.p. 13-15) Sendo assim, parece ser quase impossível estabelecer um momento exato para o nascimento da religião como um todo. No entanto, é possível determinar os factos que deram origem à Reforma Protestante, que culminou com a divisão do cristianismo e o surgimento de novas denominações cristãs.

A Bíblia foi sendo traduzida para diversas línguas, o que fez com que qualquer pessoa que soubesse ler conseguisse ter acesso ao seu conteúdo e pudesse fazer suas próprias interpretações e não dependesse mais do monopólio católico. “A publicação da Bíblia, edição após edição, possibilitou o aumento de seu estudo. Pessoas de toda a Europa formularam suas próprias interpretações em vez de apoiarem-se em líderes religiosos como fonte da verdade. Isso levou diretamente à Reforma, que dividiu o cristianismo em centenas de seitas”¹² (Meggs, P & Purvis, 2016, p.87).

O pregador Batista William Miller (1782-1849), por meio de estudos da Bíblia, entendeu que Jesus retornaria à Terra por volta do ano de 1843. Muitas pessoas aceitaram nessa mensagem, formando o movimento milerista que foi muito popular nos Estados Unidos entre os anos de 1830 e 1844 (Gaustad, 1975, p.15). De acordo com Douglas (2001, p.362), um dos fatores por tamanha popularidade do movimento milerista foi justamente o intenso uso da mídia impressa: “publicar livretos, folhetos e periódicos era o segredo do sucesso do movimento milerista do Segundo Advento”.

Mais tarde, Samuel Snow concluiu que o dia exato para o retorno de Cristo seria em 22 de outubro de 1844. Naquela terça-feira, mais de 100 mil pessoas aguardavam ansiosas por este evento que

¹¹ T.L.: “Religion comes from the mind of the human animal, so it comes from us.” (...) “In fact, there doesn't seem to have been a time when human beings didn't believe in the existence of a supernatural world beyond this one.”

¹² T.L.: “Publication of edition after edition of the Bible made increased study possible. People throughout Europe formulated their own interpretations instead of relying on established authority. This led directly to the Reformation, which shattered Christianity into hundreds of sects.”



FIGURA 12
Ellen White e James White, pioneiros da Igreja Adventista.
Fonte: Adventist.org, © 2022

acabou por não acontecer. A frustração foi tão grande que, até hoje, a data é conhecida entre os adventistas como o “Grande Desapontamento” (Schwarz & Greenleaf, 2009, p.45), (Timm, 2000, p.19).

Depois deste evento, muitos abandonaram o movimento milerista, outros, no entanto continuaram a estudar a Bíblia e concluíram que, embora a data estivesse correta, o evento estava errado. Deste grupo, surgiu um novo movimento que mais tarde seria a base para formação da Igreja Adventista do Sétimo Dia, conforme descrito por Tarling (Tarling, 1981). Menos de 20 anos depois do Grande Desapontamento, em 1863, houve a organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que nesta data já tinha por volta de 3.500 membros.

Podemos ver assim um paralelo entre a Reforma Protestante e o surgimento do adventismo, ambas têm cerne no estudo central da Bíblia e uma relação com a mídia impressa (Novaes, 2018). Para Carvalho (2012), “O uso da mídia impressa nos primórdios da IASD cumpriu propósito trino: oportunizar comunicação entre os crentes dispersos, divulgar as conferências para que mais pessoas pudessem assistir, como também tornar conhecidas as novas compreensões doutrinárias advindas de estudos.”

Foi em novembro de 1848, apenas quatro anos depois do Grande Desapontamento, que o movimento adventista teve o início de relação com a mídia impressa, graças a uma visão que Ellen White teria recebido de Deus. Nesta visão, Deus indicava que eles precisavam começar um pequeno jornal e James White, seu esposo, seria o responsável por este projeto (Schwarz & Greenleaf, 2009, p.71). Em julho do ano seguinte, 1849, o primeiro periódico adventista viria a ser publicado – o jornal “*The Present Truth*” (FIGURA 13) (Timm, 2000, p.64).

Por conta da visão de Ellen White, os primeiros adventistas entenderam que as publicações tinham uma aprovação divina e deveriam ser usadas para a pregação de sua mensagem. “Devemos utilizar os meios possíveis para levar a luz diante do povo. Utilize-se a imprensa e cada meio de propaganda para chamar a atenção para o trabalho” (White, 1997, p.130). “De nossos livros e revistas, brilharão luzes que iluminarão o mundo com a verdade presente” (White, 1999, p.5). Com o passar dos anos, o periódico mudou algumas vezes de nome, até que, em 1978, passou a ser chamado de “*Adventist Review*”, e comumente chamada por seus membros por “*Review*”, sendo publicada até os dias de hoje (Schwarz & Greenleaf, 2009, p.74).

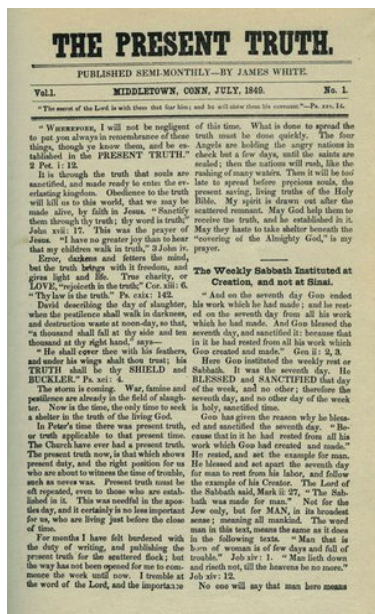


FIGURA 13
Primeira edição do jornal “*The Present Truth*”, publicado em julho de 1849.
Fonte: Adventist.org, © 2022

Nas considerações de Novaes (2018), “(...) o movimento adventista manifesta em sua origem social e teológica uma orientação texto-centrada e uma cultura da palavra mais intensa do que a percebida em parte considerável dos demais movimentos religiosos protestantes/evangélicos” (Novaes, 2018, p.45). Isso deve-se a quatro importantes fatores, que somados, fizeram a diferença nesta relação entre o adventismo e o meio impresso. O primeiro fator seria o da “*sola scriptura*”, um termo advindo da Reforma Protestante no qual as escrituras sagradas devem ser prioridade. Em segundo lugar, a herança milerista, que teve como base o texto impresso para propagação da mensagem sobre a volta de Jesus. Em terceiro, o fator profético da mensagem recebida por meio de visões por Ellen White, em que o próprio Deus lhe diz para fazer uso do material impresso na divulgação da mensagem adventista. E por fim, e justamente por conta do ponto anterior, o fato de que os pioneiros da Igreja Adventista fizeram extenso uso do material impresso para compartilhar a sua mensagem ao redor do mundo e assim, consolidar uma identidade própria como organização.

Em 1864 um antigo padre polaco, M.B. Czechowski, que tinha aceitado a mensagem adventista enquanto viajava nos Estados Unidos, fez a primeira pregação adventista na Europa. Dois anos depois, em Tramelan, Suíça, foi formada a primeira igreja. Com o aumento de novos fiéis, em 1874, um dos pioneiros, John Andrews, foi enviado pela Conferência Geral da Igreja Adventista dos Estados Unidos para apoiar a igreja na Suíça. Com ele, muitas coisas aconteceram, entre elas, “Abriu-se uma casa editora em Bale que difundia literatura para toda a Europa. A revista Sinais dos Tempos era difundida em francês, italiano e alemão. (...) Em 1877 John Loughborough, realizou um vasto trabalho entre os Batistas do Sétimo Dia de Londres e Southampton. (...) No final do século, havia cerca de dez mil adventistas na Europa” (Adventist.org).

Por onde se expandia, o adventismo estabelecia editoras. A IASD conta atualmente com 63 editoras e filiais. Uma delas, a *Stanborough Press* (FIGURA 15) na Inglaterra, é responsável pela publicação da revista *Messenger*, foco central da nossa investigação e projeto.



FIGURA 14
Uriah Smith, à direita,
e outros líderes editoriais
adventistas na década de
1890. Fonte: Adventist.org

FIGURA 15
Fotografia do prédio
de Stanborough Press Ltd.
Fonte: ted.adventist.org, 2021



2. REVISTA MESSENGER

2.1. HISTÓRIA



FIGURA 16
Stanborough Press em 1928.
Fonte: Stanborough Press
Archives, s.d.

Como apresentado anteriormente, a primeira publicação adventista é de 1849, quando James White convenceu um editor local a imprimir mil cópias do manuscrito “*The Present Truth*”, que hoje é conhecido como revista “*Adventist Review*”. A revista *Messenger* é uma publicação oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Reino Unido e na Irlanda, que teve a sua primeira edição em 10 de janeiro de 1936.

O evangelismo da literatura adventista no Reino Unido foi iniciado por William Ings, em 1878, na região de Southampton e, não muito depois, Loughborough percebeu a importância de colocar a mensagem adventista num contexto para os leitores ingleses (Marshall, 2014).

“John Loughborough não precisava ser convencido do potencial da literatura para ganhar almas. Ele fez uso de milhares de revistas *US Signs*. No entanto, não muito depois de começar seu evangelismo, ele percebeu a importância de colocar a mensagem adventista em um contexto inglês para leitores ingleses. Um impressor local foi contratado para publicar um suplemento de quatro páginas voltado para as preocupações locais. No entanto, não foi até a sede Adventista do Sétimo Dia se mudar para o norte, para Grimsby, em 1884, que o trabalho de publicação realmente começou”¹³ (Marshall, 2014).

Com apenas quatro páginas, a primeira edição da revista “*The Present Truth*” em solo britânico foi impressa pela *Grimsby News Company Ltd*, em maio de 1884, sob a direção de M. C. Wilcox. “*The Present Truth*” começou como uma publicação quinzenal, mas quando se tornou uma publicação semanal de 16 páginas, em 1885, a *Grimsby News Company Ltd* havia adquirido mais tipos móveis e uma máquina de impressão própria (Marshall, 2014).

¹³ T.L.: “ John Loughborough did not need convincing of the soul-winning potential of literature. He made use of thousands of *US Signs* magazines. However, not long after beginning his evangelism, he grasped the importance of putting the Adventist message into an English context for English readers. A local printer was engaged to run off a four-page supplement targeting local concerns. However, it was not until the Seventh-day Adventist headquarters moved north to Grimsby in 1884 that the publishing work really got under way.”

Quando a sede se mudou para Stanborough Park, em Watford, em 1907, “*The Present Truth*” tinha uma circulação semanal de 20.000 cópias e “*Good Health*” de 37.300 cópias mensais. Segundo Marshall, “A produção de brochuras estava à frente da tendência nacional e representou uma das muitas iniciativas do progressista e imaginativo Arthur Maxwell, editor desde 1920.”¹⁴ (Marshall, 2014)

A *Stanborough Press* sobreviveu às duas Grandes Guerras Mundiais, no entanto, em 3 de janeiro de 1964, um terrível incêndio destruiu praticamente tudo. Por conta deste desastre, a produção ficou inoperante por um período, até que um novo prédio fosse inaugurado em 30 de setembro de 1966, agora localizado mais ao norte da capital inglesa, em Grantham, Lincolnshire.

“Após um período de quase dois anos sem um editor em tempo integral e sem um programa de revistas, David Marshall chegou em janeiro de 1979, com a missão de editar o jornal *Union* e reviver um programa de revistas e livros. (...) As instruções de Marshall eram para minimizar o tempo gasto na *Messenger* para um dia a cada quinze dias”¹⁵ (Marshall, 2014)

Por conta da competição do mercado, a direção da *Stanborough Press* acabou por encerrar a unidade de produção em junho de 2002, deixando de ser uma gráfica e editora e tornando-se apenas editora. A impressão e a encadernação de materiais da editora, seja livros, revistas, ou outros, passaram então a ser subcontratados (Marshall, 2014).



FIGURA 17
Trabalhando na imprensa na década de 1920 em Stanborough Press.
Fonte: Stanborough Press Archives, s.d.

¹⁴ T.L.: “The production of paperbacks was ahead of the national trend and represented one of many initiatives taken by the progressive, imaginative Arthur Maxwell, who had been editor since 1920.”

¹⁵ T.L.: “After a period of almost two years without a full-time editor and magazine programme David Marshall arrived in January 1979, with a brief to edit the Union paper and revive a magazine and book programme. (...) Marshall’s instructions were to minimise the time spent on MESSENGER to one day in a fortnight.”

¹⁶ T.L.: “The aim of The Messenger is to provide news and information about the Seventh-day Adventist Church in the British Union Conference territory which includes the United Kingdom of Great Britain and Northern Ireland, and the Republic of Ireland. I share that detail because it is an important detail that the magazine serves members across an international border.”

¹⁷ T.L.: “I like to use the metaphor that it is like the Gospel of John, rather than the Gospel of Mark. Mark witnessed what he saw of Christ, and couldn’t write it down quick enough. He writes down what he sees without reflection. John on the other hand, witnessed Christ’s life, but reflected on what he saw and wrote down much later.”

2.2. OBJETIVOS/AUDIÊNCIA

Segundo Bellotti (2005, p.105), “todo produto de mídia religiosa possui uma dupla natureza: a instrução e a divulgação” e não é diferente para com a *Messenger*.

De acordo com o editor da revista, o Pastor David Neal, o objetivo da *Messenger* é “fornecer notícias e informações sobre a Igreja Adventista do Sétimo Dia no território da União Britânica, que inclui o Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, e a República da Irlanda.”¹⁶ Ele faz questão de salientar que a publicação é internacional, cruzando as fronteiras de cinco países: Inglaterra, Escócia, País de Gales, Irlanda do Norte (formando os países do Reino Unido) e a República da Irlanda.

A *Messenger* é a principal forma de comunicação da União Britânica da Igreja para com seus líderes e membros e foi, por muito tempo, a única forma. Por isso, a publicação tem um cunho histórico muito importante, pois foi ela quem registrou e ainda registra as histórias das igrejas adventistas e seus membros desta região. Apesar de não ter dados estatísticos oficiais, David Neal diz que a maior parte de seus leitores são pessoas “de cabeça branca” que cresceram lendo a revista numa época em que não havia internet e a publicação era a única forma de comunicação entre os líderes e membros e entre as igrejas. “A maior parte das pessoas apaixonadas pela *Messenger* têm sido adventistas por 30, 40, 50 anos”, comentou Neal durante a entrevista.

O Pastor David Neal assumiu a função de editor chefe da publicação em 2018, e sob sua direção, a revista tem-se focado em três propósitos: informar, educar e inspirar.

INFORMAR: Fornecer notícias ao leitor sobre a vida da igreja. No entanto, por ser uma publicação mensal, é impossível ser o primeiro meio de comunicação a dar uma notícia num mundo onde as notícias saem em tempo real. Segundo David Neal, “Gosto de usar a metáfora de que é como o Evangelho de João, ao invés do Evangelho de Marcos. Marcos testemunhou o que viu de Cristo e conseguiu escrever rápido o suficiente. Ele escreve o que vê sem reflexão. João, por outro lado, testemunhou a vida de Cristo, mas refletiu sobre o que viu e escreveu muito mais tarde.”¹⁷

EDUCAR: Para Neal, o grande ponto aqui é buscar tornar a igreja um lugar melhor. Auxiliar o membro, por meio da publicação, a desenvolver sua fé em Cristo e equipá-lo para servir melhor a Deus e



FIGURA 18

Primeira edição da revista *Messenger*, publicada em 10 de janeiro de 1936.

Fonte: Stanborough Press Archives, s.d.

a missão. Como pastor, Neal vê que a profissão tem muito de um professor. De querer ajudar para que outros aprendam. Neal cita o ex-editor, David Marshall, ao dizer que a Igreja Adventista do Sétimo Dia precisa de um “despertar da graça” para poder compreender melhor o evangelho. O trabalho de Marshall estaria inacabado e Neal espera cumprir sua parte na continuidade desse objetivo:

“Quero ajudá-los a ter uma perspectiva equilibrada do que significa ser adventistas, e não serem abalados ou agitados por tudo que lêem no Facebook ou em algum outro site. Se eu fosse fazer um projeto de doutorado, eu o chamaria “Rumo a um adventismo equilibrado, mas apaixonado”. Isso eu sinto que é o trabalho de minha vida para a igreja que sirvo. Ellen White disse que temos ‘muito a aprender, mas muito, muito a desaprender’”¹⁸ (Neal, 2021, s.p.).

INSPIRAR: Como uma grande comunidade, Neal vê que é necessário partilhar mais da vida das pessoas e de suas histórias de conexão com Jesus. Quando essa conexão acontece e por meio do batismo, alguém inicia uma nova vida em Cristo, todos dessa comunidade precisam celebrar, com quer que seja, onde quer que elas estejam.

Parte dessa inspiração vem de dentro do próprio Neal,

“Quero que o leitor em Cork, Irlanda ou Balham – Londres, Crieff na Escócia, Manchester no Norte e Cardiff no País de Gales (por exemplo) sinta que pertence à família BUC (*British Union Conference*) e eles têm um lugar e uma voz nesta igreja. O BUC é uma família religiosa diversificada, não apenas racialmente e etnicamente, mas também pela distribuição geográfica. A experiência de um adventista na Irlanda rural é bem diferente da de um membro em Hackney, Londres. (...) Quero através da palavra impressa, ajudar a terminar essa missão.”¹⁹

¹⁸ T.L.: “I want to help them have a balanced perspective of what it means to be a Seventh-day Adventist, and not be shaken or stirred by everything they read on Facebook or some other fringe Adventist website. If I were to do a research project / phd, I would call it, “Towards a balanced but passionate Adventism”. That I feel is my life work for the church I serve. Ellen White said that we have ‘much to learn, but much, much to unlearn.’”

¹⁹ T.L.: “I want the reader in Cork, Ireland, or Balham - London, Crieff in Scotland, Manchester in the north, and Cardiff in Wales (for example) to feel that they belong to the BUC family and they have a place and a voice in this church. The BUC is a diverse church family, not least racially and ethnically, but also by geographical spread. The experience of an Adventist in rural Ireland, is quite different from a member in Hackney, London. (...) I want to help, through the printed word, help finish that business.”



FIGURA 19
Capa da revista *Messenger* de 15 de agosto de 2014, quando Stanborough Press celebrou 120 anos.
Fonte: Stanborough Press Archives, s.d.

David tem consciência de que é impossível competir com a velocidade das notícias nos dias de hoje. Logo, ele tem buscado deixar a publicação com menos aspecto de jornal e mais de revista. Desta forma, os artigos têm focado mais em discipulado em Cristo, sobre o que significa ser um Adventista no mundo atual, e outros pontos espirituais, e menos no que cada igreja local tem feito. Ainda assim, ele não abdica de publicar sobre os batismos, com a diferença de que atualmente não quer enfatizar sobre o que aconteceu no dia do evento em si, mas sim, descobrir e contar a história de como a pessoa batizada tomou essa decisão, de como ela conheceu a Jesus e o que mudou em sua vida. “Eu sempre irei celebrar o batismo das pessoas. Nós precisamos de nos alegrar quando alguém firma o compromisso de seguir a Cristo, e isso são ótimas notícias e sempre serão publicadas!”²⁰

Outro importante ponto destacado por David é que ele procura dar voz e unidade às diferentes pessoas que hoje fazem parte da comunidade adventista nesta zona, para que todos possam sentir que fazem parte da mesma família em Cristo. É parte do desejo dele “Que cada membro na igreja deva ter voz na revista se assim o quiser”.²¹

FIGURA 20

Fotomontagem com algumas capas da revista *Messenger*. Da esquerda para direita, de cima para baixo: setembro de 1995; janeiro de 2000; agosto de 2001; janeiro de 2012; fevereiro de 2018; dezembro de 2020. Fonte: Stanborough Press Archives, s.d.



²⁰ T.L.: “I will always celebrate people who are baptised. Which we call new life in Christ. We need to rejoice over anybody who makes a commitment to follow Christ, and this is great news and we will always publish that.”

²¹ T.L.: “That every Member in the church should have a voice in here if they wanted.”

2.3. CONTEXTO ATUAL

Segundo Neal, apesar de existirem cerca de 40 mil membros na Igreja Adventista na União Britânica, a *Messenger* tem uma estimativa de pouco mais de 5 mil leitores que, mensalmente, recebem a revista diretamente em suas residências.

Antes da pandemia de Covid-19, eram publicadas entre 10 e 15 mil cópias, que eram distribuídas entre as igrejas, o que aumentava o número de leitores, ainda que muitos fossem leitores casuais. Durante a maior parte de 2020, desde o primeiro confinamento decretado pelo primeiro-ministro britânico, as impressões foram paralisadas e o envio passou a ser feito estritamente por e-mail. Como as igrejas foram fechadas por mais de um ano, a distribuição ficou praticamente impossível. Foi somente no ano de 2021 que a impressão retornou, já não quinzenalmente, mas com uma única tiragem mensal, sendo as revistas enviadas diretamente pelos correios aos leitores que assim solicitaram.

Há ainda, cerca de mil pessoas que recebem a publicação diretamente por e-mail, em um arquivo PDF, e uma estimativa de 2500 leitores que acessam apenas a cópia digital por meio do website da *BUC News*.

Vale lembrar que, apesar de tratarmos na língua portuguesa a publicação como “revista”, em inglês o seu título é “*journal*”, e não “*magazine*”. De acordo com o Dicionário Cambridge online, “*jornal*” significa “*a magazine, newspaper, or website containing news and information about a particular industry or profession*” (Cambridge, s.d.).²² Segundo, David Neal, o nome se deve muito provavelmente ao facto de a publicação, em seus primeiros anos, ter de fato o aspecto de um jornal. “Naquela época, todos os jornais de qualquer tipo, tinham que ser registrados nos correios. (...) Vejo-a atualmente como uma revista, embora ainda seja oficialmente descrita como um jornal.”²³

*

²² T.L.: “Uma revista, jornal ou site que contém notícias e informações sobre um determinado setor ou profissão.”

²³ T.L.: “Back then, all newspapers of whatever sort, had to be registered ‘at the post office’. (...) I very much see it these days as a magazine, although it would still be described officially as a journal.”

²⁴ T.L.: “It is about their heritage as an Adventist, their roots, the story of their church over the decades.”

²⁵ T.L.: “The stories of the messenger are that it must express the diversity of the church and UK that is a that is non-negotiable.”



FIGURA 21
Capa da edição de fevereiro de 1990. É possível ver que o layout era como os jornais.
Fonte: Stanborough Press Archives, s.d.

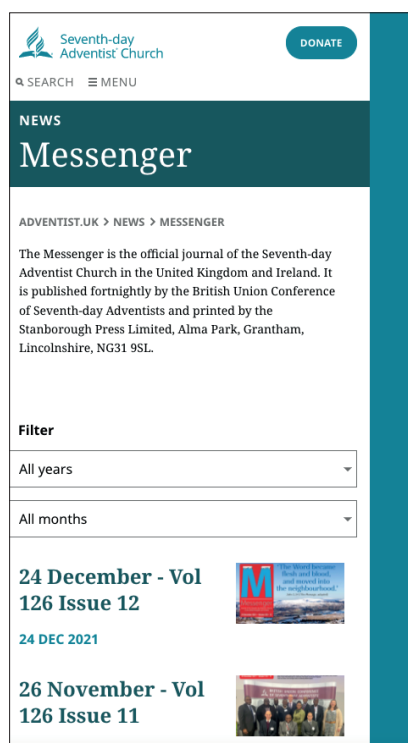


FIGURA 22
Captura de tela do website adventist.uk, onde é possível encontrar um acervo da revista *Messenger*.
Fonte: Adventist.uk, © 2022

A publicação varia entre 16 e 24 páginas e cada edição pode apresentar diferentes categorias. Alguns dos principais tópicos são: *Editorial, Leader's Corner, Growing in Christ, New Life in Christ, News, Health, Youth Matters, Mission, Overseas Missions, Interview, Testimony, Book Review, Reflection, Lest we forget e Obituary*.

A maior parte dos leitores da *Messenger* têm sido adventistas no Reino Unido por um longo período. Segundo David Neal, a publicação é como um grande álbum de família: “É sobre sua herança como adventista, suas raízes, a história de sua igreja ao longo das décadas”.²⁴ No entanto, ele também acredita que existe um problema, pois, principalmente depois dos anos 2000, muitos imigrantes se tornaram membros da Igreja no Reino Unido e eles não têm os mesmos laços históricos, o que pode deixá-los um tanto desconectados da publicação “tradicionalmente” britânica. Ele questiona se eles sentiriam falta da revista *Messenger*, caso ela não fosse mais publicada. Ou se preferem ler revistas do seu país de origem.

Atualmente no território que é administrado pela BUC, há muitos adventistas que vieram do leste europeu, do continente africano, da América do Sul ou das ilhas caribenhas. Estas pessoas não tiveram o mesmo contato histórico que os demais leitores e precisam de alguma forma ser estimulados a ler a revista e entender que também fazem parte do legado adventista e da revista *Messenger*. Para o Pastor, este é seu maior desafio, “As histórias da *Messenger* devem expressar a diversidade da igreja no Reino Unido e isso é não-negociável.”²⁵

2.4. FUTURO DA PUBLICAÇÃO

Para atender toda a diversidade étnica e cultural da igreja no Reino Unido, David Neal entende que um dos processos necessários é trazer escritores mais novos. Atualmente, as pessoas que escrevem para a revista têm acima de 45 anos, pelo menos. Ele entende também que boa parte da possível audiência não tem mais o hábito de leitura de material impresso e identifica que é necessário que a publicação se digitalize. No entanto, não considera que se deva transformar a publicação apenas em digital. Neal acredita que talvez chegue o momento em que essa mudança seja inevitável, e em que a maior parte dos leitores prefira assinar

apenas a versão online, seja por uma questão de custo ou por uma “economia verde” que, segundo ele, é onde todos devem operar no futuro. A seu ver, este momento não chegou ainda: “Acredito que sempre haverá necessidade de uma edição impressa. Muitos de nossos membros são idosos e ainda não estão totalmente familiarizados com o mundo digital. Se fôssemos totalmente digitais, perderíamos muitos de nossos fiéis leitores.”²⁶

Outro desafio é o orçamento disponível. Atualmente, sem citar detalhes, David Neal afirma que a *Messenger* pode publicar no máximo 24 páginas. Com poucas páginas, a revista acaba com grande densidade nos textos e muito ruído visual, impossibilitando uma leitura agradável. Ainda assim, um dos itens que o editor garante ser indispensável são as imagens.



FIGURA 23

Páginas 4 e 5 da edição de agosto de 2021.

Fonte: Stanborough Press Archives, s.d.

²⁶ T.L.: “we believe there will always be a need for a printed edition. Many of our members are senior in years and still not fully savvy with the digital world. If we went totally digital we would disenfranchise many of our members.”

²⁷ T.L.: “People send in terrible photos and expect us to work miracles! They are either poorly taken, or their file size is far too small for good reproduction. The advent of the camera phone is both a blessing and a curse.”

²⁸ T.L.: It is my intent and purpose to raise the awareness of M by connecting with all members through telling their story, which is our story. (...) I want to see the M serve as a supportive / pastoral / discipleship ministry to the members I serve. The role of the editor as I see it, is to be a pastor the BUC members through the printed word.”

David Bell, designer da *Messenger*, afirma que as fotografias são exatamente o seu maior desafio. Além de ter um limitador do custo para adquirir fotos de banco de imagens, quando há eventos locais, dificilmente as fotos enviadas pelos membros são de qualidade suficiente para impressão. “As pessoas enviam fotos terríveis e esperam que façamos milagres! As fotos são tiradas de forma pobre ou o tamanho da imagem não é bom o suficiente para reprodução. O aparecimento da câmera nos aparelhos celulares é uma benção e uma maldição.”²⁷

Enquanto os questionamentos e desafios são ponderados pelo editor chefe, ele afirma que, para 2022, o plano é retomar a produção anterior à época da Covid-19, mas desta vez com 10 mil cópias sendo enviadas diretamente a casa de seus leitores e apenas 5 mil distribuídas entre as igrejas.

David Neal afirma que “É minha intenção e propósito aumentar a consciência da *Messenger* conectando-me com todos os membros contando suas histórias, que é a nossa história. (...) Eu quero ver a revista *Messenger* servir como ministério de apoio pastoral e discipulado para os membros. O papel do editor, a meu ver, é ser um pastor para os membros do BUC por meio da palavra impressa.”²⁸

SÍNTESE CONCLUSIVA

A informação recolhida neste capítulo, tanto por meio de pesquisas quanto por meio da entrevista via e-mail e por vídeo chamada, foi importante para poder compreender importantes pontos relevantes para esta pesquisa. Em primeiro lugar, conhecer melhor a história da Igreja Adventista do Sétimo Dia e a sua relação com os meios impressos. Em segundo lugar, perceber a história, o contexto, o público-alvo, os desafios e as projeções para o futuro da revista *Messenger*, nosso objeto de estudo. Tais informações foram extremamente úteis para poder atender o caráter prático desta pesquisa que será apresentada nos capítulos seguintes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adventistas, s.d.** *A Nossa História*. Disponível em: <https://www.adventistas.org.pt/quem-somos/a-nossa-historia>. [Acedido a 27 de dezembro de 2020].
- Bellotti, K. K., 2005.** *Mídia presbiteriana no Brasil*. Luz para o caminho e editora cultura cristã (1976-2001). Annablume/FAPESP, São Paulo.
- Cambridge Dictionary, s.d.** Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/journal>. [Acedido a 23 de novembro de 2020].
- Carvalho, F. L. G., 2012.** *A Igreja Adventista do Sétimo e a Mídia Impressa*. Acta Científica, Engenheiro Coelho, v. 21, n. 2, p. 89-100, jan/abr 2012.
- Douglas, H. E., 2001.** *Mensageira do senhor: o ministério profético de Ellen G. White*. Casa Publicadora Brasileira, Tatuí.
- Gaustad, E., 1975.** *The rise of Adventism*. Harper & Row, New York.
- Holloway, R., 2016.** *A Little History of Religion*. Yale University Press, New Haven and London.
- Marshall, D., 2014.** 'Stanborough Press: 120 years of Service'. Messenger: Journal of the Seventh-day Adventist Church in the United Kingdom and Ireland. Vol. 119, 17/18, 15 August 2014, n. 19 – 21 August 2014, p.1-15.
- Meggs, P. B. & Purvis, A. W., 2016.** *Meggs' History of Graphic Design*. John Wiley & Sons, New Jersey.
- Neal, D. 2021.** *Stanborough Press – the Lord continues to make a way!* Disponível em: <https://ted.adventist.org/news/stanborough-press-the-lord-continues-to-make-a-way-3/>. [Acedido a 6 de janeiro de 2022].
- Neal, D. s.d.** *Stanborough Press Limited*. Disponível em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=9CO3>. [Acedido a 6 de janeiro de 2022].
- Novaes, A. M., 2018.** *Uma breve história da cultura visual adventista nos anos 1830 a 1860: o uso de imagens religiosas por um movimento de orientação textocentrada*. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 21, n.1, jan./jun. 2018, p. 38-61.

Schwarz, R. W.; Greeneleaf, F., 2009.

Portadores de luz: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Unaspress, Engenheiro Coelho.

Stanborough Press Archives, s.d. ASTR.

Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/>. [Acedido a 28 de dezembro de 2020]

Tarling, L., 1981. *The edges of Seventh-day adventism.* Galilee, Bermagui South, Australia.

Timm, A. R., 2002. *O santuário e as três mensagens angélicas: fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas.* Unaspress, Engenheiro Coelho.

White, E., 1997. *Evangelismo.*

Casa Publicadora Brasileira, Tatuí.

White, E., 1999. *O colportor evangelista.*

Casa Publicadora Brasileira, Tatuí.

Capítulo 3

DESIGN EDITORIAL: A REVISTA



NOTA INTRODUTÓRIA

Para desenvolver uma nova identidade e projeto gráfico para uma revista é necessário, antes de tudo, entender quais são os elementos de design que nos permitem este processo. Segundo Apfelbaum, S., Cezzar, J. (2014), os elementos que compõem o design editorial são: Formatos, Frequência, Identidade, Anatomia, Arte, Tipografia, *Layout*, Protótipo e Produção. Já para Klanten, (2010), os elementos essenciais para o sucesso de uma publicação são: o Conceito; a Forma; a Estrutura; a Navegação; a Tipografia; *Layout* e Grelha; a Capa; e a Linguagem Visual.

Neste capítulo, ainda dentro do contexto teórico desta pesquisa, procuramos apresentar sucintamente tais elementos e a importância de cada um para a construção de uma revista.

1. OS ELEMENTOS DO DESIGN EDITORIAL NA REVISTA

De acordo com Apfelbaum & Cezzar, (2014, p.8), “O design editorial é uma disciplina de design de comunicação especializada em publicações de natureza seriada, periódica, unificadas por uma versão editorial ou criativa distinta, são produzidas com frequência predefinida e disponibilizadas por assinatura e/ou distribuição estratégica.”²⁹ Já Caldwell e Zappaterra (2014, p.8) complementam essa definição ao dizer que a diferença entre o design editorial e os demais campos do design é que este pode ser descrito como “jornalismo visual”, tomando a forma de um jornal, revista ou suplemento, independentemente de ser impresso ou digital. De acordo com Porter (2014), o design editorial para ser bom precisa, antes de mais nada, fazer com que as pessoas queiram ler, e depois contar histórias, afinal a maior parte dos leitores não lêem reparando no design gráfico, mas conectam-se com ideias, pessoas e lugares (Caldwell, Zappaterra *apud* Porter, 2014, p.18). Resumindo, “O design editorial é o design das publicações! – revistas impressas que saem mais de uma vez, normalmente com uma aparência distinta e única”³⁰ (Caldwell, Zappaterra *apud* Vince Frost, 2014, p.8) .

A palavra “revista” é de origem inglesa, vem de “review”. Mais tarde, a língua inglesa adotou a palavra “magazine” que tem origem árabe (al-mahazen) e significa depósito de mercadorias diversas ou simplesmente armazém, afinal as revistas abordam diferentes assuntos em uma mesma publicação, de modo diferente da maior parte dos livros. (Ali, 2009, s.p)

Dependendo do autor, podemos dividir as revistas em várias categorias. Caldwell e Zappaterra as classificam como comerciais ou independentes. Já Rocha e Nogueira (1997, p.239), as separam por gênero: ilustrada, especializada, revista de arte e institucional.



FIGURA 24
Capa da revista “House Update” de 2019 da igreja Hillsong no Reino Unido.
Fonte: [issuu.com](https://issuu.com/hillsonguk), 2020

²⁹ T.L.: “Editorial design is a discipline of communication design that specializes in a publication of a serial, periodical nature, which are unified by a distinct editorial of creative vision, are produced at a determined frequency, and are made available by a subscription and/or strategic distribution”

³⁰ T.L.: “Editorial design is the design of publications! – printed magazines that come out more than once, normally having a look and a feel that are distinctive and unique.”

³¹ T.L.: “Format is defined as the shape and size of a page.”

Desde seu surgimento, as revistas desenvolveram um importante papel junto da sociedade, compartilhando e informando sobre diversos temas. Mas sempre que surge um novo meio de comunicação, como a televisão, o rádio e, mais recentemente, a internet, há o receio de que as revistas irão desaparecer. No entanto, até o presente momento esse medo não foi concretizado. O que temos visto sim, é que muitas (ou todas) as revistas precisaram se adaptar às novas necessidades do mercado, como é o caso por exemplo das revistas eletrônicas, entre outras adaptações (Saúde, 2013, p.56,57).

1.1. FORMATO/SUPORTE

Zappaterra considera que o “formato é definido como a forma e tamanho de uma página”,³¹ sendo o mais comum o A4 (Zappaterra, 2014, p.172). Para Apfelbaum e Cezzar (2014), o sucesso do design editorial começa a partir da escolha correta do formato para a publicação, levando em consideração o seu conteúdo e a mídia de veiculação. Anteriormente, as publicações eram feitas quase que exclusivamente para uma única mídia. No entanto, depois do século XXI, é possível que a mesma publicação precise estar disponível em diversos meios ao mesmo tempo. Além disso, o tipo de conteúdo, a frequência e o público-alvo exercem influência sobre a escolha da publicação e seu formato. Ainda de acordo com Apfelbaum e Cezzar (2014), há pelo menos seis formatos impressos e outros seis formatos para o digital que são mais comumente usados no mercado editorial, sendo o formato 213 x 276mm considerado o formato padrão para revistas impressas, por ser um formato que minimiza os custos de impressão e facilita sua distribuição.

FIGURA 25
Fotografia de publicações em variados formatos e suportes.
Fonte: Investigador, 2022



1.2. PERIODICIDADE

“Tempo é tudo para uma publicação periódica”³² (Apfelbaum e Cezzar, 2014, p.20). É a frequência com que o periódico será publicado que vai determinar quanto tempo será despendido em cada etapa de sua produção. Com o advento da internet e das redes sociais, a informação passou a ser praticamente instantânea, logo, publicações com uma frequência de tiragem maior precisam oferecer o melhor de seu conteúdo para compensar este “atraso”. Cada tipo de frequência irá implicar diferentes desafios (Apfelbaum e Cezzar, 2014, p.20).

1.3. IDENTIDADE VISUAL

De acordo com Apfelbaum e Cezzar (2014), “A identidade visual de uma publicação, aliada ao seu estilo de redação, determina a credibilidade e a autoridade da obra”. “(...) O design de identidade é frequentemente visto como sinônimo de fazer um logotipo. A marca, no entanto, é apenas uma parte de um sistema da identidade (...) sua finalidade é fácil de definir: marcar algo como sendo parte de um grupo.”³³ E os elementos que fazem parte do conjunto que formam a identidade visual são: estilo, voz, tipografia, arte e layout (Apfelbaum e Cezzar, 2014, p. 28-31).

Budelmann (2010), segue a mesma linha de raciocínio ao dizer que a identidade é muitas vezes equivocadamente entendida como sendo somente o logotipo. Contudo, o logotipo é apenas uma imagem que representa a percepção de uma empresa específica, já a identidade visual deve abranger muito mais do que isso (Budelmann, 2010, p.7).

Sobre o logotipo de uma publicação, Zappaterra (2007) afirma que “(...)é o primeiro e muitas vezes o mais importante elemento de sua capa.”³⁴ O logotipo precisa refletir as características da publicação e deve funcionar muito além da capa, mas em toda representação da marca em diferentes situações e mídias (Zappaterra, 2007, p.44).

“Os melhores logotipos são o resultado de uma exploração tipográfica cuidadosa. A legibilidade em várias escalas e em uma variedade de mídias é imprescindível”³⁵ (Wheeler, 2018, p.150). Michael



FIGURA 26
Logotipo da revista
“The Economist”.
Fonte: The Economist Group
brand style guide, 2017

Bierut da agência Pentagram afirmou que “Você deve ser capaz de encobrir o logotipo e ainda assim identificar a empresa, porque a aparência é muito distinta”.³⁶ Abbott Miller, também da Pentagram, completou “A aparência é definida por cor, escala, proporção, tipografia e movimento. A sensação é experiencial e emocional”³⁷ (Wheeler, 2018, p.152).

No que diz respeito exclusivamente às revistas, Hand e Middle-ditch (2013, pp. 85–86) afirmam que os logotipos são geralmente tipográficos e colocados no topo da capa. O mesmo autor sugere que isto acontece porque o logotipo é simultaneamente um título e por isso é geralmente apenas tipográfico e é situado no topo da capa, tal como estamos habituados a ver títulos (Valente *apud* Hand e Middleditch, 2017, p.24).



FIGURA 27
A revista “Christianity Today” mudou seu logotipo, e consequentemente sua capa, diversas vezes ao longo dos anos.
Fonte: christianitytoday.com, © 2022

³² T.L.: “Time is everything for a periodical publication.”

³³ T.L.: “The visual identity of a publication, combined with its writing style, determines the credibility and authority of the work. (...) Identity design is often seen as synonymous with log-making. A mark, however, is only one part of an identity system (...) its purpose is easy to define: marking something as being part of a group.”

³⁴ T.L.: “A publication’s logo - the graphical representation of its title - is the first and often the most important element of its cover.”

³⁵ T.L.: “The best logotypes are a result of thoughtful typographic exploration. Legibility at various scales and in a range of media is imperative.”

³⁶ T.L.: “You should be able to cover up the logo and still identify the company because the look and feel is so distinctive.”

³⁷ T.L.: “Look is defined by color, scale, proportion, typography, and motion. Feel is experiential and emotional.”

1.4. CAPA E CONTRACAPA

Zappaterra afirma categoricamente que “A primeira e mais importante parte de qualquer publicação em que se vai expressar a marca e os seus valores é a capa”³⁸ (Caldwell, Zappaterra, 2014). A capa de uma publicação regular deve, ao mesmo tempo, manter um padrão a cada edição, e trazer novidades que possam ser claramente identificadas como uma nova edição. Precisa expressar a identidade da publicação como um todo, mas também refletir o conteúdo daquela edição específica. Precisa atrair os leitores assíduos e, ao mesmo tempo, atrair novos. Não é uma missão fácil conseguir manter o equilíbrio, talvez por isso editores e designers gastem mais tempo nesta única página do que em toda a publicação (Caldwell, Zappaterra, 2014, p.44).

“As capas são para as revistas o que as pétalas são para as flores: atraem a atenção e depois atraem os visitantes para o que é realmente importante – o néctar dentro”³⁹ (Foges, 2000, p.39).

Chamamos de capa a folha que envolve toda a publicação, sendo a parte externa superior nomeada de capa frontal (onde se encontra o nome da revista) e a contracapa a parte posterior. As partes internas da mesma folha são chamadas de verso (verso da capa frontal e verso da contracapa). Com exceção da capa frontal, as outras três páginas são mais valiosas do ponto de vista comercial para inserção de publicidade (Caldwell, Zappaterra, 2014, p.69).

As capas, segundo Caldwell e Zappaterra, podem ser categorizadas em três tipos: figurativas, abstratas e baseadas em texto. Sendo formadas a partir de quatro elementos-chave: o formato (tamanho, forma e sua identidade), o logotipo ou título e informações regulares (*tagline*, data, etc), as imagens e as chamadas (manchetes) (Caldwell, Zappaterra, 2014, p.62 e 64).



FIGURA 28
Icônica capa da revista
“The Economist”
de março de 2020.
Fonte: *economist.com*, 2020

³⁸ T.L.: “The first and most important part of any publication on which to stamp the brand and its values is the cover.”

³⁹ T.L.: “Front covers are to magazines what petals are to flowers: they attract attention, and then lure visitors to what is really important – the nectar inside.”

⁴⁰ T.L.: “The benefits of working with a grid are simple: clarity, efficiency, and continuity.”

⁴¹ T.L.: “A grid consists of a distinct set of alignment-based relationships that serves as a guide for distributing elements across a format: where they may be placed; their height-to-width proportions; and, ultimately, the ease with which a viewer can navigate the layout. (...) Choosing or developing a grid for a project depends on understanding these qualities, knowing what kinds of grids there are, and the possibilities for how type (and images) might interact within the structure”

1.5. LAYOUT E GRELHA

Para Samara, “Os benefícios de trabalhar com uma grelha são simples: clareza, eficiência e continuidade”⁴⁰ (Samara, 2017, p.11). Ela explica:

“Uma grelha consiste em um conjunto distinto de relacionamentos baseados em alinhamentos que serve como um guia para distribuir elementos em um formato: onde eles podem ser colocados; suas proporções altura-largura; e, em última análise, a facilidade com que um utilizador pode navegar pelo layout. (...) A escolha ou desenvolvimento de uma grelha para um projeto depende da compreensão dessas qualidades, de saber que tipos de grelhas existem e das possibilidades de como o tipo (e as imagens) podem interagir dentro da estrutura.”⁴¹ (Samara, 2017, p.20)

Samara defende que cada projeto é único e, portanto, precisa de uma grelha específica. Para fazer a escolha adequada é necessário compreender as peculiaridades informativas e características do conteúdo do projeto, levando em conta as imagens, os tipos e as quantidades de texto. Samara também alerta para a importância extrema desta fase, pois uma vez que a grelha tenha sido escolhida, ela é um sistema fechado (Samara, 2017, p.42).

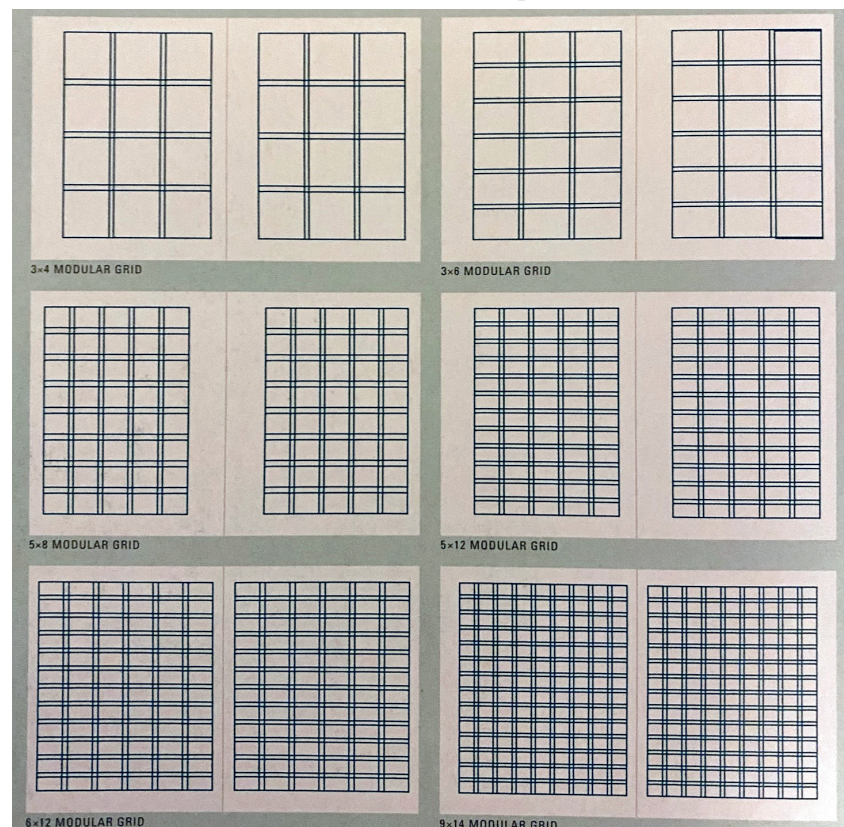


FIGURA 29
Exemplos de
grelhas modulares.
Fonte: Samara, 2017

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Apfelbaum e Cezzar concordam que “Não importa o que aconteça, qualquer estratégia de layout deve começar primeiro com o conteúdo. Os elementos de identidade visual, é claro, são constantes, mas se bem-feitos, eles agirão em segundo plano. O conteúdo é o que seu leitor passou a experimentar, e qualquer coisa que torne o acesso difícil, desordenado ou menos prazeroso fará com que seu leitor coloque esse conteúdo de lado em favor de outra coisa”⁴² (Apfelbaum e Cezzar, 2014, p.50). No entanto, Apfelbaum e Cezzar, acreditam que “Onde há várias opções para grelhas de coluna, há mais variedade no layout: imagens e texto podem abranger várias colunas, ou grelhas diferentes salvas como páginas mestras podem ser usadas para uma variedade de conteúdo”⁴³ (Apfelbaum e Cezzar, 2014, p.51).

Vale lembrar que, independentemente de a mídia ser impressa ou digital, os princípios fundamentais do layout ainda permanecem, são estes: hierarquia, ritmo, fluxo, capacidade de digitalização e afiliação (Apfelbaum e Cezzar, 2014).

1.6. TIPOGRAFIA

Ao longo deste trabalho já escrevemos sobre a origem da escrita até à criação dos tipos móveis. Vale lembrar que os tipos móveis de Gutenberg, que proporcionaram a revolução da imprensa, foram baseados nos manuscritos iluminados com fontes escritas pelas mãos dos monges copistas (Lupton, 2004, p.13). Ou seja, “As religiões podem se orgulhar de suas contribuições para o desenvolvimento tipográfico, pois sem o zelo de proclamar suas mensagens por meio de textos escritos, a rica tapeçaria tipográfica disponível para nós hoje seria muito diferente (...)”⁴⁴ (Kantor, 2007, p.141).



FIGURA 30
Uma visualização artística de Johannes Gutenberg em sua oficina, mostrando sua primeira folha de prova.
Fonte: *britannica.com*, s.d.

⁴² T.L.: “No matter what, any layout strategy should begin first with the content. Visual identity elements of course be constant, but if done well, they will act in the background. The content is what your reader has come to experience, and anything that makes accessing it difficult, cluttered, or less pleasurable will drive your reader to put that content aside in favor of something else.”

⁴³ T.L.: “Where there are multiple options for column grids, there is more variety in layout: images and text can span multiple columns, or different grids saved as master pages can be used for a variety of content.”

⁴⁴ T.L.: “Religions can take pride in their contributions to typographical developments, for without the zeal to proclaim their messages through written texts, the rich tapestry of typography available to us today would be much different(...).”

De acordo com Zappaterra (2007) “Qualquer publicação deve criar uma experiência agradável, acessível e apropriada para o seu leitor, e grande parte disso é determinado pelo uso da tipografia”⁴⁵ (Zappaterra, 2007, p.128). Kantor é categórico: “Não se pode praticar design gráfico sem aprender a dominar a arte da palavra desenhada: tipografia”⁴⁶ (Kantor, 2007, p.141).

O design editorial bem-feito deve organizar a relação entre todos os elementos textuais. A recomendação é escolher um tipo que permita ser aplicado em todos os tipos de mídia, seja impressa ou digital, pois facilitará manter a identidade entre todas as plataformas, afinal “A boa tipografia atua como um guia que conduz o leitor pelo conteúdo”⁴⁷ (Apfelbaum e Cezzar, 2014, p.42-44) .

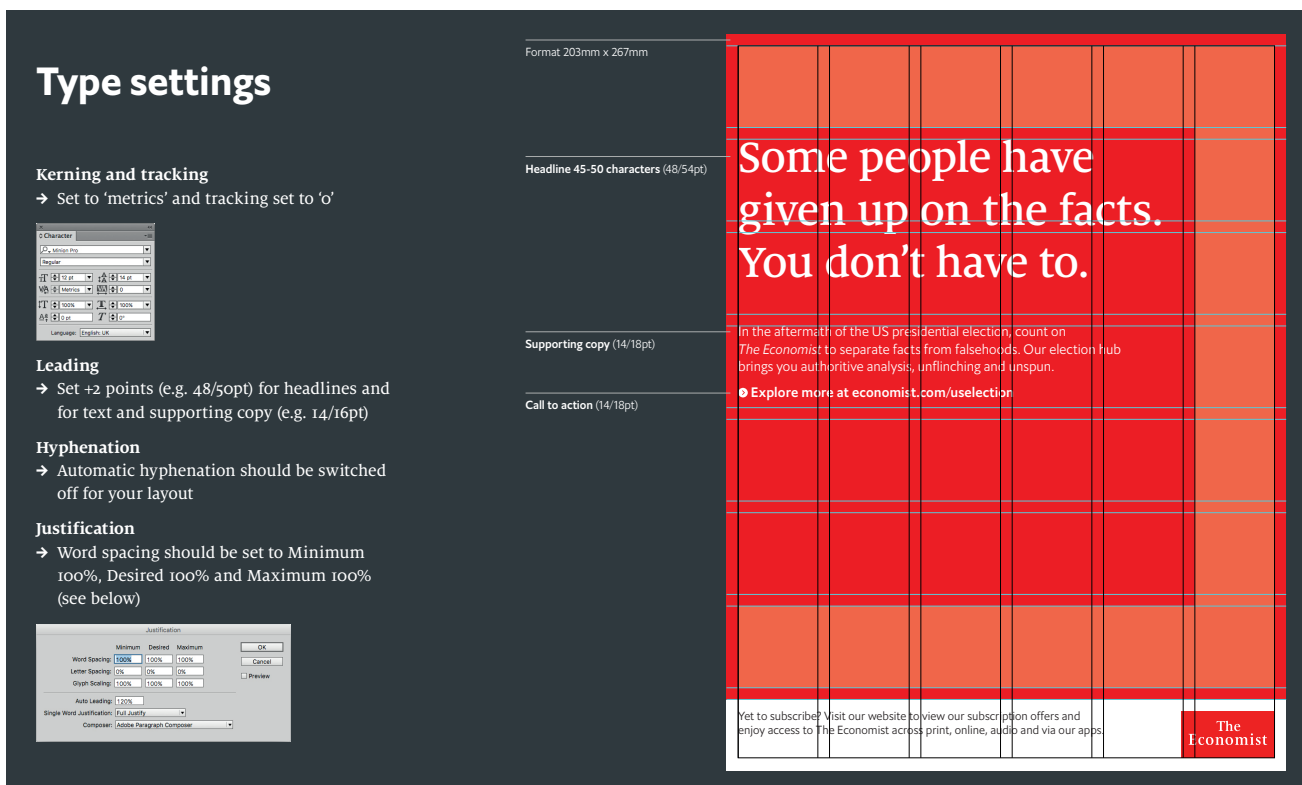


FIGURA 31
Exemplificação de configuração do layout das fontes na revista “The Economist”.
Fonte: The Economist Group brand style guide, 2017

⁴⁵ T.L.: “Any publication should create an enjoyable, accessible and appropriate experience for its reader, and a large part of this is determined by the use of typography.”

⁴⁶ T.L.: “One cannot practice graphic design without learning to master the art of the designed word: typography.”

⁴⁷ T.L.: “Good typography acts as a guide that leads the reader through the content”

Cada fonte tem suas próprias características e sua escolha não deve ser feita aleatoriamente. Tomamos como exemplo o tipo de letra humanista ou transicional, elas comunicam maior credibilidade e leitura (Samara, 2005, p.30-31). O uso correto, ou incorreto, da fonte, vai impactar na forma como os leitores compreendem a mensagem. Um dos principais princípios da tipografia, se não o mais importante, é justamente sua legibilidade (Bringhurst, 2005, p.23).

“Sempre há exceções, sempre há desculpas para o inusitado e para a surpresa, mas talvez possamos concordar que, via de regra, a tipografia deveria prestar os seguintes serviços ao leitor: convidá-lo à leitura; revelar o teor e o significado do texto; tornar clara a estrutura e a ordem do texto; conectar o texto a outros elementos existentes; induzir a um estado de repouso energético, que é a condição ideal da leitura” (Bringhurst, 2005, p.31).

Além da legibilidade, outro fator importantíssimo na tipografia é a hierarquia, que ajuda a organizar o conteúdo textual e, por consequência, ajuda o leitor a se localizar no texto e a obter uma leitura mais fluida. É parte do trabalho do designer, portanto, compreender a mensagem que a publicação quer transmitir para fazer escolhas corretas que evidenciem essas diferenças hierárquicas (Lupton, 2006). Justamente por isso, a tipografia em publicações periódicas talvez seja ainda mais importante do que em outras mídias, devido à complexidade textual apresentada com título, subtítulos, corpo de texto etc. O conjunto destes elementos aplicados de forma adequada trazem leitura ao texto. Logo, a utilização correta da tipografia é vital (Samara, 2005, p.35).

⁴⁸ T.L.: “A positive editorial experience is built on the consistent practice of naming and handling elements within a design. If elements are sufficiently distinct, a reader learns quickly to find and identify the information to guide what is being read and how it relates to other content from the same publication, whether in the same issue or over time.”

2. A ANATOMIA DA REVISTA

Em toda publicação há elementos que se repetem e elementos que devem ser diferentes. Manter uma relação coerente entre estes elementos permite um melhor entendimento por parte do leitor.

“Uma experiência editorial positiva é construída sobre a prática consistente de nomear e manipular elementos dentro de um design. Se os elementos forem suficientemente distintos, um leitor aprende rapidamente a encontrar e identificar as informações para orientar o que está sendo lido e como se relaciona com

outros conteúdos da mesma publicação, seja na mesma edição ou ao longo do tempo.”⁴⁸ (Apfelbaum e Cezzar, 2014, p.32)

Nas **FIGURA 32 E 33**, indicamos visualmente estes elementos já aplicados no novo design proposto para a revista *Messenger*.



FIGURA 32
Anatomia interna da revista aplicada no projeto gráfico desenvolvido para a revista *Messenger*.
Fonte: Investigador, 2021

LOGOTIPO

TAGLINE

DATA &
NÚMERO
DA EDIÇÃO

IMAGEM
DA CAPA

MANCHETE

CHAMADAS
DE CAPA



FIGURA 33

Anatomia da capa da revista aplicada no projeto gráfico desenvolvido para a revista *Messenger*.

Fonte: Investigador, 2021

SÍNTESE CONCLUSIVA

Por meio do levantamento teórico deste capítulo, conseguimos primeiramente compreender quais são os elementos-chave que fazem parte do design editorial e suas características. Uma vez que entendemos a importância de cada um deles na publicação, conseguimos saber a melhor forma de aplicá-los na prática. Logo, todos estes fatores são determinantes para que uma revista possa obter êxito em proporcionar uma experiência mais agradável aos leitores. Importa também lembrar que estes elementos não existem isoladamente e que é necessário que haja harmonia entre eles na composição da publicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ali, F., 2009. *A Arte de Editar Revistas*. Companhia Editora Nacional, São Paulo.

Apfelbaum, S. & Cezzar, J., 2014. *Designing the Editorial Experience: A Primer for Print, Web, and Mobile*. Rockport Publishers, USA.

Bringhurst, R., 2005. *Elementos do Estilo Tipográfico*. Casac Naify, São Paulo.

Britannica, s.d. *Johannes Gutenberg*. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Johannes-Gutenberg>. [Acedido a 6 de janeiro de 2022].

Budelman, K., 2010. *Brand Identity Essentials. 100 Principles for Designing Logos and Building Brands*. Rockport, Massachusetts.

Caldwell, C. & Zappaterra, Y., 2014. *Design Editorial: Jornais e revistas / Mídia impressa e digital*. Gustavo Gili, São Paulo.

Christianity Today, 1966. *Protestant Magazines Are Changing*. Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/ct/1966/october-14/protestant-magazines-are-changing.html>. [Acedido a 14 de novembro de 2021].

Economist, 2017. *The Economist Group brand style guide*. Disponível em: <https://design-system.economist.com/brand-and-marketing#style-guides>. [Acedido a 6 de janeiro de 2022].

Economist, 2020. *Covered-19: 2020 on the front of The Economist*. Disponível em: <https://www.economist.com/news/2020/12/31/covered-19-2020-on-the-front-of-the-economist>. [Acedido a 6 de janeiro de 2022].

Foges, C., 2000. *Design de revista*. 1a edição. Destarte, Lisboa.

Hand, D. & Middleditch, S., 2013. *Design for Media: A handbook for students and professionals in journalism, PR and advertising*. Routledge, New York.

Issuu, 2020. *House Update Magazine - The Revival Issue*. Disponível em: https://issuu.com/janinavictoriadesign/docs/190620_hu_1_digital. [Acedido a 6 de janeiro de 2022].

Kantor, D., 2007. *Graphic Design and Religion A Call for Renewal*. GIA, Chicago.

Klanten, R., 2010. *Turning pages: editorial design for print media*. Gestalten, Berlim.

Lupton, E., 2004. *Thinking with type: a critical guide for designers, writers, editors & students*. Princeton Architectural Press, New York.

Rocha, C. & Nogueira, M. M., 1997. *Design Gráfico: Panorâmica das Artes Gráficas II.* Plátano Edições Técnicas, Lisboa.

Samara, T., 2005. *Publication Design Workbook: A Real World Design Guide.* Rockport, Massachusetts.

Samara, T., 2017. *Making and Breaking the Grid. A Graphic Design Layout Workshop.* Rockport, Massachusetts.

Saúde, J. R. R. G. C., 2013. *Revista de Cultura Imaterial Portuguesa.* Universidade de Lisboa, Lisboa.

Valente, I. F. P., 2017. *Design Editorial aplicado a Revistas. Revista de Design Gráfico Português.* Universidade de Lisboa, Lisboa.

Wheeler, A., 2018. *Designing Brand Identity: An essential guide for the whole branding team.* John Wiley & Sons, New Jersey.

Zappaterra, Y., 2007. *Editorial design.* Laurance King, London.



PARTE 2

PROJETO PRÁTICO

Capítulo 4

INVESTIGAÇÃO ATIVA

NOTA INTRODUTÓRIA

Se outrora a religião era responsável por praticamente todo o tipo de publicações impressas e estava no topo do que havia de mais tecnológico, hoje em dia já não é assim. Embora a Bíblia, ainda seja o livro mais vendido do mundo (Wikipedia, s.d), e ainda exista uma grande diversidade de publicações de cunho religioso, boa parte deste material produzido não está no mesmo nível de publicações não-religiosas.

Para podermos desenvolver um novo projeto gráfico, é necessário que, primeiramente, analisemos a atual publicação. Assim, neste capítulo é desenvolvida a parte da metodologia investigativa em que analisamos tanto o objeto de estudo, a revista *Messenger*, como outras duas revistas do mesmo segmento, para que assim possamos fazer comparações e descobrir pontos fortes e fracos e perceber como aplicam os elementos do design editorial na prática.

1. ESTUDO DE CASOS

Por meio do Estudo de Casos, que é parte de uma metodologia investigativa não intervencionista de base qualitativa, procurámos selecionar publicações pertinentes que pudessem contribuir para a presente investigação, concretamente, para o desenvolvimento prático deste projeto.

1.1. MODELO DE ANÁLISE

A fim de realizar uma análise coerente que pudesse ser aplicada da mesma forma nas quatro publicações, foi utilizado um modelo que teve como base a grelha de análise de imagens de Laurent Gervereau. Para melhor a adaptar às necessidades deste projeto, foram consideradas as alterações apresentadas nos trabalhos de Elisabete Rolo (2015) e Valente (2017), o que nos permitiu encontrar um modelo próprio.

Desta forma, a grelha proposta apresenta duas abordagens: A primeira serve para catalogar informações técnicas de modo objetivo indicando o nome da publicação, data da edição analisada, local de edição e publicação, o idioma, a periodicidade, o formato, o preço, o número de páginas, o número de tiragem, tipo de encadernação, *tagline* e autores. Ainda dentro do aspecto objetivo, avaliamos a capa e contracapa, a identidade visual, a grelha, a tipografia utilizada, os valores ou ideais da publicação, a relação entre texto e imagens em seu interior e o sistema de navegação (Apfelbaum e Cezzar, 2014). Para complementar esta análise, fizemos também uma avaliação descritiva de interpretação da revista.

1.2. JUSTIFICAÇÃO DAS ESCOLHAS DAS REVISTAS

Existem centenas de revistas dentro do segmento religioso, para podermos selecionar quais publicações seriam analisadas para além da própria revista *Messenger* – objeto de estudo deste trabalho – aplicámos o critério das revistas com maior tiragem em seus nichos. Desta forma, foram escolhidas três revistas para serem analisadas: A revista “*Adventist World*” na versão em português, a revista “*Christianity Today*” e a revista “*The WatchTower*”.

A Revista “*Adventist World*” foi escolhida por também ser uma publicação da Igreja Adventista, sendo esta a publicação adventista com maior tiragem no mundo. São mais de 1,6 milhões de cópias disponíveis em 7 diferentes idiomas e distribuídas em mais de 160 países (Adventist World, s.d.).

A Revista “*Christianity Today*” foi escolhida por ser considerada uma das mais importantes e prestigiadas revistas do segmento Protestante com uma tiragem de 130 mil cópias, considerando apenas os Estados Unidos. Quando consideramos o número de leitores online, o número pode chegar a 5 milhões, tornando-a a terceira revista cristã mais lida no mundo (TingTopTen, 2020).

A terceira revista escolhida para ser analisada é uma publicação bimestral das Testemunhas de Jeová, a revista “*The WatchTower*”, ou em português “O Sentinela”. Estima-se serem impressas mais de 74 milhões de cópias a cada edição, disponíveis em mais de 418 línguas, o que a torna a revista do segmento cristão mais lida, mais traduzida e com maior circulação do mundo (TingTopTen, 2020).

Procurámos analisar revistas recentes, todas do ano de 2021. Pela dificuldade de obter a revista em formato impresso em tempo hábil, todas as revistas foram analisadas a partir do documento PDF disponibilizado nos sites oficiais de cada publicação.

1.3. ANÁLISE DA PUBLICAÇÃO MESSENGER

Como já mencionado anteriormente, a revista *Messenger* é uma publicação oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Reino Unido e na Irlanda, que teve a sua primeira edição em 10 de janeiro de 1936 e tem sido constante até hoje, sendo a principal forma de comunicação para informar e unir os membros e líderes da igreja no território correspondente administrado pela União Britânica da Igreja Adventista.

Atualmente a tiragem da revista ronda os cinco mil exemplares apenas, mas com intenção de retomar para pelo menos dez mil cópias em breve, como era costume até 2020.

Nome: Messenger

Data da edição analisada: 29 outubro 2021

Edição: The Stanborough Press Limited, Lincolnshire, UK

Periodicidade: Mensal

Número de páginas: 24

Formato: 210mm x 297mm

Idioma: inglês

Preço: Gratuito

Tiragem: Cerca de cinco mil de acordo com o editor David Neal

ISSN: 0309-3654

Tagline: “Inform. Educate. Inspire.”

Edições: Volume 126 - 10

Primeira edição: janeiro 1936

Autores: Editor: David Neal; Secretária Editorial: Sarah Jarvis

Designer: David Bell

Revisor: Andrew Puckering; Produção e Distribuição: Peter Oppong-Mensah



FIGURA 34
Capa da revista *Messenger* de 29 de outubro de 2021.
Fonte: Adventist.uk/news/messenger/, 2021

SABBATH SCHOOL

SUPPLIES

Beginner (Standard)	£3.75
Beginner (Teacher)	£8.75
Kindergarten (Standard)	£3.75
Kindergarten (Teacher)	£8.75
Primary (Standard)	£3.75
Primary (Teacher)	£8.75
Powerpoints (Standard)	£3.75
Powerpoints (Teacher)	£8.75
Realtime Faith (Standard)	£3.75
Realtime Faith (Teacher)	£8.75
Cornerstone (Standard)	£3.75
Cornerstone (Teacher)	£8.75
Inverse	£4.25
Adult (Standard, 2 Ctrs)	£5.75
Adult (Teacher, 2 Ctrs)	£7.75
Adult (Large Print)	£5.00
Adult (Teacher, Large Print)	£9.00
Companion Book	£3.75
E. G. White Notes	£5.00

call us or visit our online shop

01476 591700
sales@stanboroughpress.org.uk

www.LifeSourceBookshop.co.uk

FIGURA 35
Contracapa da revista *Messenger* de 29 de outubro de 2021.
Fonte: Adventist.uk/news/messenger/, 2021



FIGURA 36
Spread das páginas 2 e 3 da revista *Messenger* de 29 de outubro de 2021.
Fonte: Adventist.uk/news/messenger/, 2021



FIGURA 37
Detalhe da pág. 14 da revista *Messenger* de 29 de outubro de 2021.
Fonte: Adventist.uk/news/messenger/, 2021

1.4. ANÁLISE DA REVISTA ADVENTIST WORLD (EM PORTUGUÊS)

Lançada em setembro de 2005, a Revista “*Adventist World*” é uma publicação mensal da Igreja Adventista do Sétimo Dia impressa pela *Review and Herald Publishing Association*, que é sua editora mais antiga. Sua circulação global tem cerca de 1,5 milhões de cópias, estando disponível em 7 diferentes idiomas e distribuída gratuitamente em mais de 150 países (Wikipedia, s.d.). De acordo com seu site oficial, a sua missão é “Elevar Jesus Cristo, unindo os adventistas do sétimo dia de todos os lugares em suas crenças, missão, vida e esperança”.

Nome: Revista Adventista (edição em português da Adventist World)

Data da edição analisada: janeiro 2021

Local de edição: Casa Publicadora Brasileira, São Paulo, Brasil

Periodicidade: Mensal

Número de páginas: 52

Formato: 203mm x 266mm

Idioma: português (disponível em outras línguas)

Preço: R\$3,11

Tiragem: Não informado

ISSN: 1981-1462

Tagline: -

Edições: n.º 1365 janeiro 2021 Ano 116

Primeira edição: No formato atual, desde setembro de 2005

Autores: Editor: Marcos De Benedicto; Editores Associados: Márcio Tonetti e Wendel Lima; Projeto Gráfico: Eduardo Olszewski



FIGURA 38
Capa da revista Adventista de janeiro de 2021.
Fonte: acervo.cpb.com.br, 2021



FIGURA 39
Contracapa da revista Adventista de janeiro de 2021.
Fonte: acervo.cpb.com.br, 2021



FIGURA 40
Spread das páginas 2 e 3 da revista Adventista de janeiro de 2021.
Fonte: acervo.cpb.com.br, 2021



FIGURA 41
Capa da revista "Adventist World" em inglês de outubro de 2021.
Fonte: adventistworld.org, 2021

1.5. ANÁLISE DA REVISTA CHRISTIANITY TODAY

A “*Christianity Today*” é uma publicação evangélica fundada por Billy Graham, um dos maiores pregadores cristãos protestantes da história, em 1956, com sede em Illinois nos Estados Unidos. A revista tem uma tiragem de 130 mil unidades, o que a coloca como uma das maiores revistas do segmento religioso, provavelmente uma das mais influentes entre as publicações protestantes. (Wikipedia, s.d.)

No site da revista ela indica que a maior parte das revistas que representam uma denominação cristã não tem uma influência tão ampla quanto o da CT. Eles consideram dominar o campo evangélico neste tipo de publicação e utilizam uma citação de Dale Francis, um editor católico que lê mais de cem revistas cristãs protestantes para justificarem seu prestígio: “*Christianity Today*” chega mais perto do que qualquer outra publicação protestante de representar os pontos de vista dos protestantes de base.”⁴⁹

Nome: Christianity Today

Data da edição analisada: setembro 2021

Local de edição: Christianity Today, Illinois, EUA

Periodicidade: Mensal com algumas exceções bimensal

Número de páginas: 92

Formato: 8” x 10.875” (203mm x 276mm)

Idioma: inglês

Preço: US\$ 7,99

Tiragem: Não informado na publicação

ISSN: 0009-5753

Tagline: -

Edições: Volume 65, n.º 6

Primeira edição: 1956

Autores: Editor chefe: Dr. Timothy Dalrymple; Editor: Jacob Walsh;

Designer: Mallory Rentsch

⁴⁹ T.L.: “CHRISTIANITY TODAY comes closer than any other general Protestant publication to representing the grassroots Protestant viewpoints.”



FIGURA 42
Capa da revista “Christianity Today” de setembro de 2021.
Fonte: christianitytoday.com/ct/archives, 2021

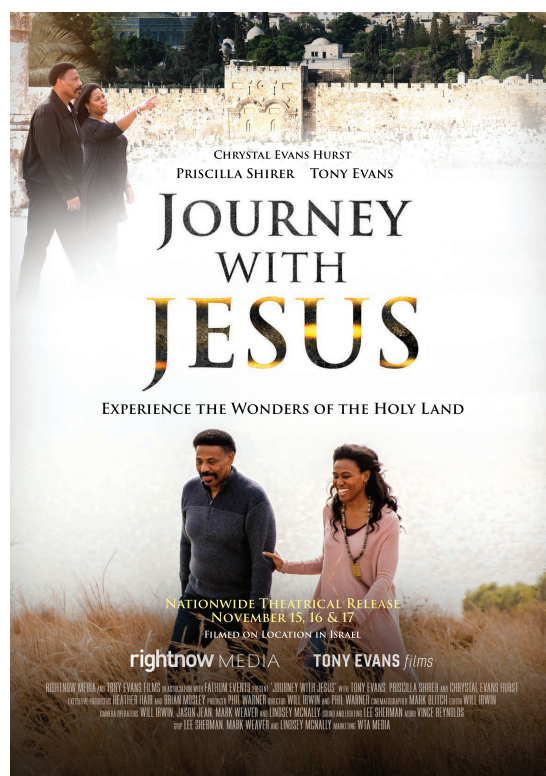


FIGURA 43
Contracapa da revista “Christianity Today” de setembro de 2021.
Fonte: christianitytoday.com/ct/archives, 2021

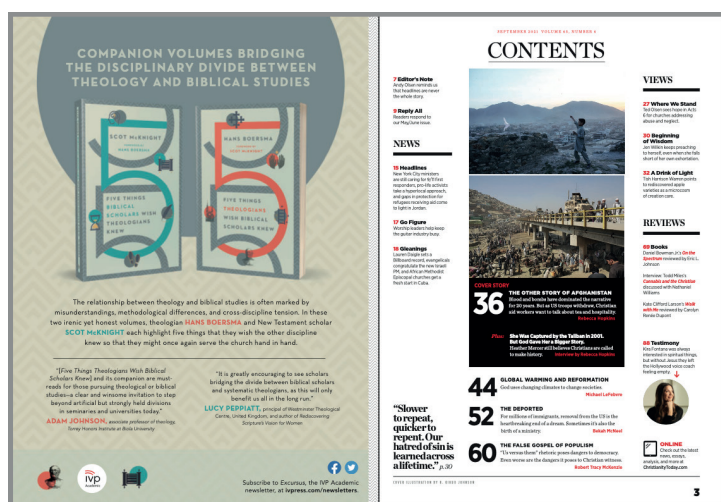


FIGURA 44
Spread das páginas 2 e 3 da revista “Christianity Today” de setembro de 2021.
Fonte: christianitytoday.com/ct/archives, 2021



FIGURA 45
Capa da revista “Christianity Today” de novembro de 2021.
Fonte: christianitytoday.com/ct/archives, 2021

1.6. ANÁLISE DA REVISTA THE WATCHTOWER (A SENTINELA)

A “Sentinela”, ou “*The WatchTower*” no original em inglês, é a publicação da igreja Testemunha de Jeová e tem sido publicada sem interrupção desde 1879. De acordo com as informações da edição analisada, o número em circulação da revista é superior a 74 milhões de cópias, colocando-a assim na liderança das revistas religiosas com maior tiragem no mundo. A revista é publicada em 418 línguas diferentes e é distribuída de modo gratuito para seus membros e por seus membros para a comunidade, sendo mantida através de doações.

Nome: A Sentinela (The WatchTower)

Data da edição analisada: setembro/outubro 2021

Local de edição Associação das Testemunhas de Jeová, Alcabideche, Portugal

Periodicidade: Bimestral

Número de páginas: 16

Formato: 177mm x 228mm

Idioma: Português (disponível em 418 línguas)

Preço: Gratuito

Tiragem: 74,210,000

ISSN: 0043-1087

Tagline: A Anunciar o reino de Jeová

Edições: Vol. 142, n.º 11, 2021

Primeira edição: 1879

Autores: Não informado



FIGURA 46
Capa da revista A Sentinela n.3 de 2021.
Fonte: jw.org, 2021



FIGURA 47
Contracapa da revista A Sentinela n.3 de 2021.
Fonte: jw.org, 2021



FIGURA 48
Spread das páginas 12 e 13 da revista A Sentinela n.3 de 2021.
Fonte: jw.org, 2021

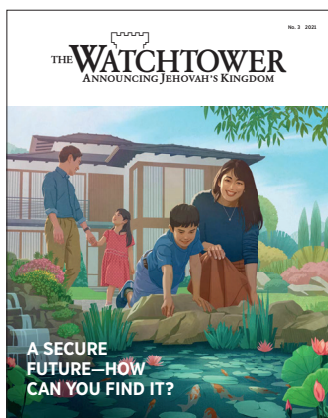


FIGURA 49
Capa da revista A Sentinela em inglês (The Watchtower) n.3 de 2021.
Fonte: jw.org, 2021

1.7. ANÁLISE COMPARATIVA DOS ESTUDOS DE CASO

Após a análise individual das quatro revistas escolhidas, entendemos que seria relevante fazer uma comparação dos dados recolhidos para facilitar a compreensão das informações levantadas e ajudar na elaboração do redesign da revista *Messenger* na próxima etapa.

TABELA 1

Tabela comparativa de dados das revistas analisadas.

Fonte: Investigador, 2021

	MESSENGER	ADVENTIST WORLD	CHRISTIANITY TODAY	A SENTINELA
EDIÇÃO ANALISADA	outubro 2021	janeiro 2021	setembro 2021	setembro/ outubro 2021
PERIODICIDADE	mensal	mensal	mensal	bimestral
N.º DE PÁGINAS	24	52	92	16
FORMATO	210 x 297 mm	203 x 266 mm	203 x 276 mm	177 x 228 mm
PREÇO	gratuito	3,11 reais	7,99 dólares	gratuito
TIRAGEM	5,000	1,500,000	130,000	74,210,000
PRIMEIRA EDIÇÃO	janeiro de 1936	setembro de 2005	1956	1879
IDIOMAS	inglês	7 idiomas	inglês	418 idiomas
RELIGIÃO	Adventista	Adventista	Protestante	Testemunha de Jeová

Entre as revistas analisadas, “A Sentinela” é a publicação mais antiga (1879), com maior número de tiragem (74 milhões), distribuição e línguas disponíveis. A *Messenger* teve sua primeira edição em 1936, sendo 20 anos mais velha do que a CT. A mais recente é a Revista Adventista que, no formato atual, teve sua primeira edição em 2005.

A periodicidade destas publicações varia apenas entre mensal e bimestral. Duas são distribuídas gratuitamente (*Messenger* e *A Sentinela*), e as outras duas são vendidas. Para efeitos de comparação, se convertermos o valor da Revista Adventista em reais para dólares, seria \$0,55 (com base na conversão do dia 27 de dezembro de 2021) contra \$7,99 da CT. A CT também é a revista com maior quantidade de publicidade no seu interior, 32 das suas 92 páginas são de anúncios. É a revista mais comercial. As outras três revistas são subsidiadas por doações e pelas instituições responsáveis por cada uma delas, o que favorece a redução do custo ou a gratuidade.

Podemos constatar que é comum uma revista de cunho religioso ser mantida por doação ou por uma igreja/instituição e apenas distribuída a fim de manterem um contato próximo com seus membros-leitores, não necessariamente buscando alcançar novos leitores e focando-se no seu nicho em particular. São periódicos de notícias ou doutrinários.

Com exceção da revista *Messenger*, que utiliza uma fonte sem serifa no seu corpo de texto, todas as demais dão preferência às fontes com serifa. A *Messenger*, à semelhança da maioria, também não apresenta um índice ou sistema de navegação.

As capas de todas as publicações analisadas apresentam um estilo visual bem particular. A *Messenger* é a menos legível por causa do seu logotipo atual. A letra “M” aparece em destaque e o nome completo logo abaixo, com pouca leitura. Até poderíamos aplicar a mesma avaliação para a revista CT, que apresenta apenas uma sigla no lugar do nome completo. Porém, a CT é uma revista influente e altamente reconhecível neste nicho. As outras duas revistas têm o seu nome de forma bem legível na parte superior central da capa.

Na parte interna das revistas analisadas, “A Sentinela” é a que apresenta menor número de páginas e uma grelha mais simplificada com apenas duas colunas e um padrão tão simples que poderia ser considerado pobre do ponto de vista de design. A CT e a Revista Adventista apresentam diversas variações do bloco de texto e imagens, utilizando-se de modo correto uma grelha modular para isso. Já a *Messenger*, segundo seu designer David Bell, pode oferecer uma grelha de 1,2,3 ou até mesmo quatro colunas. Mas ter todas estas opções não significa que a aplicação é correta, pelo contrário, é a publicação com a grelha menos clara e menos organizada.

TABELA 2

Sequência da tabela comparativa das informações das revistas analisadas.

Fonte: *Investigador*, 2021

	MESSENGER	ADVENTIST WORLD	CHRISTIANITY TODAY	A SENTINELA
CAPA & CONTRACAPA	De forma geral, a capa não oferece uma boa legibilidade. A contracapa é ocupada por uma propaganda.	Boa divisão dos elementos na capa. Há publicidade na contracapa.	A capa apresenta boa leitura, no entanto, o logotipo é a sigla da revista (CT), para novos leitores pode ser um problema. Há publicidade na contracapa.	Capa com divisão bem clara em duas partes, excelente legibilidade. Não há muita diferenciação das páginas internas na contracapa.
IDENTIDADE VISUAL	Último ajuste foi apenas no logotipo em 2020. Apresenta, segundo o próprio editor, um aspecto “cansado”.	A versão em português é diferente da versão global. A versão global passou por um redesign recentemente.	A CT já mudou diversas vezes a sua capa e logotipo ao longo dos anos. Por ser a revista mais comercial de todas, é a que melhor trabalha sua identidade visual.	O logotipo está em evidência e toda a publicação segue um padrão.
INTERIOR	Blocos de texto densos, com pouca áreas de descanso, corpo de texto alinhado à esquerda.	Extenso uso de imagens. Poderiam permitir maior área em branco para maior respiro.	Há muita informação, textual e imagética. Utilizam mais recursos, mas as vezes também confuso.	Apresenta bom equilíbrio entre o uso de imagem, texto e espaço em branco. Entretanto, parece mais uma newsletter que uma revista, os artigos são pequenos.
GRELHA	Apresenta de 1 a 4 colunas de texto, composição de imagens fora do alinhamento das colunas, grelha confusa.	Apresenta entre 2 e 4 colunas, o que torna confuso.	Varia entre 1 e 3 colunas. Apresenta uma grelha mais dinâmica, mas também peca em algumas páginas.	Grelha bem evidente, utilizando sempre duas colunas e com poucas alterações.
TIPOGRAFIA	Sem serifa, com variações de tamanho nos títulos. Corpo de texto condensado.	Dois tipos, para o corpo de texto com serifa e para os títulos geralmente sem serifa. Variação de tamanhos. Justificado e alinhado à esquerda.	Varia entre fonte com e sem serifa. No corpo do texto, predomina com serifa. O ideal seria ter um padrão melhor definido.	Utiliza fonte com serifa (título e corpo de texto) e sem serifa (para destaques).
SISTEMA DE NAVEGAÇÃO	Não apresenta.	Sistema peculiar e interessante, mas pode ser um pouco confuso.	Bem diferente, interessante, mas falta hierarquia.	Nítido e claro.

2. ENTREVISTA EXPLORATÓRIA COM O RESPONSÁVEL PELA REVISTA MESSENGER

Na terça-feira dia 30 de novembro de 2021 foi conduzido uma entrevista com o editor da revista *Messenger* via Zoom. Abaixo, apresentamos algumas das principais partes dessa conversa com o Pastor David Neal. A entrevista completa pode ser lida nos apêndices.

Mestrando: Quem são as pessoas envolvidas diretamente com a Mensagem?

O designer é David Bell, que é o funcionário mais antigo de Stanborough, ele trabalha aqui por cerca de 35 anos. Tenho uma secretária editorial, que se chama Sarah Jarvis, mas ela também tem habilidades de revisão. Você poderia chamá-la de revisora assistente, porém o revisor principal é Andrew Puckering. Ele se formou em inglês em Cambridge e é mestre em revisão. Ele examina tudo o que escrevo. Ele vê coisas que não consigo ver e agora somos abençoados por ele. A equipe editorial é composta por cinco pessoas no total.

Mestrando: Como é o processo?

Vamos pegar por exemplo, a edição de janeiro da *Messenger*. A cópia, na verdade, todos os artigos precisam ficar prontos até o dia 9 de dezembro e começaremos a edição no dia 13 de dezembro. São provavelmente oito dias úteis até 23 de dezembro, quando fazemos o que chamo de apertar o botão de impressão. E a partir de janeiro, há um plano, não foi votado totalmente ainda, mas havia um plano de distribuí-lo para 10.000 cópias por mala direta para os membros da casa no Reino Unido, além de mais 5.000 cópias

distribuídas para as igrejas. Haverá uma tiragem de cerca de 15.000 cópias a partir de janeiro de cada mês, e isso provavelmente será totalmente financiado pela *British Union Conference*.

Mestrando: Você imprime a revista na própria Stanborough Press?

Não, de forma alguma. Terminamos a impressão aqui em meados de 1990. Toda a impressão desde então está contratada.

Mestrando: Como você escolhe o conteúdo de cada edição?

A *Messenger* não opera isoladamente. *Messenger* é a revista oficial histórica da Igreja Adventista no Reino Unido e na Irlanda, desde o século passado. A *Messenger* não consegue competir ou acompanhar o ciclo de notícias, e a impressão hoje em dia é incrivelmente arcaica, é lenta e é algo contra o qual tenho dificuldade, pessoalmente. Estou editando há três anos. É meu propósito mudar a *Messenger* de ser um jornal para uma revista de espiritualidade, onde a maioria dos 60% dos artigos são sobre o discípulo crescendo em Cristo, o que significa ser um cristão adventista e esse tipo de conteúdo, ao invés de notícias concretas.

Sempre celebrarei as pessoas que são batizadas, o que chamamos de “Nova vida em Cristo”. Precisamos nos alegrar por qualquer pessoa que se comprometa a seguir a Cristo, e essa é uma ótima notícia e sempre a publicaremos. Não estou tão interessado no evento que aconteceu, quero saber a história de porque o Sr. Smith se tornou adventista, como ele conheceu a Cristo e como sua vida está agora com Cristo e como ele está crescendo em Cristo.

Mestrando: As primeiras publicações se concentraram em doutrinas e testemunhos, bem como em histórias de missionários no exterior, e quais são os tópicos de agora?

Assim, ao longo dos anos, quando surgiram problemas na igreja, a *Messenger* lidou com eles. Meu predecessor David Marshall na década de 1980 usou o *Messenger* ferozmente para defender o Evangelho contra as forças do legalismo e da lei que estavam entrando na igreja. Ele me deu um conselho em inglês, você precisa ser cauteloso, você precisa ter cuidado com o que você diz, diga com cuidado, não apenas atire. Portanto, agora não há muitas questões doutrinárias, mas uma das coisas que quero ajudar a brilhar e, continuar na função de meu predecessor, é de garantir que o Evangelho brilhe.

Mestrando: Você acha que a maneira em que a revista é feita hoje, está no mesmo nível de mensagem, estrutura, visualmente, e forma que ela é produzida, e representa todas essas coisas que você quer compartilhar com sua visão?

Eu amo a *Messenger*. Eu me conectei a *Messenger* porque ele fazia parte da minha identidade como cristão adventista do Reino Unido. E eu sinto que podemos estabelecer, e essa é minha missão para o país que amo, e para todas as pessoas que vivem no país. Todas as raças, todas as etnias, qualquer que seja a sua orientação, e vou usar a palavra, sem exceção, queremos mostrar a eles o amor de Deus, então a *Messenger* foi uma ferramenta para esse fim.

Para ser mais direto com a pergunta eu herdei uma *Messenger* que está provavelmente parecendo cansada. Ainda a chamamos oficialmente, está registrado, nos correios como um jornal, assim como a “*The Economist*”. E então ainda estamos na transição de tentar transformá-la de jornal em uma revista, e eu vejo isso como uma revista cristã. E assim, quando as pessoas abrem as páginas, quero que elas sintam não tanto a leitura de revistas, mas a leitura de uma revista que as ajudará a crescer na fé cristã. Essa é a visão que tenho.

Mestrando: O que você vê como mudanças que poderiam ser feitas para melhorar a *Messenger*?

É aqui que é um pouco difícil para mim porque não sou designer, certo. Em termos de tamanho e quantidade de papel, mantenho esse tamanho por causa do nosso público idoso, temos pessoas que tem alguns desafios visuais significativos. Eles não gostam que eu pinte a página com tinta e depois tenha uma escrita destacada em branco naquela tinta azul, eles não podem ler.

Tenho que ter cuidado, com as cores que utilizo e mantendo o tamanho da fonte do tamanho que está.

Eu poderia usar uma melhor qualidade de fotos. Nós lutamos para obter imagens de qualidade. (...) Melhoramos desde então. Cada imagem tem uma legenda dizendo “é a Mary federal ou qualquer outra coisa”, mas isso exige muito trabalho extra.

Há uma tradição de que o editorial, por exemplo, tenha cerca de 2.000 a 2.200 palavras. É uma tradição que data de 30, 40 anos. Não tive coragem de mudar essa tradição. Se você quer ter um bom artigo, você precisa ir a fundo. Eu não quero apenas dar coisas superficiais. Quero convidar os leitores a se aprofundarem. Portanto, se estou tentando apresentar um argumento para um editorial, quero explicar as escrituras porque, para mim, o editorial é minha versão de um sermão. Estou pressionando um sermão em 1100 palavras, este é o meu papel pastoral para o membro do Reino Unido. Mas estou muito consciente de que precisamos encurtar os artigos.

Mestrando: A *Messenger* é apenas para o povo adventista ou também é para o não adventista, para os leitores cristãos?

A verdade é que é a revista é aprimorada aos adventistas do sétimo dia no Reino Unido e na Irlanda, não estou dizendo que não é só, mas estou falando para a igreja, não estou falando especificamente para um público externo, mas reconheço isso exatamente como quando você está pregando do púlpito.

Mestrando: Como você acha que seria possível se conectar com esse grupo e também com o público mais jovem, as gerações mais jovens?

E é aí que meu coração afunda. Mais uma vez, para enfatizar a demografia dos membros da União Britânica, em minha mente, quando publico uma revista – a *Messenger*, estou pensando em uma irmã Prendergast em Brixton, que é da África Árabe, estou pensando no irmão Mensa em Reading, quem é canadense, estou pensando em Dan, que é romeno, estou pensando na Irlanda do Norte e se cultivando e depois há o folk inglês. As histórias da *Messenger* devem expressar a diversidade da igreja do Reino Unido, isso é inegociável. A verdade é que não tenho as respostas, em parte porque a *Messenger* não tem uma plataforma digital. Eles não vão olhar para uma revista impressa, eles não vão nem chegar perto, eles riem graciosamente de mim. Não sei, não consigo ver um futuro digital para ela no momento, porque isso é parte de uma história mais ampla da tempestade WordPress e seu futuro digital.

Mestrando: O logotipo da *Messenger* mudou para apenas um M azul numa caixa vermelha. Porque essa mudança foi feita e como ela ganhou vida?

Foi porque o logo original tinha cerca de 25 ou 30 anos e está lá desde que começamos a fazer a *Messenger* em cores. Achei que era hora de mudar. Também leio várias revistas adventistas ao redor do mundo e provavelmente a revista que mais me impressiona

no adventismo é a “Record”, a revista australiana. Gosto do design, parece brilhante. Então eu com meu designer, nós apenas brincamos, ‘o que você acha’, e foi isso que combinamos, e não tínhamos um comitê, era apenas entre mim e ele.

Mestrando: Você tem concorrentes?

Em termos de revista, existe uma revista comunicadora da SEC, que é produzida muito, muito bem. Mas, novamente, isso atende a um público diferente com questões diferentes, especificamente relacionadas ao foco da conferência sul, não é a revista nacional do Reino Unido, então eu não sinto que tenho nenhum concorrente.

Mestrando: A *Messenger* está em execução desde 1936 e apenas o período entre 2002 e 2011 foi o período em que a Mensagem não foi publicada. O que aconteceu naquele período?

A verdade é que foi publicado nessa época, só não tivemos tempo de colocar os arquivos no caminho, muita gente me pergunta sobre isso porque temos vergonha disso, só não tivemos tempo para fazer isso, não se engane. Então, na verdade, nunca parou.

Agora, o que aconteceu em 2019 foi de uma publicação quinzenal para mensal, e isso é bastante radical, é uma sacudida bastante radical e então você teria uma revista de 24 páginas agora por mês, que costumava ser cerca de um número total de páginas mensais com você aos 30, 32.

Mestrando: Quais são os objetivos da revista *Messenger*? Quando eles [leitores], terminarem de ler essa edição, qual é o feedback que você espera em alcançar?

Portanto, o primeiro objetivo é ajudar a diversidade da Igreja Adventista no Reino Unido a ter um senso de unidade, para tentar ajudar a manter a família da igreja, a sociedade, trazer a família da igreja unida, manter a família da igreja unida e crescer unida em Cristo. Esse é realmente o objetivo central. E, ao lado disso, é compartilhar o que significa ser um seguidor de Cristo e cristão adventista no século 21 no Reino Unido e na Irlanda, em nosso contexto, e é por isso que temos papéis muito diferentes do que na “Adventist Review”, isso fala ao Reino Unido e à igreja irlandesa, não à igreja global. E expressa um adventista que se conecta com o Reino Unido, a Irlanda e o mundo em que vivemos. Estou muito consciente de que é para os estados-nação que esta revista fala. Que cada membro da igreja deveria ter uma voz aqui se quisessem.

Mestrando: Existe algum orçamento específico, quais são eles as limitações que a *Messenger* tem hoje?

A verdade é que existe um orçamento definido para a *Messenger*, 24 páginas mensais, impressão, custos, custos editoriais e, claro, custos de distribuição. Então é um preço fixo e eu simplesmente vivo dentro desse regime, então eu nunca pediria 26 páginas de 28 páginas.

Quais são os principais elementos que você diria ‘Jef, não importa quantas mudanças você queira fazer, isso é o que nos torna o que somos’?

Existem 40.000 membros na igreja no Reino Unido, se tivermos 5.000 ou 10.000 lendo, é isso. Tem um público muito pequeno e eu queria que crescesse, o que é uma pena. E o que há de inegociável nisso? Acho que as fotos são inegociáveis, da família, da igreja de todos os lados, isso tem que ter, temos que ver a família da igreja.

Eu gostaria de pensar que o editorial em certo sentido não é negociável, porque é a parte do editor, é um pastor da União Britânica, lutarei contra isso até o fim.

SÍNTESE CONCLUSIVA

Por meio dos Estudos de Caso foi possível avaliar revistas do meio religioso. Este capítulo foi particularmente importante para percebermos na prática alguns dos pontos levantados de forma teórica em capítulos anteriores. Percebemos como o uso das grelhas, dos tipos de letra e da forma como o conteúdo é apresentado pode favorecer ou não a legibilidade de uma publicação. Graças à análise comparativa das publicações, ficaram evidenciados os pontos em que a revista *Messenger* pode melhorar e alicerçados os pontos-chaves para criar um projeto gráfico mais interessante e alinhado com as boas práticas do design editorial. Foi possível recolhermos bons exemplos do que fazer e pontos a serem evitados.

A entrevista exploratória foi extremamente importante para nos ajudar a complementar o entendimento sobre o objeto de estudo, sua história, realidade atual e possíveis caminhos para o futuro. Estes pontos serão necessários para o desenvolvimento do projeto de redesign da revista *Messenger* a ser apresentado no capítulo seguinte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adventist UK, s.d. Disponível em:
<https://adventist.uk/news/messenger/>.
[Acedido a 28 de dezembro de 2020]

Adventist World, s.d. Disponível em:
<https://www.adventistworld.org/past-issues/>. [Acedido a 6 de janeiro de 2022].

Adventist World, s.d. Disponível em:
<https://cdn.adventistworld.org/wp-content/uploads/2018/08/AR-Media-Kit.pdf>.
[Acedido a 6 de janeiro de 2022].

Apfelbaum, S. & Cezzar, J., 2014. *Designing the Editorial Experience: A Primer for Print, Web, and Mobile*. Rockport Publishers, USA.

Christianity Today, s.d. Disponível em: christianitytoday.com/ct/archives.
[Acedido a 14 de novembro de 2021].

Christianity Today, s.d. Disponível em:
<https://www.christianitytoday.org/who-we-are/our-ministry/>. [Acedido a 14 de novembro de 2021].

Revista Adventista, s.d. Disponível em: <https://acervo.cpb.com.br/ra>. [Acedido a 6 de janeiro de 2022].

Rolo, E. R., (2015). *‘Olhar | Jogo | Espírito de serviço - Sebastião Rodrigues e o design gráfico em Portugal’*. Doutoramento em Design. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, Lisboa.

Stanborough Press, s.d. Disponível em: <https://www.stanboroughpress.org.uk/>. [Acedido a 14 de novembro de 2021].

The Watchtower, s.d. Disponível em: <https://www.jw.org/en/library/magazines/>. [Acedido a 14 de novembro de 2021].

TingTopTen, 2020. *Top 10 Most Read Christian Magazines of 2020*. Disponível em: <https://www.tingtopten.com/2020/02/top-10-most-read-christian-magazines-of-2020/>. [Acedido a 14 de novembro de 2021].

Valente, I. F. P., 2017. *Design Editorial aplicado a Revistas. Revista de Design Gráfico Português*. Universidade de Lisboa, Lisboa.

Wikipedia, s.d. *Christianity Today*. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Christianity_Today. [Acedido a 14 de novembro de 2021].

Wikipedia, s.d. *Lista de livros mais vendidos*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_livros_mais_vendidos. [Acedido a 24 de novembro de 2021].

Wikipedia, s.d. *Review and Herald Publishing Association*. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Review_and_Herald_Publishing_Association. [Acedido a 24 de novembro de 2021].

Capítulo 5

REDESIGN DA REVISTA MESSENGER



NOTA INTRODUTÓRIA

Num artigo da revista “*Christianity Today*” de 14 de outubro de 1966, é dito que “Dez anos atrás, as revistas religiosas eram criticadas pelo amadorismo do design, resultando em um tom de cinza monótono” e que a última década trouxe muitas melhorias e progresso. No entanto, há um contraponto feito por Edmundo C. Arnold, ao afirmar que “A melhoria na aparência foi apenas o resultado inevitável da mudança do tempo. Não acho que tenha havido mudança suficiente, boa e estudada o suficiente...”⁵⁰

Ora, se houve um progresso na década de 1960, esse progresso não foi contínuo e se perdeu em algum momento, pois em 2007, Kantor em seu livro “*Graphic Design and Religion: A Call for Renewal*” afirma que “A religião deve começar a ver o design gráfico não como um luxo caro ou uma frivolidade desnecessária, mas como um administrador da boa vontade.”⁵¹ (Kantor, D., 2007, p.41). Kantor também compara que as igrejas continuam a investir em uma arquitetura moderna, na qualidade da música, nos equipamentos sonoros e musicais, mas não tem o mesmo zelo pelo design do material que irá justamente promover seus cultos, encontros e programas especiais (Kantor, D., 2007, p.p.42-44.).

A revista *Messenger* não é, portanto, uma exceção, e sim, mais uma das tantas revistas religiosas que precisam evoluir acompanhando as tendências do mercado editorial e de design gráfico.

⁵⁰ T.L.: “Ten years ago religious magazines were criticized for amateurishness of design resulting in drab grayness.(...) “The improvement in appearance has been only the inevitable outcome of the change of time. I don’t think that there has been enough, good enough, and studied enough change....”

⁵¹ T.L.: “Religions must begin to see graphic design not as an expensive luxury or an unnecessary frivolity but as a steward of goodwill.”

1. A IMPORTÂNCIA DO REDESIGN

De acordo com Zappaterra, mesmo as melhores publicações precisam de ser, eventualmente, atualizadas. Segundo a autora, o melhor motivo para realizar o redesign de uma revista é o de esta se manter atualizada e refletir as necessidades dos seus leitores, mas não apenas. É preciso contextualizar as mudanças dentro do momento social e cultural, a fim de que a publicação esteja de fato a evoluir de forma coesa e inteligente (Zappaterra, 2007, p.157).

Mário Garcia indica dez regras do que fazer ou não fazer durante um processo de redesign. Entre elas, podemos destacar e resumir os seguintes pontos: cada redesign é único; alguns redesigns são apenas como lavar o rosto, outros precisam de um banho completo; planejar cuidadosamente o uso dos quatro principais elementos de uma publicação (tipografia, página, estrutura e cor); priorizar hierarquias e navegabilidade; entre outros pontos que devem ser observados para criar um bom trabalho, lembrando que os hábitos dos leitores mudaram muito nos últimos anos graças à internet (Zappaterra, 2007, p.157).

Quando observamos as edições anteriores da revista *Messenger*, podemos perceber que pouca ou quase nenhuma mudança foi empregue ao longo dos últimos anos. A publicação apresenta problemas, como observámos no capítulo anterior no Estudo de Casos. Devido às devidas circunstâncias, ficou-nos claro de que era importante desenvolver um trabalho completo de redesign, afinal “... eventualmente, mesmo a publicação de longa duração mais bem elaborada pode se tornar desatualizada e obsoleta. Nesse caso, uma grande revisão ou redesenho deve ser considerada”⁵² (Zappaterra, 2007, p.156-157).

⁵² T.L.: “(...) eventually, even the best-designed long-running publication may become outdated and satiate. In this case, a major overhaul or redesign should be considered.”

1.1. DEFINIÇÃO DO BRIEFING

Após a recolha das informações teóricas, análises dos Estudos de Caso e a entrevista com o editor da revista *Messenger*, David Neal, foi possível identificar quais são os principais pontos a serem trabalhados nesta proposta de redesign da revista *Messenger*.

Os pontos destacados por David Neal foram: os atuais leitores da revista são em sua grande maioria pessoas de idades avançadas e alguns com problemas de visão; os leitores são pessoas que cresceram acompanhando a revista e são adventistas de longa data; o uso de imagens; o maior número total de páginas possível em cada edição; que todos tenham uma voz na revista; alcançar um público mais jovem; manter um senso de união e família para com os membros da Igreja Adventista do Reino Unido e Irlanda;

Desta lista, sobressaem alguns desafios a ter em consideração. Sendo a maior parte da audiência composta por pessoas idosas que, provavelmente, não possuem boa acuidade visual, é tentador que se queira manter o tamanho da fonte maior para facilitar a leitura. No entanto, aumentar o tamanho da fonte não é necessariamente a melhor ou única solução. É necessário portanto, aumentar a legibilidade e a leiturabilidade, tendo em consideração o público-alvo.

Outro fator limitante é que o número máximo de páginas que a editora consegue suportar são vinte e quatro páginas mensais. Justamente por não oferecer uma flexibilidade no número de páginas, é necessário encontrar outras soluções para aumentar o espaço branco dentro da publicação, tendo em conta que o caminho mais simples de aumentar o número de páginas não é viável.

1.2. ESTUDOS INICIAIS

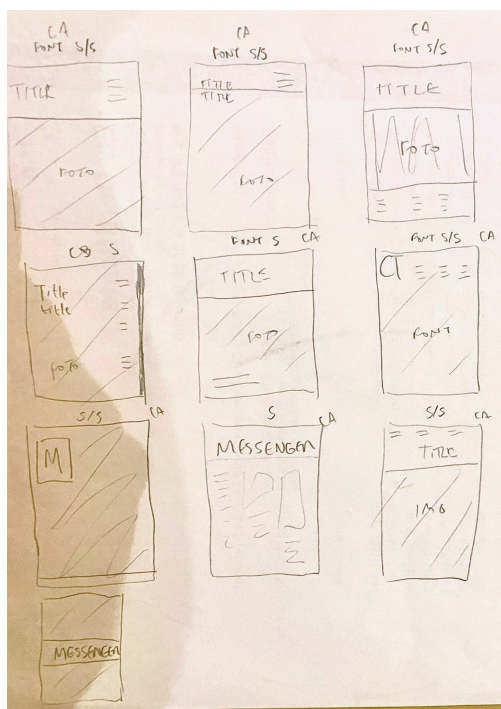
Os primeiros estudos produzidos focaram-se na criação da capa da revista (FIGURA 51, 52). Algumas estruturas foram desenhadas à mão inspirando-se em estruturas mais comuns observadas noutras publicações (FIGURA 50). Após alguns testes, as opções para capa foram sendo reduzidas, levando em consideração que gostaríamos dar mais destaque ao nome *Messenger* e melhorar a composição dos elementos. Na versão anterior, o nome da revista não é destacado na capa, o que torna a sua legibilidade reduzida. As imagens na capa não seguem um padrão de estilo e estão em conflito com o espaço designado ao logotipo, causando ruídos visuais.

Há um destaque no rodapé para a página de Facebook, no entanto, a página não é atualizada periodicamente, pelo que não consideramos que haja necessidade de dar tamanha ênfase a este elemento na capa da revista. Optámos, assim, por removê-lo.

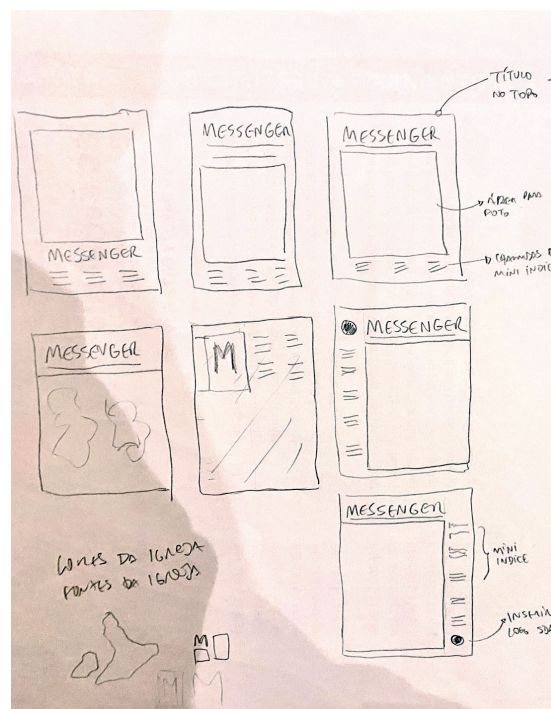
Atualmente, a revista não apresenta um índice, ou sistema de navegação, que facilite aos leitores encontrar os artigos pretendidos. Como o espaço interno é reduzido, considerámos a opção de incluir essa informação na capa da publicação, e, deste modo, conseguir uma dupla função de índice e de chamadas de capa relativas ao conteúdo da revista.



FIGURA 50
Capas de revistas religiosas protestantes usadas para determinar padrões comuns neste tipo de publicações.
Fonte: Investigador, 2021



FIGURAS 51
Primeiros estudos para a nova capa.
Fonte: Investigador, 2021



FIGURAS 52
Estudos avançados para posicionamento dos elementos e design da nova capa.
Fonte: Investigador, 2021

Mais de trinta versões diferentes de capas foram testadas, impressas e avaliadas. Muitas delas continham apenas pequenas variações, como alteração das imagens, diferentes posicionamentos de alguns elementos, diferentes tipos de letra e tamanhos da fonte.



FIGURAS 53
Estudos de capa para a revista Messenger.
Fonte: Investigador, 2021

The image displays two copies of the 'MESSENGER' magazine, the journal of the Seventh-day Adventist Church in the United Kingdom and Ireland. The left copy is the original, and the right copy is a photocopy. Both covers feature the title 'MESSENGER' in a bold, serif font at the top. Below the title, the subtitle 'Journal of the Seventh-day Adventist Church in the United Kingdom and Ireland' is printed. The main image on the left cover is a silhouette of a person's head against a background of a city skyline and a large, dark, smoke-like cloud. The text 'Code Red for humanity! Will we do our part?' is overlaid on the image. The right cover features a close-up profile of a person wearing glasses, with the same text overlaid. Handwritten notes and signatures are visible on both covers. The left cover has a handwritten note 'Adventist Times' in the top right corner and a signature 'dela' on the left side. The right cover has a handwritten note 'dela' on the left side and a signature 'A' on the right side. The bottom of both covers lists the contents of the issue, including 'Leader's Corner', 'ADRA', 'Testimony', and 'Youth Matters'.

As duas capas selecionadas com anotações feitas pela orientadora. No design do lado esquerdo, foi questionado o tamanho do nome da revista em propoção com o restante da capa. No design do lado direito, foi indicado utilizar a data e numeração da revista no lado esquerdo superior da imagem; utilizar a mesma fonte do outro design para o nome da revista; reposicionar a imagem e mudar o subtítulo da revista.

TITULO NO TOP

Advantist
Moto
Senia

MESSENGER

A PRA PRA
FOTO

CAMERAS E
MINI INDICE

Detalhe de um dos estudos da figura 54. Este foi o estilo adotado e aplicado nas capas escolhidas.
Fonte: Investigador, 2021

2. DESENVOLVIMENTO DE UMA NOVA IDENTIDADE VISUAL PARA A MESSENGER

De acordo com Zappaterra, a melhor localização para o nome de uma revista é por extenso na parte superior da capa, pois facilita a leitura e a identificação. Apenas o logotipo, sem a necessidade de ícones. (Zappaterra, 2014, p.44)

Durante os estudos, duas fontes foram utilizadas. Uma sem serifa, bold – Poppins Black. A outra uma versão moderna de uma fonte com serifa – Canela Deck. Depois de diversos estudos e testes, chegamos à conclusão de que a fonte com serifa era a melhor escolha. Além de evocar as raízes da história da revista *Messenger* que em tempos teve o seu nome escrito numa fonte com serifas, entendemos que esta opção traria um aspeto mais tradicional à publicação, fator que considerámos importante uma vez que muitas outras mudanças foram aplicadas para modernizar o periódico. Na FIGURA 54, que mostra as diferentes capas, podemos identificar os testes com fontes para o nome da revista.

A capa escolhida apresenta o nome da revista de modo bem destacado na posição superior central da capa na cor vermelha, aludindo à cor de logotipo que foi utilizada em diversos momentos da história da revista (FIGURA 56). O subtítulo encontra-se logo abaixo do nome da publicação em caixa alta utilizando a fonte Noto Sans, uma fonte sem serifa para poder fazer um melhor contraste com a fonte do nome *Messenger*.

O espaço reservado à imagem é um quadrado, posicionado ligeiramente acima do eixo central da página. Escolhemos utilizar este formato pois permite uma flexibilidade por parte da editora na escolha de uma imagem sem comprometer a legibilidade de nenhum outro elemento da capa.

Na parte abaixo da imagem, temos em destaque a chamada para o tema daquela edição e um mini índice destacando alguns dos artigos presentes na revista.

FIGURA 56
Novo design do nome
(logotipo) para a revista
Messenger.
Fonte: Investigador, 2021

MESSENGER
JOURNAL OF THE SEVENTH-DAY ADVENTIST CHURCH IN THE UNITED KINGDOM AND IRELAND

Desta maneira, cada elemento da capa (FIGURA 57) tem uma área reservada para si, evitando ruídos visuais e facilitando, não apenas o trabalho do designer, que pode seguir facilmente este mesmo padrão para todas as edições, mas, acima de tudo, facilitando aos leitores, que poderão rapidamente identificar o nome da revista, o artigo principal e a imagem em destaque. E agora, poderá também saber quais outros artigos daquela edição irá abordar, podendo gerar maior interesse pela leitura.

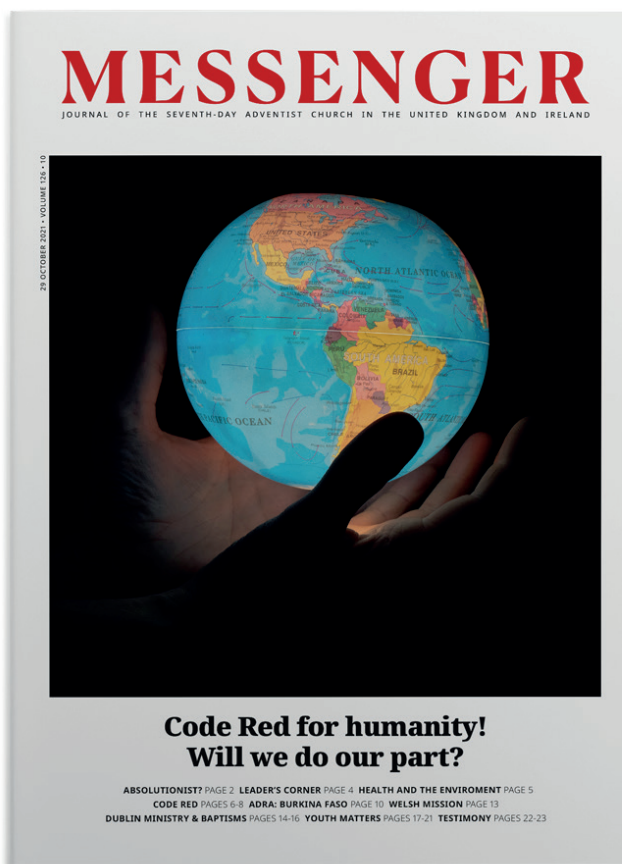


FIGURA 57

Nova estrutura de design de capa escolhida para a Revista *Messenger*.

Fonte: Investigador, 2021



FIGURA 58

Quatro edições antigas da revista *Messenger*. Da esquerda para a direita: edição de janeiro de 1936; edição de setembro de 1995; edição dezembro de 2000; edição de fevereiro de 2018.

Fonte: Stanborough Press Archives, s.d.

3. DESENVOLVIMENTO DE UM NOVO PROJETO EDITORIAL PARA A MESSENGER

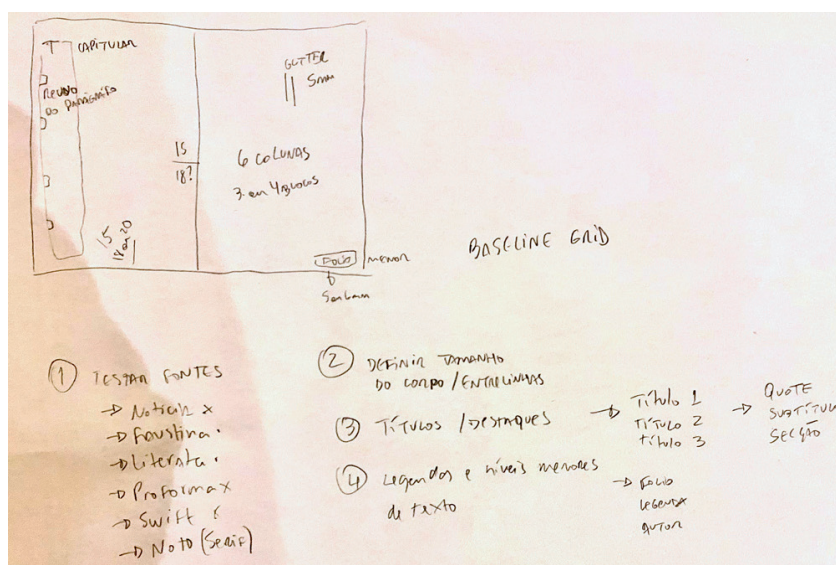
Um dos maiores problemas, se não o maior, da revista *Messenger* pré-existente é a ausência de áreas em branco para respiro. Os blocos de texto são muito apertados, utilizando um tipo condensado, que não permite o descanso dos olhos. O alinhamento do texto à esquerda cria irregularidades na margem direita da caixa de texto e gera diversas viúvas e linhas solitárias. Os títulos também são problemáticos. Não há uma padronização no tamanho da fonte e estes são utilizados de acordo com o espaço disponível. Algumas vezes, a letra capitular no início do parágrafo tem maior destaque do que o próprio título do artigo. Todos os títulos aparecem na cor cinza-claro, oferecendo praticamente nenhum destaque ou contraste em relação ao corpo de texto. A utilização das cores poderia também favorecer a leitura dos títulos, facilitar a variação entre cada secção e auxiliar o leitor.

Visando aumentar a legibilidade dos textos da revista, foi preciso criar uma nova grelha tipográfica. Percebemos por meio de alguns testes que a grelha que ofereceria a melhor solução seria a do tipo modular. Optámos por seguir com uma estrutura de 6 colunas, por ser um modelo que apresenta excelente flexibilidade, pois podemos variar entre duas ou três colunas de texto.

FIGURA 59

Processo de estudo da grelha e parte interna para a revista *Messenger*. Na imagem é possível ver a indicação do número de colunas, blocos, o uso da capitular, nomes de fontes para testar no corpo de texto e a ordem na qual os itens deveriam ser definidos.

Fonte: Investigador, 2021



Para além das seis colunas, optámos por dividir a página em quatro linhas na horizontal, o que origina 24 módulos. Deste modo, temos a possibilidade de melhor separar a área para títulos e chamadas e para o corpo do texto.

Outro aspecto de extrema importância nesta definição da estrutura da revista, é a definição da grelha de base (*baseline grid*). Optámos por criar uma *baseline* de 6 pontos, que nos permite usar entrelinhas de múltiplos de 6, sempre ajustadas à grelha de base, o que garante maior rigor na execução da paginação da revista.

Relativamente às margens, nesta nova versão, definimos margens maiores, aumentando a área de respiro e trazendo um maior descanso aos olhos.

FIGURA 60
Visualização do *spread* na página mestre no Adobe InDesign. É possível identificar as seis colunas em cada página, a área útil e as margens, o posicionamento do fólio, das seções e também a divisão horizontal em quatro partes.

Fonte: Investigador, 2021

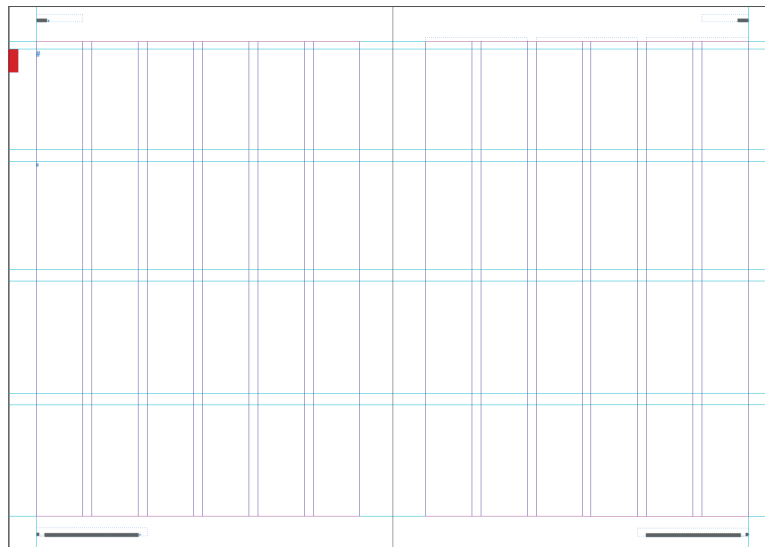


FIGURA 61
Visualização do *spread* no documento no Adobe InDesign das páginas 2 e 3 da revista *Messenger*. Podemos visualizar os elementos aplicados no design da nova grelha.

Fonte: Investigador, 2021



O primeiro quarto da página, na parte superior, é a área destinada ao título do artigo e ao destaque de entrada. Ocasionalmente, uma imagem também ocupa parte deste espaço.

Nos outros três quartos da página podemos encontrar o corpo de texto. Criámos padrões que pudessem facilitar a leitura de artigos longos, como parágrafos em destaque ou citações. A fim de reduzir o espaço do texto corrido, optámos pelo alinhamento justificado (e hifenizado) à esquerda, com exceção dos parágrafos com destaque, que são alinhados à esquerda (sem hifenização).

A fonte selecionada para o corpo de texto foi a Noto Serif Light com 8.5 pontos de tamanho e entrelinha de 12pt. Já para os títulos, optámos pela Poppins bold de 36 pontos. Para as entradas, escolhemos a Noto Serif Light Italic com 18 pontos.

Podemos destacar na **FIGURA 62** o título do artigo, a entrada e um parágrafo em destaque. Note-se que escolhemos uma cor para cada seção da revista. Neste caso, a seção de testemunhos utiliza a cor roxa. Para a seção do editorial utilizámos o vermelho; para a seção “*The Leader’s corner*” utilizámos a cor castanha; para a saúde utilizámos a cor verde-claro; para a ADRA, escolhemos outro tom de verde; para “*News*”, optámos pelo azul; e para o “*Youth Matters*”, escolhemos a cor laranja;

FIGURA 62

Recorte da página 22 utilizando o novo design para a revista *Messenger*. Podemos visualizar o título em destaque na cor roxa com a barra no lado esquerdo, a seção acima do título no canto superior esquerdo da página, a entrada abaixo do título, a letra capitular para iniciar o corpo de texto e também um parágrafo em destaque, também na cor roxa.

Fonte: *Investigador*, 2021

TESTIMONY

The English connection

John Bradshaw was raised a Catholic and began his search for truth early in life. Here's his testimony about the part that England played in his conversion.

I began my career in radio, and it really was quite successful, but I had to do what all young New Zealanders seemed to do – I left my home, following in the footsteps of my older sister, and travelled to London, England. All the while I'm looking for meaning in my faith.

I went to Midnight Mass at the Stoke Newington church near where I was living. Nothing! It was flat, and I actually saw the priest smack one of the altar boys for doing something wrong, and I thought: Never! I'm done with

as my Lord and Saviour, and immediately I'm credited with His goodness, and He lives His life in me to grow me more and more unto the measure and stature of the fullness of Christ.

As I read *The Great Controversy* I met Jesus and accepted Him as my personal Lord and Saviour.

I had thought about throwing the book across the room, because I knew if I followed what I knew to be true, my life would change dramatically, and

Para aumentar a conexão entre a seção e sua cor, incluímos uma barra ao lado do título que facilita a sua identificação. E para reforçar que aquele artigo em particular faz parte daquela seção, os elementos em destaque também fazem uso da mesma cor, criando assim uma unidade em cada artigo, mas também uma continuidade em toda a revista.

Na **FIGURA 63**, podemos observar a seção “News”, onde a cor azul foi utilizada e temos a repetição da cor, tanto no título quanto no parágrafo em destaque.

FIGURA 63
Recorte da página 14 do novo layout da *Messenger*.
Fonte: *Investigador*, 2021

NEWS

Silent witnesses are growing louder

A new Dublin ministry Discover Truth

For many years, a small team of Dublin members has been handing out copies of *The Great Controversy* in the city centre. Their prayer and vision was to have more church members join their ranks, to be able to provide seekers with further resources should they want to discover more.

A quotation from the book *Colporteur Ministry* by Ellen White helped and encouraged the team to be dedicated and faithful in their mission:



Our experience is that in recent times more people are willing to accept books or flyers, and to engage in dialogue concerning God and the future.

Strange situation
Lockdown challenged the ministry to become more creative in reaching people. The first step was to develop the www.discovertruth.ie website to be more attractive and user-friendly. It is now a veritable mine of resources.

The book stands are easily recognisable.

O mesmo princípio está aplicado na página 19, como podemos observar na **FIGURA 64**, que faz parte da seção “Youth Matters” na qual a cor escolhida foi a laranja. Os elementos em destaque também apresentam a mesma cor laranja.

FIGURA 64
Recorte da página 19 do novo layout da *Messenger*.
Fonte: *Investigador*, 2021

So, my friends, remember that command: to love one another as Jesus loves us.

My daughter's sports day was held recently at Stanborough Primary School, and I was asked to record the event, since parents were not able to attend due to the pandemic. To assist me, I brought along a colleague. In her first race, my daughter did very well and came second. Not bad, I thought to myself, but she definitely has room for improvement. In her second race she came third, which was not following the trajectory I would expect from a member of my family, but I had the wisdom to keep quiet and not say anything.

However, in her last race, she ran so fast that she was guaranteed first place, and I was at the finish line ready with the camera to record this moment and give a huge cheer. But, just before the end, she stopped, turned around and waited for her friends to catch up with her. She ended up finishing third!

have made him happy,' she said. 'Do you think that I stopped because I didn't want to win? No, I stopped so that my friends could win.'

And then I realised that I was being disciplined by my five-year-old. She was the one living the new commandment of Jesus Christ.

This was her way of telling me, 'You need to love, Dad. You need to let somebody else celebrate, somebody else feel accomplished. Let somebody else have their moment in the spotlight.'

My friends, the commandment from Jesus Christ is very simple, and that is to love one another so we can let somebody else win, make somebody else feel important, and allow somebody else to shine. God gave us this commandment, so that out of this pandemic

Na **FIGURA 65**, identificamos o uso da cor vermelha na barra ao lado do destaque, pois este parágrafo pertence a seção editorial, de cor vermelha. Podemos observar também o estilo que foi definido na fonte para os créditos de imagens ao lado direito da fotografia.

Já na **FIGURA 66**, identificamos além do parágrafo em destaque em vermelho, um parágrafo onde foi utilizado uma citação.

FIGURA 65
Recorte da página 2 do novo layout da Messenger.
Fonte: Investigador, 2021

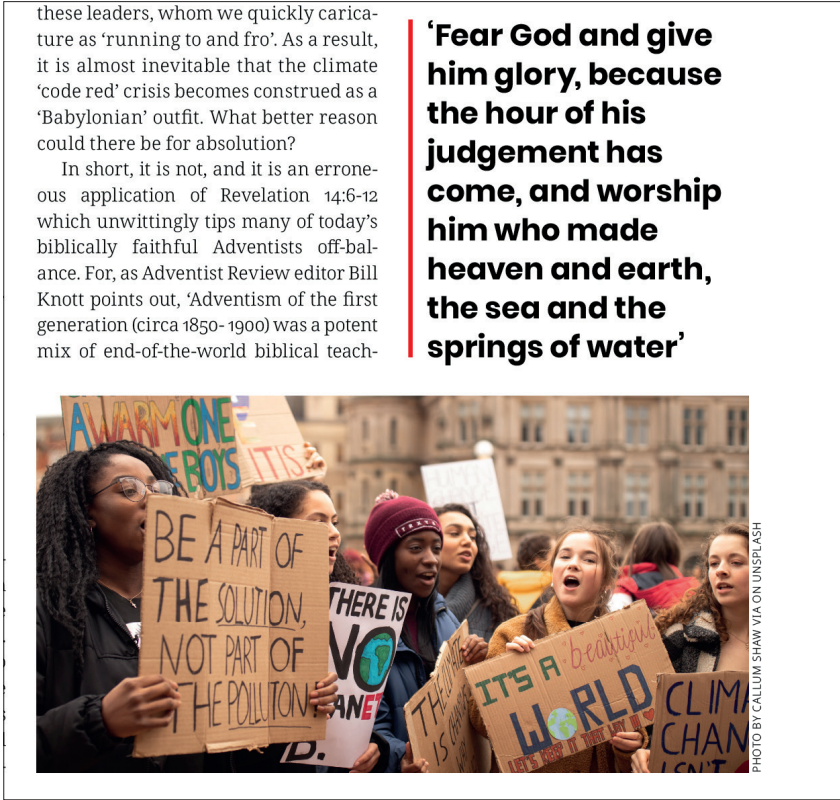
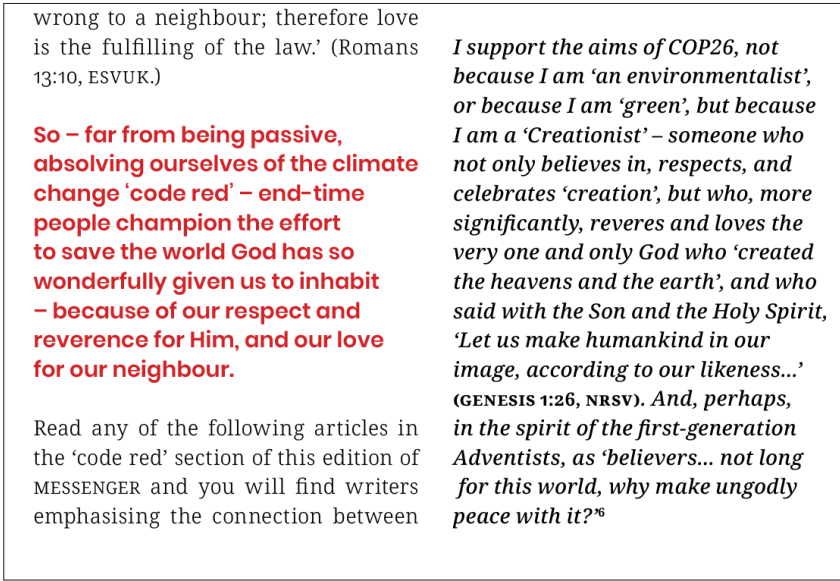


FIGURA 66
Recorte da página 3 do novo layout da Messenger.
Fonte: Investigador, 2021



As cores escolhidas para cada seção não foram aleatórias. Seguiram as indicações oficiais do sistema de identidade visual global da Igreja Adventista do Sétimo Dia (**FIGURA 67**). Acreditamos que o fato de utilizarmos cores que já fazem parte da identidade da igreja traga uma familiaridade aos leitores, além de ser mais sensato o uso recomendável da instituição do que desenvolver um novo estudo de cores.

O mesmo aconteceu para a utilização do tipo Noto. Tanto a versão Sans como a versão Serif são indicadas no sistema de identidade visual da igreja em seu site oficial.



FIGURA 67
Padrão de cores primárias
indicado no site oficial
da Igreja Adventista.
Fonte: identity.adventist.org,
© 2022

4. PROTÓTIPO

De acordo com (Apfelbaum e Cezzar, 2014, p.54), criar protótipos é parte importante do processo de criação. Ainda que as vezes pareça não ser necessário, mas há muitas diferenças entre o que vemos no ecrã do computador e num modelo em tamanho real. Além de ser muito mais fácil de notar alguns problemas que podem passar despercebidos quando apenas verificado digitalmente.

Justamente por isso, ao longo do desenvolvimento do projeto, fomos imprimindo praticamente todos os estudos realizados, o que possibilitou à equipa de investigação tomar decisões ponderadas e tendo em conta o objeto final, que será impresso. O facto de se tratar de um formato padrão (A4), facilitou a possibilidade de imprimir usando impressoras domésticas. No fim deste processo, realizámos um primeiro protótipo total, que pudemos novamente avaliar e, deste modo, inserir novas melhorias e ajustes.

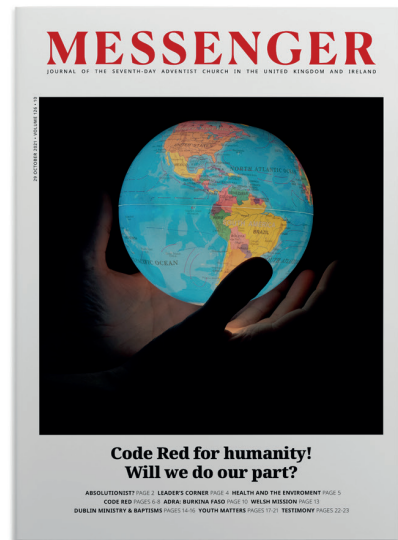


FIGURA 68
Mockup do novo layout da revista Messenger.
Fonte: Investigador, 2021

5. AVALIAÇÃO

Como referido, para facilitar o processo de avaliação, utilizámos uma metodologia de avaliação contínua com a orientadora, desde os primeiros testes para a identidade visual da capa.

Houve um encontro realizado na Faculdade de Arquitetura (FAUL) para avaliação inicial presencial, onde foram apresentados cerca de 15 capas e uma página com o bloco de texto. A professora Elisabete Rolo, que tem experiência na área do design editorial, fez assim observações em relação ao tamanho e ao tipo de letra do nome da revista e em relação ao posicionamento de alguns elementos na capa. Além disso, também avaliou a escolha do tipo para o corpo de texto, tamanho das margens e a grelha.

Após essa conversa, ficaram definidos três passos a executar, no sentido de concluir a definição dos parâmetros de design da revista. Primeiramente, definir o corpo e entrelinha do corpo de texto. Em segundo, definir tamanhos e entrelinhas de títulos e destaques. E em terceiro, definir níveis de hierarquia para o texto, legendas, notas etc.

Foi sugerido explorar algumas novas fontes, de preferência com serifas para o corpo de texto e testar se a grelha ficaria melhor com a divisão em três ou quatro linhas horizontais (mantendo as seis colunas verticais). Também foram referidas algumas outras observações técnicas, tais como, evitar linhas únicas distante do restante do parágrafo (órfãs) ou palavras sozinhas em uma única linha (viúvas). Foi observado o uso correto do alinhamento pela base da grelha (*“baseline grid”*), como melhor alinhar as listas e notas ao final do texto. De aplicar o estilo versalete em determinadas palavras (siglas). Os parágrafos iniciais e após cada destaque não deveriam abrir com espaço; melhor aproveitamento da página; Ajustes na página final que também é a contracapa; etc; E assim, avançámos no estudo do redesign da revista.

A partir daí, o diálogo foi constante e realizado via *online*. Todas as observações foram sendo levadas em consideração e novas capas e páginas foram sendo realizadas, de acordo com cada novo *feedback*.

Este processo foi fundamental para que chegássemos a um resultado satisfatório do ponto de vista técnico e pessoal.



FIGURA 69
Estudo de contrapaga. Neste exemplo, a página não apresenta nenhuma diferenciação das páginas internas, era necessário criar um elemento que indicasse ser a contrapaga.
Fonte: Investigador, 2021



FIGURA 70
Neste estudo, utilizamos uma cor de fundo e o texto em negativo trazia a diferenciação quando comparado as demais páginas, no entanto, a legibilidade não é a ideal. Uma terceira capa foi desenvolvida e escolhida.
Fonte: Investigador, 2021

EDITORIAL

Are you an Adventist absolutionist?

Absolution: 'Formal release from guilt, obligation, or punishment.'

There's a bold statement coming up, so be ready for it! I think some Adventists feel 'absolved' from taking the climate change crisis seriously, because of their belief in the imminence of Christ's Second Coming. To put this another way, 'Why wallpaper the house if it's going to be knocked down tomorrow?' Based on our interpretation of Daniel and Revelation, and as amplified in Ellen White's The Great Controversy, I think it's accurate to describe the narrative as follows:

the Gospel of Christ immediately. From a biblical perspective it is the 'code red' warning, a context from which even a climate change emergency described as 'code red' must be seen.

As we unpack this further, we also can't ignore how we typically apply our understanding of end-time prophecy. By inference, we are suspicious of the climate change movement, a cause driven by a geopolitical institution (the United Nations), influenced by secular humanist environmentalists, scientists and a

1850- 1900) was a potent mix of end-of-the-world biblical teaching and this-world realism that caught the imagination of thousands whom the Spirit was calling.' Church pioneers such as Joseph Bates, James and Ellen White, Hannah More, and John Harvey Kellogg refused to be absolved of engagement with the heavy issues of the day – temperance, slavery, health reform – and Knott cites evidence that during the 1850s the Adventist Review published articles by James and Ellen White on occasion encouraging 'civil disobedience'

FIGURA 71
Estudo de fonte para o título e para o corpo de texto, neste caso, alinhado à esquerda.
Fonte: Investigador, 2021



FIGURA 72
Página 23 antes da primeira avaliação.
Fonte: Investigador, 2021



FIGURA 73
Página 23 após avaliações.
Fonte: Investigador, 2021

5.1. ALTERAÇÕES PÓS-AVALIAÇÃO

Este projeto não seria o mesmo sem a importante avaliação de um profissional da área do design editorial, que com olhar treinado pode fazer observações pertinentes mesmo relativamente aos mínimos detalhes. Por meio dos seus comentários, diversas melhorias foram aplicadas como podemos ver nas imagens a seguir da contracapa (FIGURA 74), das apresentações de notas e do autor do artigo (FIGURA 75), corpo de texto e editorial (FIGURA 73) e título e corpo de texto (FIGURA 76).

FIGURA 74
Layout final da contracapa. Foi aplicado a cor vermelha, igual ao do logotipo, mas com apenas 10% de opacidade, o que resultou em uma diferenciação em relação as páginas internas.
Fonte: Investigador, 2021



-
- ¹ N. T. Wright, 'Jesus is coming – plant a tree', Introduction to the Green Bible, Collins 2008, London.
- ² Seventh-day Adventists Believe, p. 382 in particular, highlights the loss of religious freedom.
- ³ Bill Knott, 'Rediscovering reform', Adventist Review, 30 August 2021, <https://www.adventistreview.org/2109-5>.
- ⁴ Robert White, 'A burning issue: Christian care for the environment', Cambridge papers, 2006, <https://www.jubilee-centre.org/cambridge-papers/a-burning-issue-christian-care-for-the-environment-by-robert-white>
- ⁵ *Ibid.*, 'Rediscovering reform'
- ⁶ *Ibid.*
-



DAVID NEAL
Editor

OCTOBER 2021 | MESSENGERMAGAZINE.CO.UK 3

FIGURA 75 p.118
Layout final das
apresentações das notas
e autor do artigo.
Fonte: Investigador, 2021

EDITORIAL

Are you an Adventist absolutionist?

*Absolution: 'Formal release from guilt,
obligation, or punishment.'*

There's a bold statement coming up, so be ready for it! I think some Adventists feel 'absolved' from taking the climate change crisis seriously, because of their belief in the imminence of Christ's Second Coming. To put this another way, 'Why wallpaper the house if it's going to be knocked down tomorrow?'¹ Based on our interpretation of Daniel and Revelation, and as amplified in Ellen White's The Great

ly. From a biblical perspective it is the 'code red' warning, a context from which even a climate change emergency described as 'code red' must be seen.

As we unpack this further, we also can't ignore how we typically apply our understanding of end-time prophecy. By inference, we are suspicious of the climate change movement, a cause driven by a geopolitical institution (the United Nations), influenced by secular

ing and this-world realism that caught the imagination of thousands whom the Spirit was calling.' Church pioneers such as Joseph Bates, James and Ellen White, Hannah More, and John Harvey Kellogg refused to be absolved of engagement with the heavy issues of the day – temperance, slavery, health reform – and Knott cites evidence that during the 1850s the Adventist Review published articles by James and Ellen White on oc-

FIGURA 76
Layout final para os títulos,
entradas e corpo do texto.
Fonte: Investigador, 2021

Finalmente todas as 24 páginas foram impressas, à fim de que pudéssemos melhor avaliar o objeto em mãos. Mesmo com inúmeras revisões, é importante, como já citamos anteriormente, de que se faça uma avaliação com o objeto físico e sempre que possível do tamanho real do objeto final.

Foi a partir deste protótipo que pudemos observar alguns detalhes que ainda podiam ser melhorados: O alinhamento de algumas imagens com a mesma altura ou base da linha do texto; optamos por deixar a foto e nome do autor por último, depois das notas do texto; corrigir algumas viúvas e linhas órfãs que haviam passado despercebidas até aquele momento; incluir os destaques com as cores de cada seção e ajuste final na contracapa.

Todos os ajustes foram essenciais para produzir um projeto com maior riqueza técnica e visual, melhor organização do conteúdo e leitura da revista.

Um novo protótipo foi impresso para uma última revisão (**FIGURA 77**), o qual entendemos cumprir as nossas expectativas, cientes de que com mais tempo seria possível lapidar ainda mais e ter um resultado ainda melhor.



FIGURA 77
Fotos do protótipo final.
Fonte: Investigador, 2021



Is this my Father's world?

by Pastor Ian Sweeney,
President, British Union Conference

At the time of writing (29 September 2021) many households in the UK are in the grip of a fear that has resulted in panic buying of fuel. The worry has led to:

- Long queues, roads being blocked,
- Waiting over an hour to fill up,
- Anxious drives to find petrol stations that have fuel,
- Frustration,
- Anger and violence on forcecours and in queues,
- Fuel price increases,
- Reports that key workers such as nurses and doctors cannot get to their places of work.

Six days ago, on 23 September, Reuters reported 'BP closes UK gas stations due to truck shortages'. Reuters) that BP 'had temporarily closed some of its petrol forecourts in Britain after its ability to transport fuel from refineries was hit by an industry-wide shortage of truck drivers'.

As this BP statement was further reported by popular UK news media, motorists began to panic, and so the rush to purchase fuel began.

So, while the UK is in the grip of a panic to buy oil-based fuels, conversely, the annual United Nations climate change conference is being organised to be hosted in Glasgow this November.

COP26, which stands for 'Conference of the Parties', is part of the United Nations' global response to the threat of climate change known as the United Nations Framework Convention on Climate Change (UNFCCC). According to the UN, the Convention has near-universal membership.

Youth climate activist Greta Thunberg, in a speech made at the YouthClimate forum, described the response of world leaders as nothing more than 'blah, blah, blah'.

While it is too far a stretch to state that Jesus was the first climate change activist, He certainly foresaw a time when the world would be gripped by panic, fear and anxiety due to what was witnessing in nature.

Jesus said (Luke 21:25, 26, GNT): 'There will be strange things happening to the sun, the moon, and the stars. On earth whole countries will be in despair, afraid of the roar of the sea and the raging fire. People will faint like a man who is coming over the whole earth, for the powers in space will be driven from their courses.'

As Seventh-day Adventists we believe that the events Jesus was speaking about are those to herald His Second Coming, and how terrible it will be for those who are not prepared for its return. The panic and anxiety we are experiencing now pale into insignificance compared to this future day of which Jesus spoke.

However, the question that arises is: 'Should we be concerned about issues of our world, knowing that God is going to make it new anyway?'

My answer is, 'Yes'.

Further to this, if your answer is 'no', I don't believe we should ever again sing the hymn 'This is my Father's world'. The very title of this hymn draws us to the fact that the world in which we live today belongs to God, and as such we have a stewardship responsibility to care for it. Matthew Davenport Ballou, the author of 'This is my Father's world', died some 14 years before his poem was set to music by Franklin L. Sheppard. However, the message of this hymn reminds us that we are stewards of a world that both belongs to God and was created by God.

2 | Messenger 10-2021



David Neal, Editor

Are you an Adventist absolutist?

Absolution: 'Formal release from guilt, obligation, or punishment.'

There's a bold statement coming up, so be ready for it! I think some Adventists feel 'absolved' from taking the climate change crisis seriously, because of their belief in the imminence of Christ's Second Coming. To put this another way, 'Why wallpaper the house if it's going to be knocked down tomorrow?'

Based on our interpretation of Daniel and Revelation, and as amplified in Ellen White's *The Great Controversy*, I think it's accurate to describe the narrative as follows: *Bible prophecy informs us that we live in the time of the end. Many signs in the world around us – social, economic, religious, geo-political and in nature – provide evidence that Christ's return is soon to come. Immediately preceding His return there is to be a final crisis of global proportions in which all humanity is tested – to be loyal to Christ and His Word, or to align with the forces of Babylon. Faithful and obedient followers of Christ will incur loss of freedom to worship, and will lose their ability to buy or sell as a result of keeping holy the seventh-day Sabbath. For such times encouragement and direction are provided by Christ: "When these things begin to take place, stand up and lift up your heads, because your redemption (His return) is drawing near (Luke 21:28, NKJV)."*

It is a narrative tightly bound up in Adventist identity and mission, for the Bible is symbolised by the three angels' messages of Revelation 14:6-12. The message is a final and urgent one. To make the people of Planet Earth aware of what is about to take place. No less than an immediate response is invited – accept the Gospel of Christ immediately. From a biblical perspective it is the 'code red' warning, a call to action from which we can take emergency action described as 'code red'.

As we unpack this further, we also can't ignore how we typically apply our understanding of end-time prophecy. By inference, we are suspicious of the climate change movement, a cause driven by a geopolitical institution (the United Nations), influenced by secular humanism.

Contact Pastor Rosemary Lambourne at rlambourne@adventist.org.uk for more details about this volunteer assignment. Alternatively, call her on 02380 661781.

Further details can be provided upon receipt of your CV.

Other essential qualities and characteristics:

- A strong and healthy spiritual life,
- Strong leadership skills,
- Passion for missionary evangelism,
- A thorough understanding of the doctrines and ethos of the Seventh-day Adventist Church,
- A willingness to become part of the community in which the church is based,
- The ability to work independently and on your own initiative as well as working as a member of a team,
- Being able to adhere to the values and ethos of the Seventh-day Adventist Church.

You will need to be available to start before the end of 2021 and be willing to serve for 12 months. Accommodation and out-of-pocket expenses would be provided. Part-time volunteering will be considered.

Candidates are required to have the right to live and work in the UK, and all necessary checks will be carried out. The South England Conference of Seventh-day Adventists is committed to data protection and data privacy and is an equal opportunities employer.

Contact Pastor Rosemary Lambourne at rlambourne@adventist.org.uk for more details about this volunteer assignment. Alternatively, call her on 02380 661781.

Further details can be provided upon receipt of your CV.

As we unpack this further, we also can't ignore how we typically apply our understanding of end-time prophecy. By inference, we are suspicious of the climate change movement, a cause driven by a geopolitical institution (the United Nations), influenced by secular humanism.

Let's be clear – Revelation 14:6 provides no get-out clause just because humankind has used and abused God's creation. On the contrary, the text signals this message to be a 'reset' button which restores authentic Christianity, with disciples who keep the commandments of God, and who have faith in Jesus Christ (Revelation 14:12, ESVUK). White continues by saying, 'Our response is a test both of our obedience to our Creator, and of our commitment to care for our neighbour'.

And White is right in his assessment about both tests. John 'the seer' gives a warning that Christ will destroy those who destroy the earth (Revelation 18:8, NKJV). And when it comes to our neighbour, the text is even clearer: 'Beware one another's burdens, and so fulfil the law of Christ' (Galatians 6:2, ESVUK). 'Love does no wrong to a neighbour; therefore love is the fulfilling of the law' (Romans 13:10, ESVUK).

So – far from being passive, absolving ourselves of the climate change 'code red' – end-time people champion the effort to save the world God has so wonderfully given us to inhabit because of our respect and reverence for Him, and our love for our neighbour.

Read any of the following articles in the 'code red' section of this edition of MESSENGER and you will find writers emphasising the connection between

and articulate) is pre-dispositioned to dismiss these leaders, whom we quickly caricature as 'running to and fro'. As a result, it is almost inevitable that the climate 'code red' crisis becomes construed as a 'Babylonian' outfit. What better reason could there be for absolution?

In short, it is not, and it is an erroneous application of Revelation 14:6-12 which unwittingly tips many of today's biblically faithful Adventists off-balance. For, as *Adventist Review* editor Bill Knott points out, 'Adventism of the first generation (circa 1850-1900) was a potent mix of end-of-the-world biblical teaching and this-world realism that caught the imagination of thousands whom the Spirit was calling. Church pioneers such as Joseph Bates, James and Ellen White, Hannah More, and John Harvey Kellogg refused to be absolved of engagement with the heavy issues of the day – temperance, slavery, health reform – and Knott cites evidence that during the 1850s the *Adventist Review* published articles by James and Ellen White on occasion encouraging "civil disobedience" against a US federal injustice.'

Time to take another look, I think, at Revelation 14:7.

"Fear God and give Him glory, because the hour of His judgment has come, and worship Him who made heaven and earth, the sea and the springs of water" (ESVUK).

In the context of judgement time, God's people continue to have the utmost respect for God by offering Him authentic worship. Their reverence for Him in keeping the seventh-day Sabbath not only celebrates His creative power and sustainability, but acknowledges their responsibility to justly manage the earth. As Cambridge professor of geophysics Robert White points out, humankind is to 'rule over and take care of both the living and non-living creation. We are not to be passive spectators, but are to work of ruling and ordering creation without abusing the earth for our own selfish ends. Our care for creation should be consistent with God's care for it, enabling it to be fruitful in providing food and resources and allowing it to play its part in giving glory to God'.

Let's be clear – Revelation 14:6 provides no get-out clause just because humankind has used and abused God's creation. On the contrary, the text signals this message to be a 'reset' button which restores authentic Christianity, with disciples who keep the commandments of God, and who have faith in Jesus Christ (Revelation 14:12, ESVUK). White continues by saying, 'Our response is a test both of our obedience to our Creator, and of our commitment to care for our neighbour'.

And White is right in his assessment about both tests. John 'the seer' gives a warning that Christ will destroy those who destroy the earth (Revelation 18:8, NKJV). And when it comes to our neighbour, the text is even clearer: 'Beware one another's burdens, and so fulfil the law of Christ' (Galatians 6:2, ESVUK). 'Love does no wrong to a neighbour; therefore love is the fulfilling of the law' (Romans 13:10, ESVUK).

So – far from being passive, absolving ourselves of the climate change 'code red' – end-time people champion the effort to save the world God has so wonderfully given us to inhabit because of our respect and reverence for Him, and our love for our neighbour.

Read any of the following articles in the 'code red' section of this edition of MESSENGER and you will find writers emphasising the connection between

personal consumer behaviour and the detrimental effect it can have on a brother or sister on the other side of Planet Earth. Is it our 'out of sight – out of mind' habit that still needs a wake-up call on this? The organisers of COP26, not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?*

*I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?**

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am 'a Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (Genesis 1:26, MSGV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?

SÍNTESE CONCLUSIVA

O processo de redesign da revista *Messenger* resultou de toda pesquisa teórica, das entrevistas e das adaptações desenvolvidas durante a sua criação.

Durante o percurso, vários testes foram sendo feitos, de modo digital e a partir dos resultados impressos, o que facilita ter melhor percepção das coisas como elas realmente são para além dos monitores.

Quando comparamos a edição do mês de outubro de 2021, cuja informação foi utilizada na nova versão desenvolvida, fica evidente que conseguimos apresentar um redesign coerente que responde às necessidades do briefing inicial. É fato que alguns artigos precisaram de ser removidos, para termos uma distribuição coerente dos elementos. Mas esta já é uma intenção do editor, que nos transmitiu que é necessário reduzir o tamanho dos textos. Com a quantidade de texto que existe no modelo atual, é impossível organizar todos os artigos em 24 páginas apenas e manter uma boa leitura.

Para poder visualizar e obter melhor compreensão do objeto final, nos apêndices, encontram-se o PDF completo da proposta desenvolvida para a revista *Messenger*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adventist, s.d. *Identity Guide System*. Disponível em: identity.adventist.org. [Acedido a 24 de novembro de 2021].

Adventist UK, s.d. Disponível em: <https://adventist.uk/news/messenger/>. [Acedido a 28 de dezembro de 2020]

Apfelbaum, S. & Cezzar, J., 2014. *Designing the Editorial Experience: A Primer for Print, Web, and Mobile*. Rockport Publishers, USA.

Stanborough Press Archives, s.d. *ASTR*. Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/>. [Acedido a 28 de dezembro de 2020]

Christianity Today, 1966. *Protestant Magazines Are Changing*. Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/ct/1966/october-14/protestant-magazines-are-changing.html>. [Acedido a 14 de novembro de 2021].

Kantor, D., 2007. *Graphic Design and Religion A Call for Renewal*. GIA, Chicago.

Zappaterra, Y., 2007. *Editorial design*. Laurance King, London.



Capítulo 6

CONCLUSÕES

1. CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento de todos os capítulos desta dissertação foi essencial para compreender melhor os temas e as áreas abordados, que, por sua vez, contribuíram para o objetivo final: o redesign da revista *Messenger*.

Para alcançar tal objetivo final, o primeiro passo foi a definição das questões e dos objetivos de investigação, que nos ajudaram a definir quais as áreas que deveríamos focar no nosso estudo e identificar a melhor metodologia para cada etapa.

Considerando os objetivos propostos, entendemos que conseguimos responder, ainda que de forma não muito detalhada e abrangente, às questões levantadas. Primeiramente, pudemos perceber que, em diversos momentos da história do design, em diferentes culturas ou localizações geográficas, a religião esteve presente. Essa influência fica ainda mais evidente durante todo o período dos Manuscritos Iluminados, em que a Igreja tinha o monopólio sobre a criação dos livros, para além de todo o domínio social, cultural e político, que se prolongou até pouco depois da invenção da impressão tipográfica na Europa.

Ficou claro como a impressão tipográfica contribuiu para a expansão da Reforma Protestante e como esse movimento também contribuiu para a popularização deste novo meio de comunicação. Além disso, foi possível entender os motivos pelos quais a igreja Adventista adotou o material impresso como seu principal meio de evangelismo, contribuindo para um expansionismo de editoras e gráficas em vários países, dentre eles, a Inglaterra, país onde se encontra a Stanborough Press, editora responsável pelo nosso objeto de estudo, a revista *Messenger*.

Uma vez que explorámos a parte histórica mais abrangente do design e conseguimos estabelecer relações entre o design editorial e a religião, mais especificamente no contexto da Reforma Protestante e a Igreja Adventista, foi necessário explorar a revista *Messenger*. Conhecer a sua história, objetivos, audiência, contexto atual, desafios e perspectiva de futuro foi determinante. Seria impossível obter uma ideia completa apenas por meio de pesquisa teórica. Portanto, a entrevista exploratória ao editor chefe da *Messenger*, Pastor David Neal, foi extremamente importante para complementar nosso conhecimento sobre o periódico e responder às questões

levantadas. Esta entrevista também foi essencial para o desenvolvimento do protótipo do novo projeto gráfico da publicação, de modo a respeitar a história, a audiência, os valores e as limitações reais da revista.

Para finalizar a primeira parte da dissertação, relativamente ao enquadramento teórico, recolhemos informações que nos ajudaram a compreender e definir os conceitos dos elementos do design editorial, mais especificamente, os elementos presentes em uma revista.

Avançando para a segunda parte da investigação, relativa à parte prática, iniciámos por conhecer e analisar alguns periódicos cristãos do mesmo segmento de atuação da revista *Messenger*. Esta etapa foi particularmente interessante para podermos esmiuçar na prática como os elementos do design editorial estavam sendo aplicados nas revistas analisadas, incluindo a própria *Messenger*. Conseguimos, assim, perceber as soluções aplicadas em diversos problemas que surgem no desenvolvimento de uma publicação.

Colocando em prática todo conhecimento adquirido ao longo dos cinco primeiros capítulos, explicamos a importância do redesign e de quando o mesmo deve ser feito. Delineámos o briefing a partir da entrevista exploratória feita com o editor da revista e partimos para esboçar diferentes possibilidades de identidade visual, capas, grelhas e estrutura, tipos de letra, enfim, para o projeto de redesign da revista.

Procurámos respeitar as limitações da revista, mas acima de tudo, buscámos soluções para resolver os problemas de design que foram encontrados durante os Estudos de Caso e apresentados na definição do briefing. Apesar de acreditarmos que o resultado final é bastante positivo e apresenta uma enorme evolução relativamente à publicação atual, entendemos também que talvez tenhamos ficado demasiadamente subordinados às limitações indicadas pelo editor, o que, de certo modo, tornou o projeto editorial final proposto um pouco simples e sem grande liberdade criativa. Poderíamos ter, por uma questão de exploração didática dentro desta dissertação, ido além de um projeto que respondesse apenas às questões do briefing do cliente, mas que pudesse explorar todos os elementos e recursos do design editorial contemporâneo na sua totalidade. Contudo, optámos por uma solução menos experimental e mais próxima do que acontece na realidade de um designer, que é o cumprimento rigoroso dos requisitos de projeto.

Ressaltamos a importância da participação de uma orientadora com experiência na área do design editorial, que pôde, assim, contribuir para a avaliação e para a melhoria contínua do projeto, a fim de perceber as soluções que funcionavam melhor ou pior, colaborando para produzir um objeto final adequado ao problema e correto do ponto de vista técnico. Entendemos também que com mais tempo para a exploração de novas ideias e recursos, e com a avaliação de outros designers e elementos do público-alvo, o resultado final seria certamente ainda melhor.

Por fim, podemos concluir que os elementos do design editorial quando aplicados corretamente desempenham um papel importantíssimo na capacidade de aumentar tanto a legibilidade quanto a leiturabilidade de uma publicação, independentemente do seu nicho de mercado. O que é necessário, no entanto, é que estes mercados, como é o caso das revistas religiosas, consigam perceber o valor e a necessidade de um bom design editorial.

Consideramos que os objetivos propostos para esta dissertação foram alcançados. Contudo, percebemos que a questão principal de investigação é muito abrangente. Só a poderíamos confirmar como verdadeira, caso o projeto editorial aqui proposto fosse implementado e, posteriormente, fosse realizada um inquérito de satisfação para com os leitores e também uma pesquisa no sentido de averiguar um eventual aumento no número de novos leitores.

1.1. RECOMENDAÇÕES PARA FUTURA INVESTIGAÇÃO

Para futuras investigações relacionadas com as áreas do design editorial religioso, sugerimos que haja uma maior investigação aplicada em Estudos de Casos com diferentes publicações ao longo da história, para melhor perceber a evolução das revistas deste nicho e poder, assim, fazer um melhor levantamento histórico das primeiras publicações até à atualidade.

Entendemos também que, no caso da revista *Messenger*, ou de outras publicações em situação similar, a questão dos meios digitais deveria ser mais bem explorada, se possível com o desenvolvimento de uma versão digital que pudesse complementar (ou quiçá futuramente substituir) a publicação impressa, por questões de recursos financeiros e de sustentabilidade ambiental. De modo semelhante,

deveria ser pensado o desenvolvimento de um website e da presença nas redes sociais, a fim de aumentar a conexão com uma audiência mais nova e, assim, alargar o número de leitores. Para tal, seria necessário um aprofundamento teórico nesta área, de modo a melhor compreender como fazer essa transição do meio físico para o digital, procurando exemplos de revistas que tenham passado com êxito pelo mesmo processo.

Sugerimos ainda que o processo de avaliação de qualquer protótipo editorial possa ser feito, quando possível, por mais do que um designer especialista na área. Quanto mais avaliado for o protótipo e colocado sob prova, maiores são as hipóteses de que o resultado obtido seja ainda melhor e mais adequado. É importante ressaltar que para que isso aconteça de forma efetiva, é necessário tempo e disponibilidade dos intervenientes.

Por fim, um outro tópico que pode ser ainda mais explorado é a influência da impressão tipográfica na expansão do protestantismo e vice-versa. Como esta relação moldou não apenas o design editorial religioso, mas o design como um todo, a cultura, a religião e a sociedade da época e como estas mudanças ainda se refletem nos dias de hoje.



ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INTRODUÇÃO

Adventistas, s.d. *A Nossa História*.

Disponível em: <https://www.adventistas.org.pt/quem-somos/a-nossa-historia>. [Acedido a 27 de dezembro de 2020].

Carvalho, F. L. G., 2012. *A Igreja Adventista do Sétimo e a Mídia Impressa*. Acta Científica, Engenheiro Coelho, v. 21, n. 2, p. 89-100, jan/abr 2012.

Marshall, D., 2014. ‘Stanborough Press: 120 years of Service’. Messenger: Journal of the Seventh-day Adventist Church in the United Kingdom and Ireland. Vol. 119, 17/18, 15 August 2014, n. 19 – 21 August 2014, p.1-15.

Meggs, P. B. & Purvis, A. W., 2016. *Meggs' History of Graphic Design*. John Wiley & Sons, New Jersey.

Novaes, A. M., 2018. *Uma breve história da cultura visual adventista nos anos 1830 a 1860: o uso de imagens religiosas por um movimento de orientação textocentrada*. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 21, n.1, jan./jun. 2018, p. 38-61.

Silva, D.N., s.d. *Reforma Protestante*. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/reforma-protestante.htm>. [Acedido a 28 de dezembro de 2020]

Stanborough, s.d. *A Brief History*.

Disponível em: <https://www.stanboroughpress.org.uk/history/>. [Acedido a 9 de setembro de 2020]

Stencel, R., 2014. *Os mileritas e o Grande Desapontamento de 1844*. Disponível em: <https://www.adventistas.org/pt/espiritodeprofecia/os-mileritas-e-o-grande-desapontamento-de-1844/>. [Acedido a 27 de dezembro de 2020].

CAPÍTULO 1

Aston, M., 1968. *O Século XV*. Editorial Verbo, Lisboa.

Baker, M. F. E., s.d. *Religious Magazines. American History Through Literature 1820-1870*. Encyclopedia.com Disponível em: <https://www.encyclopedia.com/arts/culture-magazines/religious-magazines>. [Acedido a 26 de outubro de 2021].

Bártolo, J., 2006. *O Estado do Design. Reflexões sobre Teoria do Design em Portugal*. Disponível em: <http://www.artecapital.net/opinio-30-jose-bartolo-o-estado-do-design-reflexoes-sobre-teoria-do-design-em-portugal>. [Acedido a 9 de novembro de 2021]

Batty, D., 2017. *A Return to Grace: Luther's Life and Legacy*. Disponível em: <https://youtu.be/lQauUUhoIKg>
[Acedido a 09 de janeiro de 2021].

Biblioteca Digital Mundial, s.d.
Disponível em: wdl.org/pt/item/7497/.
[Acedido a 28 de dezembro de 2020].

Caldwell, C. & Zappaterra, Y., 2014.
Design Editorial: Jornais e revistas / Mídia impressa e digital. Gustavo Gili, São Paulo.

Chartier, R., 1998. *Do códex à tela: As trajetórias do escrito. A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Club, Brasília.

CRF, 2009. *Gutenberg and the Printing Revolution in Europe*. Constitutional Rights Foundation. Bill of Rights in Action. WINTER 2009 (Volume 24, No. 3). Disponível em: <https://www.crf-usa.org/bill-of-rights-in-action/bria-24-3-b-gutenberg-and-the-printing-revolution-in-europe>. [Acedido a 16 de novembro de 2021].

Frank, T.S., 2015. Disponível em: <https://cafequenteesherlock.blogspot.com/2015/11/manuscritos-iluminados-tesouros-da.html>. [Acedido a 6 de janeiro de 2022].

Gospel Magazine, s.d. Disponível em: <https://www.gospelmagazine.org.uk/publications.html#1766>. [Acedido a 14 de novembro de 2021].

Hansen, C., 2010. *The First Evangelical Magazine. Before there was Christian History, there was Christian History*. Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/history/2010/february/first-evangelical-magazine.html>. [Acedido a 15 de novembro de 2021].

Heller, S., 2003. *Merz to Emigré and Beyond: Avant-Garde Magazine Design of the Twentieth Century*. Phaidon, New York.

Kantor, D., 2007. *Graphic Design and Religion A Call for Renewal*. GIA, Chicago.

Karant-Nunn, S., & Lotz-Heumann, U., 2017. *Confessional Conflict. After 500 Years: Print and Propaganda in the Protestant Reformation*. University of Arizona Libraries.

Klug, J., 1998. *Lutero e a Reforma Religiosa*. FTD, São Paulo.

Lemos, L. M. P., 2011. *INCUNÁBULOS: Ensaio, descobertas e experimentações*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – São Paulo - SP – 12 a 14 de maio de 2011.

Liulevicius, V., 2020. *The Religious Impact of the Printing Press*. Disponível em: <https://www.thegreatcoursesdaily.com/the-religious-impact-of-the-printing-press/>. [Acedido a 15 de novembro de 2021].

Meggs, P. B. & Purvis, A. W., 2009. *História do Design Gráfico*. Cosac Naify, São Paulo.

Meggs, P. B. & Purvis, A. W., 2016. *Meggs' History of Graphic Design*. John Wiley & Sons, New Jersey.

Rodrigues, M. H. C., 2012. *Gutenberg e o letramento do ocidente*. Revista Educação e Linguagens, Campo Mourão. Vol. 1, n.1, ago./dez. 2012.

Valente, I. F. P., 2017. *Design Editorial aplicado a Revistas*. Revista de Design Gráfico Português. Universidade de Lisboa, Lisboa.

Wikipedia, s.d, *The Gospel Magazine*. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/The_Gospel_Magazine. [Acedido a 14 de novembro de 2021].

Zappaterra, Y., 2007. *Editorial design*. Laurance King, London.

CAPÍTULO 2

Adventistas, s.d. *A Nossa História*. Disponível em: <https://www.adventistas.org.pt/quem-somos/a-nossa-historia>. [Acedido a 27 de dezembro de 2020].

Bellotti, K. K., 2005. *Mídia presbiteriana no Brasil*. Luz para o caminho e editora cultura cristã (1976-2001). Annablume/FAPESP, São Paulo.

Cambridge Dictionary, s.d. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/journal>. [Acedido a 23 de novembro de 2020].

Carvalho, F. L. G., 2012. *A Igreja Adventista do Sétimo e a Mídia Impressa*. Acta Científica, Engenheiro Coelho, v. 21, n. 2, p. 89-100, jan/abr 2012.

Douglas, H. E., 2001. *Mensageira do senhor: o ministério profético de Ellen G. White*. Casa Publicadora Brasileira, Tatuí.

Gaustad, E., 1975. *The rise of Adventism*. Harper & Row, New York.

Holloway, R., 2016. *A Little History of Religion*. Yale University Press, New Haven and London.

Marshall, D., 2014. 'Stanborough Press: 120 years of Service'. Messenger: Journal of the Seventh-day Adventist Church in the United Kingdom and Ireland. Vol. 119, 17/18, 15 August 2014, n. 19 – 21 August 2014, p.1-15.

Meggs, P. B. & Purvis, A. W., 2016. *Meggs' History of Graphic Design*. John Wiley & Sons, New Jersey.

Neal, D. 2021. *Stanborough Press – the Lord continues to make a way!* Disponível em: <https://ted.adventist.org/news/stanborough-press-the-lord-continues-to-make-a-way-3/>. [Acedido a 6 de janeiro de 2022].

Neal, D. s.d. *Stanborough Press Limited*.
Disponível em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=9CO3>.
[Acedido a 6 de janeiro de 2022].

Novaes, A. M., 2018. *Uma breve história da cultura visual adventista nos anos 1830 a 1860: o uso de imagens religiosas por um movimento de orientação textocentrada*.
Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 21, n.1, jan./jun. 2018, p. 38-61.

Schwarz, R. W.; Greeneleaf, F., 2009. *Portadores de luz: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia*. Unaspess, Engenheiro Coelho.

Stanborough Press Archives, s.d. *ASTR*.
Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/>. [Acedido a 28 de dezembro de 2020]

Tarling, L., 1981. *The edges of Seventh-day adventism*. Galilee, Bermagui South, Australia.

Timm, A. R., 2002. *O santuário e as três mensagens angélicas: fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas*. Unaspess, Engenheiro Coelho.

White, E., 1997. *Evangelismo*. Casa Publicadora Brasileira, Tatuí.

White, E., 1999. *O colportor evangelista*. Casa Publicadora Brasileira, Tatuí.

CAPÍTULO 3

Ali, F., 2009. *A Arte de Editar Revistas*. Companhia Editora Nacional, São Paulo.

Apfelbaum, S. & Cezzar, J., 2014. *Designing the Editorial Experience: A Primer for Print, Web, and Mobile*. Rockport Publishers, USA.

Bringhurst, R., 2005. *Elementos do Estilo Tipográfico*. Casac Naify, São Paulo.

Britannica, s.d. *Johannes Gutenberg*.
Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Johannes-Gutenberg>.
[Acedido a 6 de janeiro de 2022].

Budelman, K., 2010. *Brand Identity Essentials. 100 Principles for Designing Logos and Building Brands*. Rockport, Massachusetts.

Caldwell, C. & Zappaterra, Y., 2014. *Design Editorial: Jornais e revistas / Mídia impressa e digital*. Gustavo Gili, São Paulo.

Christianity Today, 1966. *Protestant Magazines Are Changing*. Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/ct/1966/october-14/protestant-magazines-are-changing.html>. [Acedido a 14 de novembro de 2021].

Economist, 2017. *The Economist Group brand style guide*. Disponível em: <https://design-system.economist.com/brand-and-marketing#style-guides>. [Acedido a 6 de janeiro de 2022].

Economist, 2020. *Covered-19: 2020 on the front of The Economist.*

Disponível em: <https://www.economist.com/news/2020/12/31/covered-19-2020-on-the-front-of-the-economist>. [Acedido a 6 de janeiro de 2022].

Foges, C., 2000. *Design de revista*. 1a edição. Destarte, Lisboa.

Hand, D. & Middleditch, S., 2013. *Design for Media: A handbook for students and professionals in journalism, PR and advertising*. Routledge, New York.

Issuu, 2020. *House Update Magazine - The Revival Issue*. Disponível em: https://issuu.com/janinavictoriadesign/docs/190620_hu_1_digital. [Acedido a 6 de janeiro de 2022].

Kantor, D., 2007. *Graphic Design and Religion A Call for Renewal*. GIA, Chicago.

Klanten, R., 2010. *Turning pages: editorial design for print media*. Gestalten, Berlim.

Lupton, E., 2004. *Thinking with type: a critical guide for designers, writers, editors & students*. Princeton Architectural Press, New York.

Rocha, C. & Nogueira, M. M., 1997. *Design Gráfico: Panorâmica das Artes Gráficas II*. Plátano Edições Técnicas, Lisboa.

Samara, T., 2005. *Publication Design Workbook: A Real World Design Guide*. Rockport, Massachusetts.

Samara, T., 2017. *Making and Breaking the Grid. A Graphic Design Layout Workshop*. Rockport, Massachusetts.

Saúde, J. R. R. G. C., 2013. *Revista de Cultura Imaterial Portuguesa*. Universidade de Lisboa, Lisboa.

Valente, I. F. P., 2017. *Design Editorial aplicado a Revistas*. *Revista de Design Gráfico Português*. Universidade de Lisboa, Lisboa.

Wheeler, A., 2018. *Designing Brand Identity: An essential guide for the whole branding team*. John Wiley & Sons, New Jersey.

Zappaterra, Y., 2007. *Editorial design*. Laurance King, London.

CAPÍTULO 4

Adventist UK, s.d. Disponível em: <https://adventist.uk/news/messenger/>. [Acedido a 28 de dezembro de 2020]

Adventist World, s.d. Disponível em: <https://www.adventistworld.org/past-issues/>. [Acedido a 6 de janeiro de 2022].

Adventist World, s.d. Disponível em: <https://cdn.adventistworld.org/wp-content/uploads/2018/08/AR-Media-Kit.pdf>. [Acedido a 6 de janeiro de 2022].

Apfelbaum, S. & Cezzar, J., 2014. *Designing the Editorial Experience: A Primer for Print, Web, and Mobile*. Rockport Publishers, USA.

Christianity Today, s.d. Disponível em: christianitytoday.com/ct/archives. [Acedido a 14 de novembro de 2021].

Christianity Today, s.d. Disponível em: <https://www.christianitytoday.org/who-we-are/our-ministry/>. [Acedido a 14 de novembro de 2021].

Revista Adventista, s.d. Disponível em: <https://acervo.cpb.com.br/ra>. [Acedido a 6 de janeiro de 2022].

Rolo, E. R., (2015). *‘Olhar | Jogo | Espírito de serviço - Sebastião Rodrigues e o design gráfico em Portugal’*. Doutoramento em Design. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, Lisboa.

Stanborough Press, s.d. Disponível em: <https://www.stanboroughpress.org.uk/>. [Acedido a 14 de novembro de 2021].

The Watchtower, s.d. Disponível em: <https://www.jw.org/en/library/magazines/>. [Acedido a 14 de novembro de 2021].

TingTopTen, 2020. *Top 10 Most Read Christian Magazines of 2020*. Disponível em: <https://www.tingtopten.com/2020/02/top-10-most-read-christian-magazines-of-2020/>. [Acedido a 14 de novembro de 2021].

Valente, I. F. P., 2017. *Design Editorial aplicado a Revistas*. *Revista de Design Gráfico Português*. Universidade de Lisboa, Lisboa.

Wikipedia, s.d. *Christianity Today*. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Christianity_Today. [Acedido a 14 de novembro de 2021].

Wikipedia, s.d. *Lista de livros mais vendidos*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_livros_mais_vendidos. [Acedido a 24 de novembro de 2021].

Wikipedia, s.d. *Review and Herald Publishing Association*. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Review_and_Herald_Publishing_Association. [Acedido a 24 de novembro de 2021].

CAPÍTULO 5

Adventist, s.d. *Identity Guide System*. Disponível em: identity.adventist.org. [Acedido a 24 de novembro de 2021].

Adventist UK, s.d. Disponível em:
<https://adventist.uk/news/messenger/>.
[Acedido a 28 de dezembro de 2020]

Apfelbaum, S. & Cezzar, J., 2014. *Designing the Editorial Experience: A Primer for Print, Web, and Mobile*. Rockport Publishers, USA.

Stanborough Press Archives, s.d. *ASTR*.
Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/>. [Acedido a 28 de dezembro de 2020]

Christianity Today, 1966. *Protestant Magazines Are Changing*. Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/ct/1966/october-14/protestant-magazines-are-changing.html>. [Acedido a 14 de novembro de 2021].

Kantor, D., 2007. *Graphic Design and Religion A Call for Renewal*. GIA, Chicago.

Zappaterra, Y., 2007. *Editorial design*. Laurance King, London.



BIBLIOGRAFIA

Adventist UK, s.d. Disponível em: <https://adventist.uk/news/messenger/>. [Acedido a 28 de dezembro de 2020]

Adventist World, s.d. Disponível em: <https://www.adventistworld.org/past-issues/>. [Acedido a 6 de janeiro de 2022].

Adventist World, s.d. Disponível em: <https://cdn.adventistworld.org/wp-content/uploads/2018/08/AR-Media-Kit.pdf>. [Acedido a 6 de janeiro de 2022].

Adventist, s.d. Disponível em: <https://www.adventist.org/articles/publishing-work-was-central-to-early-adventist-church-1/>. [Acedido a 27 de dezembro de 2020]

Adventist, s.d. *Identity Guide System*. Disponível em: identity.adventist.org. [Acedido a 24 de novembro de 2021].

Adventistas, s.d. *A Nossa História*. Disponível em: <https://www.adventistas.org.pt/quem-somos/a-nossa-historia>. [Acedido a 27 de dezembro de 2020].

Ali, F., 2009. *A Arte de Editar Revistas*. Companhia Editora Nacional, São Paulo.

Apfelbaum, S. & Cezzar, J., 2014. *Designing the Editorial Experience: A Primer for Print, Web, and Mobile*. Rockport Publishers, USA.

Aston, M., 1968. *O Século XV*. Editorial Verbo, Lisboa.

Baker, M. F. E., s.d. *Religious Magazines. American History Through Literature 1820-1870*. Encyclopedia.com Disponível em: <https://www.encyclopedia.com/arts/culture-magazines/religious-magazines>. [Acedido a 26 de outubro de 2021].

Bártolo, J., 2006. *O Estado do Design. Reflexões sobre Teoria do Design em Portugal*. Disponível em: <http://www.artecapital.net/opiniao-30-jose-bartolo-o-estado-do-design-reflexoes-sobre-teoria-do-design-em-portugal>. [Acedido a 9 de novembro de 2021]

Batty, D., 2017. *A Return to Grace: Luther's Life and Legacy*. Disponível em: <https://youtu.be/lQauUUhIKg>. [Acedido a 09 de janeiro de 2021].

Bellotti, K. K., 2005. *Mídia presbiteriana no Brasil*. Luz para o caminho e editora cultura cristã (1976-2001). Annablume/FAPESP, São Paulo.

Biblioteca Digital Mundial, s.d. Disponível em: wdl.org/pt/item/7497/. [Acedido a 28 de dezembro de 2020].

Bringhurst, R., 2005. *Elementos do Estilo Tipográfico*. Casac Naify, São Paulo.

Britannica, s.d. *Johannes Gutenberg*. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Johannes-Gutenberg>. [Acedido a 6 de janeiro de 2022].

Budelmann, K., 2010. *Brand Identity Essentials. 100 Principles for Designing Logos and Building Brands.* Rockport, Massachusetts.

BURKE, P., 1989. *Cultura Popular na Idade Moderna.* Companhia das Letras, São Paulo.

Caixeirinho, C. I. C., 2018. *Criação de identidade e design de comunicação: intervenção numa empresa de serralharia.* Mestrado em Design. Universidade de Évora, Évora.

Caldwell, C. & Zappaterra, Y., 2014. *Design Editorial: Jornais e revistas / Mídia impressa e digital.* Gustavo Gili, São Paulo.

Cambridge Dictionary, s.d. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/journal>. [Acedido a 23 de novembro de 2020].

Campos, L.F.A. & Furtado, C.C. & Marques, A.J.J., 2020. *Design Gráfico para a Terceira Idade: Análise Tipográfica dos Materiais Didáticos da UNITI/UFMA.* UFMA.

Campos, L., 2004. *Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radiofônica e televisiva.* Revista USP, n. 61, mar./mai, São Paulo.

Cardoso, C. R., 2008. *Contributos para uma História da Newsmagazine.* Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Carvalho, F. L. G., 2012. *A Igreja Adventista Do Sétimo E A Mídia Impressa.*

Acta Científica, Engenheiro Coelho, v. 21, n. 2, p. 89-100, jan/abr 2012.

Chartier, R., 1998. *Do códex à tela: As trajetórias do escrito. A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.* Club, Brasília.

Christianity Today, 1966. *Protestant Magazines Are Changing.* Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/ct/1966/october-14/protestant-magazines-are-changing.html>. [Acedido a 14 de novembro de 2021].

Christianity Today, s.d. Disponível em: christianitytoday.com/ct/archives. [Acedido a 14 de novembro de 2021].

Christianity Today, s.d. Disponível em: <https://www.christianitytoday.org/who-we-are/our-ministry/>. [Acedido a 14 de novembro de 2021].

Costa, H. M. P., 2008. *O Protestantismo e a Palavra Impressa: Ensaios Introdutórios.* Ciências da Religião – História e Sociedade Volume 6, No. 2.

Cousins, C., 2018. *The Economist Redesign Does It Right.* Disponível em: <https://designmodo.com/the-economist-redesign/>. [Acedido a 28 de dezembro de 2020]

- CRF, 2009.** *Gutenberg and the Printing Revolution in Europe*. Constitutional Rights Foundation. Bill of Rights in Action. WINTER 2009 (Volume 24, No. 3). Disponível em: <https://www.crf-usa.org/bill-of-rights-in-action/bria-24-3-b-gutenberg-and-the-printing-revolution-in-europe>. [Acedido a 16 de novembro de 2021].
- Dáubigné, J. M., 1985.** *History of the reformation*. Oliver & Boyd, 1985. v. 6, London.
- Denardi, D., 2019.** *Os 5 passos de um projeto gráfico editorial*. Disponível em: <https://davidenardi.com.br/design-editorial/os-5-passos-de-um-projeto-grafico-editorial/>. [Acedido a 28 de dezembro de 2020]
- Dicionário Cambridge, s.d.** Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/journal>. [Acedido a 27 de dezembro de 2020]
- Douglas, H. E., 2001.** *Mensageira do senhor: o ministério profético de Ellen G. White*. Casa Publicadora Brasileira, Tatuí.
- Economist, 2017.** *The Economist Group brand style guide*. Disponível em: <https://design-system.economist.com/brand-and-marketing#style-guides>. [Acedido a 6 de janeiro de 2022].
- Economist, 2020.** *Covered-19: 2020 on the front of The Economist*. Disponível em: <https://www.economist.com/news/2020/12/31/covered-19-2020-on-the-front-of-the-economist>. [Acedido a 6 de janeiro de 2022]
- Faria, M. & Pericão, M., 2008,** *Dicionário do Livro: da Escrita ao Livro Electrónico*. Edições Almedina, Coimbra.
- Florentino, L. F., & Silva, H. L. C., 2018.** *Os reflexos da imprensa na Reforma Protestante e seus efeitos sobre a crítica popular europeia ao clero*. Revista Trilhas da História. Três Lagoas, v.8, no15, jul-dez, 2018.
- Foges, C., 2000.** *Design de revista*. 1a edição. Destarte, Lisboa.
- Frank, T.S., 2015.** Disponível em: <https://cafequenteesherlock.blogspot.com/2015/11/manuscritos-iluminados-tesouros-da.html>. [Acedido a 6 de janeiro de 2022].
- Gaustad, E., 1975.** *The rise of Adventism*. Harper & Row, New York.
- Gospel Magazine, s.d.** Disponível em: <https://www.gospelmagazine.org.uk/publications.html#1766>. [Acedido a 14 de novembro de 2021].
- Hand, D. & Middleditch, S., 2013.** *Design for Media: A handbook for students and professionals in journalism, PR and advertising*. Routledge, New York.
- Hanington, B., & Martin, B., 2012.** *Universal Methods of design. 100 ways to research complex problems, develop innovative ideas, and Design Effective solutions*. Rockport, Massachusetts.

Hansen, C., 2010. *The First Evangelical Magazine. Before there was Christian History, there was Christian History.*

Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/history/2010/february/first-evangelical-magazine.html>. [Acedido a 15 de novembro de 2021].

Heller, S., 2003. *Merz to Emigré and Beyond: Avant-Garde Magazine Design of the Twentieth Century.* Phaidon, New York.

Holloway, R., 2016. *A Little History of Religion.* Yale University Press, New Haven and London.

Hurlburt, A., 2000. *Layout: o design da página impressa.* Nobel, São Paulo.

Issuu, 2020. *House Update Magazine - The Revival Issue.* Disponível em: https://issuu.com/janinavictoriadesign/docs/190620_hu_1_digital. [Acedido a 6 de janeiro de 2022].

Jucá, K., 2005. *Evolução gráfica da revista Veja em três décadas de existência.* Universidade de Taubaté.

Kantor, D., 2007. *Graphic Design and Religion A Call for Renewal.* GIA. Chicago.

Karant-Nunn, S., & Lotz-Heumann, U., 2017. *Confessional Conflict. After 500 Years: Print and Propaganda in the Protestant Reformation.* University of Arizona Libraries.

Klanten, R., 2010. *Turning pages: editorial design for print media.* Gestalten, Berlim.

Klein, A., 2006. *Imagens de culto e imagens de mídia: interferências midiáticas no cenário religioso.* Sulina, Porto Alegre.

Klug, J., 1998. *Lutero e a Reforma Religiosa.* FTD, São Paulo.

Knight, G., 2015. *Adventismo: origem e impacto do movimento milerita.* Casa Publicadora Brasileira, Tatuí.

Lemos, L. M. P., 2011. *INCUNÁBULOS: Ensaio, descobertas e experimentações.* Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – São Paulo - SP – 12 a 14 de maio de 2011.

Liulevicius, V., 2020. *The Religious Impact of the Printing Press.* Disponível em: <https://www.thegreatcoursesdaily.com/the-religious-impact-of-the-printing-press/>. [Acedido a 15 de novembro de 2021].

Lupton, E., 2004. *Thinking with type: a critical guide for designers, writers, editors & students.* Princeton Architectural Press, New York.

Man, J., 2004. *A revolução de Gutenberg: a história de um gênio e de uma invenção que mudaram o mundo.* Ediouro, Rio de Janeiro.

Manners, B., 2009. *Publish or perish: the role of print in the Adventist community.* Saarbrücken: VDM Verlag Dr. Muller.

Marques, P. M., 2013. *Design Editorial: O Processo De Criação de um Projeto Gráfico Para Revistas um Estudo de Caso da Revista Universidade Pública.* Universidade Federal do Ceará.

Marshall, D., 2014. 'Stanborough Press: 120 years of Service'. Messenger: Journal of the Seventh-day Adventist Church in the United Kingdom and Ireland. Vol. 119, 17/18, 15 August 2014, n. 19 – 21 August 2014, p.1-15.

Matos, A., 2005. *A caminhada cristã através da história: a Bíblia, a igreja e a sociedade ontem e hoje.* Ultimato, Viçosa.

Meggs, P. B. & Purvis, A. W., 2009. *História do Design Gráfico.* Cosac Naify, São Paulo.

Meggs, P. B. & Purvis, A. W., 2016. *Meggs' History of Graphic Design.* John Wiley & Sons, New Jersey.

Mendonça, A., 2008. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil.* Edusp, São Paulo.

Morgan, D., 1999. *Protestants & Pictures: religion, visual culture, and the age of American mass production.* Oxford University Press, New York.

Moser, H. 2011. *The art director's handbook of professional magazine design: classic techniques and inspirational approaches.* Thames & Hudson Ltd, London.

Neal, D. 2021. *Stanborough Press – the Lord continues to make a way!* Disponível em: <https://ted.adventist.org/news/stanborough-press-the-lord-continues-to-make-a-way-3/>. [Acedido a 6 de janeiro de 2022].

Neal, D. s.d. *Stanborough Press Limited.* Disponível em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=9CO3>. [Acedido a 6 de janeiro de 2022].

Novaes, A. M., 2018. *Uma breve história da cultura visual adventista nos anos 1830 a 1860: o uso de imagens religiosas por um movimento de orientação textocentrada.* Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 21, n.1, jan./jun. 2018, p. 38-61.

Owen, W., 1991. *Modern Magazine Design.* Rizzoli, New York.

Premier Christianity, s.d. Disponível em: <https://www.premierchristianity.com/About-Us>. [Acedido a 28 de dezembro de 2020]

Relevant Magazine, s.d. Disponível em: <https://www.relevantmagazine.com>. [Acedido a 28 de dezembro de 2020]

Rethink Thought., s.d. Disponível em: <https://rethinkrethought.com/christian-magazines/>. [Acedido a 28 de dezembro de 2020]

Revista Adventista, s.d. Disponível em: <https://acervo.cpb.com.br/ra>. [Acedido a 6 de janeiro de 2022].

Rocha, C. & Nogueira, M. M., 1997. *Design Gráfico: Panorâmica das Artes Gráficas II*. Plátano Edições Técnicas, Lisboa.

Rodrigues, M. H. C., 2012. *Gutemberg e o letramento do ocidente*. Revista Educação e Linguagens, Campo Mourão. Vol. 1, n.1, ago./dez. 2012.

Rolo, E. R., (2015). *‘Olhar | Jogo | Espírito de serviço - Sebastião Rodrigues e o design gráfico em Portugal’*. Doutoramento em Design. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, Lisboa.

Rolo, E.R., 2013. *Design gráfico e processo criativo: o caso de Sebastião Rodrigues*. Convergências - Revista de Investigação e Ensino das Artes, Vol. VI (11), Castelo Branco.

Rothstein, J., 2007. *Designing magazines : inside periodical design, redesign, and branding*. Allworth, New York.

Samara, T., 2005. *Publication Design Workbook: A Real World Design Guide*. Rockport, Massachusetts.

Samara, T., 2017. *Making and Breaking the Grid. A Graphic Design Layout Workshop*. Rockport, Massachusetts.

Saúde, J. R. R. G. C., 2013. *Revista de Cultura Imaterial Portuguesa*. Universidade de Lisboa, Lisboa.

Schwarz, R. W.; Greeneleaf, F., 2009. *Portadores de luz: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia*. Unaspres, Engenheiro Coelho.

Silva, D.N., s.d. *Reforma Protestante*. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/reforma-protestante.htm>. [Acedido a 28 de dezembro de 2020]

Stanborough, s.d. *A Brief History*. Disponível em: <https://www.stanboroughpress.org.uk/history/>. [Acedido a 9 de setembro de 2020]

Stanborough Press, s.d. Disponível em: <https://www.stanboroughpress.org.uk/>. [Acedido a 14 de novembro de 2021].

Stanborough Press Archives, s.d. *ASTR*. Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/>. [Acedido a 28 de dezembro de 2020]

Stencel, R., 2014. *Os mileritas e o Grande Desapontamento de 1844*. Disponível em: <https://www.adventistas.org/pt/espiritodeprofecia/os-mileritas-e-o-grande-desapontamento-de-1844/>. [Acedido a 27 de dezembro de 2020].

Tarling, L., 1981. *The edges of Seventh-day adventism*. Galilee, Bermagui South, Australia.

The Watchtower, s.d. Disponível em: <https://www.jw.org/en/library/magazines/>. [Acedido a 14 de novembro de 2021].

Timm, A. R., 2002. *O santuário e as três mensagens angélicas: fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas*. Unaspress, Engenheiro Coelho.

TingTopTen, 2020. *Top 10 Most Read Christian Magazines of 2020*. Disponível em: <https://www.tingtopten.com/2020/02/top-10-most-read-christian-magazines-of-2020/>. [Acedido a 14 de novembro de 2021].

Tschichold, J., 1928. *The New Typography*. University of California.

Valente, I. F. P., 2017. *Design Editorial aplicado a Revistas*. *Revista de Design Gráfico Português*. Universidade de Lisboa.

Wheeler, A., 2018. *Designing Brand Identity: An essential guide for the whole branding team*. John Wiley & Sons, New Jersey.

White, E., 1997. *Evangelismo*. Casa Publicadora Brasileira, Tatuí.

White, E., 1999. *O colportor evangelista*. Casa Publicadora Brasileira, Tatuí.

Wikipedia, s.d. *Christianity Today*. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Christianity_Today. [Acedido a 14 de novembro de 2021].

Wikipedia, s.d. *Lista de livros mais vendidos*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_livros_mais_vendidos [Acedido a 24 de novembro de 2021].

Wikipedia, s.d. *Review and Herald Publishing Association*. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Review_and_Herald_Publishing_Association. [Acedido a 24 de novembro de 2021].

Wikipedia, s.d. *The Gospel Magazine*. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/The_Gospel_Magazine. [Acedido a 14 de novembro de 2021].

Zappaterra, Y., 2007. *Editorial design*. Laurance King, London.

GLOSSÁRIO

DESIGN EDITORIAL

Design de publicações impressas com uma certa periodicidade, normalmente com um aspeto único, estruturada de maneira a que as histórias sejam lidas e interpretadas da melhor forma.

EDIÇÃO

Conjunto de exemplares que se fazem de uma obra.

EDITOR

Responsável pela organização e preparação devida de todo o material editorial presente numa publicação.

FÓLIO

A numeração de cada página.

GRELHA

Subdivisão do espaço bidimensional (neste caso das páginas da revista) ou tridimensional em áreas mais pequenas. Os campos ficam separados por espaços em branco de maneira a que o texto e as imagens não se toquem. Assim, é a grelha que define as dimensões e proporções do espaço disponível na página.

LAYOUT

Esboço onde é apresentada toda a distribuição dos elementos gráficos que fazem parte do trabalho, desde os tamanhos e pesos das letras e sua posição e enquadramento, às imagens e seus tamanhos e posicionamentos.

MARGENS

Área livre que “emoldura” o corpo de texto na página.

REVISTA

Tipo de publicação periódica geralmente relativa a um leque de assuntos à partida estabelecidos, destinada a públicos gerais ou específicos.

SPREAD

Conjunto de duas páginas opostas que funcionam como um todo no sentido em que o leitor as vê sempre juntas.

TAGLINE

Frase curta que serve como teaser da revista e que expressa sucintamente o seu assunto.



APÊNDICES

A. ESTUDO DE CASOS

1. ANÁLISE DA PUBLICAÇÃO MESSENGER

Análise, descrição e interpretação da revista.

Tipo de papel

A revista não indica o tipo de papel que foi utilizado, mas por meio de contato direto com o designer David Bell, responsável pela publicação, pudemos saber que o papel utilizado é o silk de 115 gramas.

Valores da revista

Messenger é a revista oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Reino Unido e Irlanda. Por mais de oito décadas a publicação tem sido um registro histórico das transformações da igreja nesta região e tem como objetivo informar e unir os membros e líderes da igreja naquela região.

Capa/Contracapa

A capa do mês de outubro apresenta alguns elementos que são comuns às capas da publicação desde janeiro de 2020. Entre eles o retângulo vermelho com um grande “M” azul dentro. Abaixo deste M, apresenta-se o nome completo da revista “Messenger” seguido pelo subtítulo “Journal of the Seventh-day Adventist Church in the United Kingdom and Ireland” e também contém a data de publicação, volume e número da edição. Outro elemento comum é a barra vermelha na parte inferior que contém a tagline “Messenger: Inform, Educate, Inspire”, além de uma chamada para ler mais notícias na página de Facebook da revista.

A cada edição, a foto em destaque da capa é trocada de acordo com o tema principal tratado. No caso da edição em análise, há uma fotomontagem com três fotos do Scottish Event Campus – centro de exposições de eventos em Glasgow, na Escócia, onde iria ocorrer o COP26 (A Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima número 26).

O título em destaque (“Code Red for humanity! Will we do our part?”) está composto em vermelho e branco com uma fonte seriada em dois pesos diferentes, colocado por cima da fotografia.

O contraste do azul frio (com a adição da magenta na sua composição), e do vermelho quente (que contém quase a mesma

proporção entre magenta e amarelo), incomoda os olhos, mas certamente traz um destaque fazendo com que a capa da revista seja facilmente reconhecível.

A contracapa apresenta uma propaganda da editora Stanborough Press.

Identidade visual

A última vez que a revista passou por uma modificação foi em janeiro de 2020, quando houve a transição de um logotipo tipográfico para um símbolo, representado apenas pela letra “M” sem serifa, azul, dentro de um retângulo vermelho, o que por si só não pode ser nem considerado uma marca e nem um logotipo. A letra “M”, por sua vez, parece ser apenas o tipo comum de uma fonte e não é possível identificar se houve algum trabalho para tentar torná-lo particular e exclusivo da revista *Messenger*. Em entrevista com o editor da revista, foi possível confirmar que a mudança foi feita sem nenhum tipo de estudo ou levando em consideração aspectos técnicos, tendo apenas seguido o exemplo de uma outra revista cristã da Austrália, a “Adventista Record”.

Interior

Os blocos de texto, compostos numa fonte sem serifas bastante condensada, são extremamente densos e com alinhamento à esquerda, causando uma leitura pouco confortável, com as palavras terminando de forma bastante irregular a cada linha e apresentando diversas viúvas. Há uma constante mudança no ritmo das colunas, seja por conta do uso de diversas fotos em tamanhos aleatórios ou mesmo pelo posicionamento do título, que por sinal apresenta tamanhos de fonte diferentes em praticamente todas chamadas. Não há uso suficiente do espaço branco em nenhuma página, fazendo com que a leitura seja cansativa.

Há algumas questões que talvez expliquem todos estes problemas na parte interna da revista. A publicação pode ocupar no máximo 24 páginas, o que limita o uso do espaço branco nas páginas. A maior parte dos leitores são pessoas com idades avançadas e que preferem um corpo de texto maior ao que habitualmente é usado em objetos de design editorial. Na página 21, é quase impossível perceber onde termina um artigo e inicia o outro. Mesmo sendo algumas soluções justificáveis pelos diversos constrangimentos,

reconhecemos que muitas dessas soluções não são as ideais e que é necessário que haja alterações ao projeto gráfico com vista a uma melhor legibilidade.

Grelha

A publicação apresenta diferentes blocos de texto em cada página, com composições de imagens em diferentes situações, o que dificulta entender se existe um sistema de grelha e qual. Na primeira página, o bloco de texto é dividido em duas colunas, já na página ao lado, a revista apresenta três colunas. A composição em três colunas parece dominar a maior parte das páginas, mas é possível encontrar blocos únicos (página 11) e ainda blocos de quatro colunas (página 14 e 15).

As margens parecem ser insuficientes para poder trazer mais respiro às páginas já carregadas por tanto texto. Até à página 11, as margens parecem ainda menores do que no restante da publicação, pois contém uma barra vermelha nas extremidades, provavelmente para indicar que estes artigos fazem parte de um único tema. No entanto, isso só reduz ainda mais a área de respiro e cansa os olhos.

O tamanho da fonte no fôlio não é muito menor ou diferente do corpo de texto e por haver uma margem pequena, o texto fica muito próximo do bloco principal de texto, o que não parece correto.

Tipografia

O tipo de fonte predominante na publicação é sem serifa, mas são utilizadas fontes serifadas em alguns títulos ou chamadas. O tamanho das fontes é modificado de acordo com a necessidade do espaço para fazer caber o artigo e as imagens. A fonte utilizada assume uma versão condensada, o que transmite a sensação de as palavras estarem sempre apertadas. Não há um espaçamento adequado entre linhas e o fato de o texto estar sempre alinhado à esquerda produz uma irregularidade na margem direita, que dificulta a legibilidade dos textos.

O uso da letra capitular no início de cada artigo dificulta ainda mais a leitura num espaço onde o texto está competindo com as imagens e onde não há um fluxo fluído e respiro suficiente para que o leitor possa apreciar o texto da forma adequada. Não que o uso da capitular seja em si um problema, mas, nestas circunstâncias, ela perturba mais do que ajuda.

Por meio de contato direto para com o designer da revista, pudemos confirmar que a fonte utilizada é a Swiss Condensed com tamanho entre 9,5 e 10,5 pt no corpo do texto e Swiss Bold Condensed em diferentes tamanhos para os títulos.

Sistemas de Navegação

A revista não apresenta um índice interno ou externo. É literalmente uma surpresa descobrir o conteúdo enquanto se folheia a revista. Nem mesmo o artigo de capa apresenta indicação do número da página onde é possível ler o artigo por completo. Por tudo isto, consideramos que o sistema de navegação na revista não está explorado, não obstante as páginas estarem numeradas.

2. ANÁLISE DA REVISTA ADVENTIST WORLD (PORTUGUESA)

Análise, descrição e interpretação da revista.

Valores da revista

Tem a missão de elevar Jesus Cristo, unindo os adventistas do sétimo dia em todas as crenças, missão, vida e esperança.

Capa/Contracapa

O nome da revista aparece na parte superior da capa numa área de fundo branco. Acima do nome da revista há algumas palavras-chave destacando assuntos abordados naquela edição. Abaixo do nome da revista há uma linha com o mês e ano da publicação. Existe um quadrado abaixo do nome com uma fotografia e o título em destaque da matéria principal. No lado inferior esquerdo, está presente o código de barras e o logotipo da editora e fora do quadrado, ao lado esquerdo, também encontramos o valor do exemplar.

A contracapa apresenta uma propaganda da própria editora promovendo duas publicações.

Identidade visual

Diferentemente das revistas em outras línguas, a edição em português apresenta um logotipo próprio, tendo as duas palavras que formam o nome “Revista Adventista” escritas cada uma em uma cor (dourado e azul) e tamanhos diferentes, dando destaque para o nome “Adventista”. No último “A” de Adventista existe um símbolo, que é parte do logotipo principal da igreja – três faixas em dourado com

um movimento que lembra uma chama. De acordo com o site oficial da Igreja Adventista, esta chama simboliza o espírito santo e as três mensagens angélicas retiradas do livro do Apocalipse na Bíblia.

Na edição em português, o logotipo está sempre na mesma posição na parte superior da capa na área em branco acima da imagem de capa.

Interior

De 52 páginas, apenas 4 páginas são de propagandas e três delas são da própria editora que publica a revista – a outra propaganda é da Igreja Adventista. Há um extenso uso de imagens, e apenas 4 páginas não apresentam nenhuma imagem, isso porque são continuidades de um mesmo artigo. Por vezes, a imagem extrapola uma página e invade a página seguinte, o que pode ser considerado um excesso. Poderiam permitir que houvesse mais espaço em branco para maior respiro e melhor legibilidade. Em dois artigos específicos, são utilizadas imagens de ilustrações vetoriais. Todas as demais imagens são fotografias que seguem um estilo muito coeso, o que ajuda a conferir unidade à parte visual da publicação.

Grelha

Não é possível identificar claramente uma grelha específica, mas acreditamos que seja uma grelha modular. Ao analisarmos as 52 páginas, podemos perceber a predominância do uso de três colunas. Contudo, identificamos outros formatos: duas colunas com espaços igualmente divididos; duas colunas tendo uma a ocupação de 2/3 do espaço, tanto do lado esquerdo quanto do lado direito, e até mesmo quatro colunas. Ainda assim, um mesmo tipo de coluna pode variar sua área em diferentes páginas, o que torna a publicação um pouco confusa por vezes, ainda que as áreas brancas estejam presentes. As imagens também não respeitam necessariamente uma grelha em particular, podendo ocupar uma, duas, três colunas e ter variações de onde começam e terminam.

As margens nesta publicação parecem ser suficientes e acima do fólio há uma linha que reforça a separação entre este e o bloco de texto.

Tipografia

A publicação não indica o nome das fontes utilizadas, mas podemos identificar a predominância de dois tipos. Para o corpo do texto é utilizado uma fonte serifada, com um bom espaçamento entre letras e com uma boa entrelinha. Para os títulos, subtítulos e destaques é utilizada uma fonte sem serifa, quase sempre em caixa alta, mas utilizando bem as diferentes famílias para poder dar destaque e diferenciar os itens mais importantes. É possível notar que ao longo da publicação a fonte do título de um artigo pode variar, mas quase sempre mantendo a característica de ser uma fonte sem serifa. As exceções são encontradas nas páginas 18, 24, 26, 32 e 34 onde os títulos apresentam fontes com serifa. E na página 39, onde é utilizada uma fonte com estilo manuscrito, muito provavelmente para poder alinhar com o tema do artigo que é focado no público infantil. Conseguimos identificar visualmente pelo menos sete tipos diferentes ao longo da edição analisada.

O bloco de texto é predominantemente justificado e alinhado à esquerda, inclusive na maior parte dos títulos. O único bloco inteiro que está apenas alinhado à esquerda e sem justificação encontra-se nas páginas 46 e 47, na seção de obituário. A maior parte dos artigos começa com uma capitular.

De modo geral, a legibilidade não é comprometida, mas há diversas pequenas variações em muitas páginas que não favorecem uma continuidade ou um estilo comum que possa facilmente ser identificado como exclusivo desta publicação.

Sistemas de Navegação

O índice está presente logo na página 3, ou seja, é a primeira página que o leitor verá ao abrir a revista. O sumário está dividido em duas partes. A parte superior contém os artigos em destaque, que para além do título e um pequeno subtítulo e numeração, acompanha também uma imagem. Na parte inferior, encontramos os demais artigos, sem nenhuma imagem e com tamanho de fonte bem reduzida quando comparado com os artigos em destaque.

É um sistema bem peculiar e até interessante num primeiro momento, pois chama realmente a atenção dos artigos em destaque, no entanto, é como se houvesse dois índices e pode ser confuso para o leitor entender a indicação das páginas e seu conteúdo.

3. ANÁLISE DA REVISTA CHRISTIANITY TODAY

Análise, descrição e interpretação da revista.

Valores da revista

“Christianity Today” defende a igreja, molda a conversa evangélica, traz questões importantes para o primeiro plano e fornece soluções práticas para os líderes da igreja.

Em um mundo que precisa desesperadamente da verdade, da bondade e da beleza, a “Christianity Today” fortalece a igreja ao comunicar de forma rica a amplitude do evangelho verdadeiro, bom e belo.

A sua missão é “Equipar cristãos para renovar suas mentes, servir à igreja e criar cultura para a glória de Deus.” E seus valores são: Cristo preeminente em todas as coisas; uma ênfase clara de ministério; conteúdo confiável baseado na Bíblia; um tom civilizado que se comunica com convicção e amor; excelência jornalística e integridade profissional; verve criativa e um humilde descontentamento com o status quo; desenvolvimento, diversidade e devoção da equipe; saúde e força financeira; crescimento focado e estrategicamente planejado.

Capa/Contracapa

A capa da edição de setembro de 2021 apresenta uma ilustração referente ao tema principal da revista. O nome da revista está no topo da capa à esquerda, de modo a cortar um pouco o monograma CT. Logo abaixo aparece a tagline que é na verdade o nome por completo, “Christianity Today”. Ao lado do logotipo, na parte superior à direita, temos em destaque três artigos com a indicação de suas páginas dentro da revista e também o mês e ano da publicação. Na parte inferior à esquerda temos o código de barras, o endereço do website e o custo da revista. Um elemento que não é comum em nenhuma outra capa da publicação, mas que está presente nesta edição é uma barra preta do lado direito com uma nota explicativa com os seguintes dizeres “After the withdrawal: America’s “forever war” in Afghanistan is over, but Christian aid work continues.” – Que explica que apesar da guerra ter oficialmente terminado, o trabalho cristão de ajudar deve continuar.

Na contracapa encontramos uma propaganda de um filme.

Identidade visual

Até setembro de 2013, a revista Christianity Today tinha o seu nome por completo como logotipo na capa da revista, sempre dentro de um bloco de cor sólida que variava a cor de edição para edição. A partir de outubro de 2013, a revista passou a utilizar apenas suas iniciais CT em destaque, alinhadas sempre no extremo superior esquerdo, e parecendo estar encaixadas numa caixa, pois há um corte na parte inferior da letra C, bem como nos lados esquerdos e superior, cortando também o topo da letra T. Logo abaixo, alinhado com a sigla temos o nome completo da revista.

Em boa parte das capas, o logotipo aparece em branco, com um contraste bem evidente, mas há situações em que ele se adapta com o restante da fotografia ou ilustração da capa. Apesar de ser muito simples, podemos dizer que o uso contínuo do logotipo mantém uma identidade visual que é fácil de ser reconhecida.

Interior

Há um extenso uso de imagens ao longo da publicação, seja de fotografias, fotomontagens e ilustrações. Há muita informação, texto e imagem, propaganda, variação de cores e de como os blocos de texto se apresentam. O uso das cores em seções específicas ajuda a organizar o conteúdo. Das 92 páginas da publicação, mais de 1/3 apresenta propagandas, 32 páginas. Em algumas páginas, encontram-se linhas para ajudar a separar os blocos de textos, mas não em todas, o que gera estranheza. De modo geral, a publicação tenta utilizar muitos recursos e formas diferentes e acaba talvez sendo um pouco confusa.

Grelha

Encontramos páginas com blocos de texto de apenas uma coluna, com três colunas, duas colunas iguais ou que de um lado ocupam a área de até dois blocos, variando o posicionamento entre esquerda e direita. Por essas características, é possível supor que a grelha utilizada é modular. As imagens também variam seu posicionamento. Algumas vezes é perceptível que fazem parte de uma grelha específica, em outros momentos parece que foram posicionadas fora da coluna de modo proposital para dinamizar o conteúdo e talvez quebrar um pouco os blocos de texto, mas em alguns momentos este recurso acaba por atrapalhar a fluidez da leitura.

As margens laterais parecem adequadas, no entanto as margens superior e inferior parecem pequenas, ainda mais pelo tamanho da numeração da página no rodapé e as informações de seções no topo. Poderiam reduzir o tamanho destas informações ou aumentarem o tamanho das margens nestes campos.

Tipografia

Os tipos de letra utilizados, assim como nas demais publicações, não aparecem identificados. A publicação apresenta a combinação de fontes serifadas com fontes não serifadas. Os blocos de texto utilizam uma fonte com serifa, assim como os títulos de cada seção, citações, alguns destaques e até mesmo alguns títulos de artigos. Nesse caso, os subtítulos são sempre com a fonte sem serifa. Os títulos e subtítulos dos artigos que estão sem serifa, apresentam dois pesos bem distintos no seu corpo de fonte para facilitar a leitura. É difícil afirmar com certeza, mas há pelo menos dois tipos de letra com serifa ao longo da revista e mais de um tipo sem serifa. Por ser uma publicação com muitas páginas e muitas propagandas, talvez o ideal fosse manter um padrão mais bem definido de quando utilizar cada tipo.

A revista também faz uso da capitular e em algumas páginas com um uso bem extravagante, como por exemplo, na página 16.

Sistemas de Navegação

Apesar de a numeração indicar a página número 3, o índice da publicação aparece somente apenas na quinta página, depois da capa e três páginas de propaganda. O artigo principal do mês está em destaque bem ao centro da página com duas fotos e um bloco de fundo preto com o texto dentro indicando título e resumo, página e o autor do artigo. Os artigos mais importantes estão abaixo deste bloco em destaque com número da página chamando muito a atenção. Ao lado esquerdo e direito deste bloco, temos o que seria um índice mais comum, em vermelho o número da página, o tema ou título do artigo com uma fonte em negrito e o resumo logo abaixo.

É interessante ver diferentes usos do índice que, apesar de visualmente estimulante, pode orientar mal o leitor, ainda que a diferenciação de cores e peso da fonte ajude a dar uma hierarquia importante.

Dentro da publicação, há uma divisão entre as seções. Cada nova seção utiliza uma página inteira com uma imagem e um pequeno índice para indicar o conteúdo a seguir. Cada seção assume uma cor predominante.

4. ANÁLISE DA REVISTA THE WATCHTOWER (A SENTINELA)

Análise, descrição e interpretação da revista.

Valores da revista

A “Sentinela” honra a Jeová Deus, o Governante do Universo. Consola as pessoas com as boas novas de que, em breve, o Reino celestial de Deus acabará com toda a maldade e transformará a Terra num paraíso. Promove a fé em Jesus Cristo que morreu para que pudéssemos ter vida eterna e que já está a governar como Rei do Reino de Deus. Esta revista, publicada sem interrupção desde 1879, é politicamente neutra. Adere à Bíblia como autoridade.

Capa/Contracapa

A capa da revista apresenta uma clara divisão em duas partes. Na parte superior com fundo branco encontra-se o logotipo da revista com seu nome e tagline e no canto superior direito o número da edição e o ano. Na parte maior, abaixo desta área em branco, há uma ilustração com características expressivas bem peculiares e constantes nas publicações das Testemunhas de Jeová. Dentro da área da ilustração, temos uma pergunta que é o tema da edição. A contracapa da revista é utilizada como promoção de um guia de estudos da Bíblia da igreja.

Identidade visual

A fonte utilizada contém serifas e assemelha-se ao tipo de letra Trajan. Acima das letras “EN” há um símbolo que remete a uma torre, alusão ao nome da revista, que em inglês é “The Watchtower” e em português “A Sentinela”.

Interior

A revista apresenta um excelente equilíbrio entre o uso das imagens, blocos de texto e o espaço branco. Em seu favor, quando comparada com as demais publicações, está o fato de que seus artigos são bem menores, permitindo um bom equilíbrio entre todos os

elementos. A publicação faz uso de cores quentes nos títulos e textos de destaque, e em elementos gráficos que ajudam na composição das páginas. De forma geral, a revista parece mais com uma revista digital e talvez o motivo seja para poder utilizar exatamente o mesmo formato nas duas mídias.

Vale aqui uma ressalva. Esta publicação quando comparada com as demais, nem sabemos se podemos considerá-la de fato uma revista, pois apresenta pouquíssimo conteúdo.

Grelha

De todas as publicações analisadas esta é a que apresenta a grelha mais simples, utilizando apenas duas colunas em todas as páginas, com poucas alterações no tamanho que estas colunas ocupam. As imagens também ocupam de forma muito clara seu espaço na grelha, criando uma boa harmonia entre corpo de texto e imagens. As margens são bem espaçadas e o fôlio bem apresentado.

Tipografia

Apesar de não trazer indicação do tipo de letra utilizado, conseguimos facilmente identificar o uso de fonte com e sem serifas. Os títulos utilizam a fonte com serifa, assim como o corpo de texto. Os subtítulos e palavras ou frases em destaque utilizam da fonte sem serifa.

Sistemas de Navegação

O índice da publicação encontra-se no verso da capa, apresentando o número da página e o artigo de forma bem nítida, diferentemente das outras publicações. O facto de ser a revista com o menor número de páginas, apenas 16, facilita a navegação e o acesso à informação.

B. ENTREVISTA

ENTREVISTA 1

*Por email com o pastor e editor, David Neal.
As respostas foram mantidas no original em
inglês e sem edição conforme enviadas por ele.*

Mestrando: What is The Messenger's main goal(s) and audience?

The aim of The Messenger is to provide news and information about the Seventh-day Adventist Church in the British Union Conference territory which includes the United Kingdom of Great Britain and Northern Ireland, and the Republic of Ireland. I share that detail because it is an important detail that the magazine serves members across an international border.

In one sense it is the mouthpiece of the British Union Conference administration, as they are the proprietors of the magazine. Until the digital age, it was the only source of news and information provided by the BUC. Since the introduction of BUC News in the 1990's, there have been two BUC news sources. In reality they never claim ownership of it terms of power and control, and permit the editor to determine editorial direction and content.

Under my tenure the magazine has three clear and distinct purposes:

To inform. To provide news to the reader about church life. As it is published monthly, it is impossible in this 24/7 news environment to be the first with the news. I like to use the metaphor that it is like the Gospel

of John, rather than the Gospel of Mark. Mark witnessed what he saw of Christ, and couldn't write it down quick enough. He writes down what he sees without reflection. John on the other hand, witnessed Christ's life, but reflected on what he saw and wrote down much later.

To educate. As a pastor, I want to help make the church a better place. I want to help the members I serve through the pages of M grow in Christ. I want to help equip them to serve God better, for the sake of his mission. I want to help them have a balanced perspective of what it means to be a Seventh-day Adventist, and not be shaken or stirred by everything they read on FB or some other fringe Adventist website. If I were to do a research project / phd, I would call it, "Towards a balanced but passionate Adventism". That I feel is my life work for the church I serve. Ellen White said that we have 'much to learn, but much, much to unlearn.'

A pastor is also a teacher. I dearly want to help (and teach) the Adventist community to grow in the grace of the Lord Jesus Christ (and in everything that line means). I am convinced Seventh-day Adventists need a 'grace awakening' and a fuller understanding of the Gospel. This was championed by a former editor, Dr. David Marshall. His work is unfinished.

To inspire. As a community of faith we need to talk more with each other about our lives as they connect with Christ. When someone

experiences a new life in Christ (a baptism) we celebrate whoever they are wherever they are from.

As part of the BUC fellowship, I want the reader in Cork, Ireland, or Balham - London, Crieff in Scotland, Manchester in the north, and Cardiff in Wales (for example) to feel that they belong to the BUC family and they have a place and a voice in this church. The BUC is a diverse church family, not least racially and ethnically, but also by geographical spread. The experience of an Adventist in rural Ireland, is quite different from a member in Hackney, London.

I could develop these three values further if you wish when we meet together.

Mestrando: How many readers does the publication have?

Currently I estimate about 5,000 which is not a lot in the context of 40,000 members. Pre-covid we used to publish 10 – 15,000 copies and distribute through the Personal Ministries Secretary of each church. Once Covid arrived this was not possible.

As of November 2020, we are distributing 5,000 printed copies by direct mail. 1,000 of those are direct print edition subscribers. A further 1,000 are direct email subscribers. I guesstimate that up to a further 2,500 people read the digital edition of M through the BUC news portal.

What I'm trying to say is right now it's

confusing and I really don't know. But I estimate that on average about there are about 5,000 readers reading M either by print or digital.

As from January 2022, the plan is to produce 10,000 print copies monthly to be sent direct to those who request and subscribe. A further 5,000 copies will be distributed through the PM secretaries. This is particularly necessary for the Republic of Ireland where direct mail costs from the UK are prohibitive. This is a plan at present and yet to be voted on by the BUC.

Mestrando: Why “The Messenger” is called a journal and not a magazine?

M has historically been called a ‘journal’ because it is my understanding that essentially it was classified as a newspaper. Look back through the archives pre-1970 and it very much looked like a newspaper in style. Back then, all newspapers of whatever sort, had to be registered ‘at the post office’. I think it even stated this inside each magazine. I very much see it these days as a magazine, although it would still be described officially as a journal.

Mestrando: How the pandemic affected The Messenger?

During most of 2020, we did not print. We could not because we were unable to distribute through the PM Secretary with the churches closed. But M continued to publish a digital edition each fortnight.

For 2021 the BUC supported a plan to begin the print edition again, but on a monthly basis. That is when we also took the decision to turn M into a monthly magazine rather than a fortnightly news journal, if I can frame it like that.

Mestrandó: If I am not mistaken, currently The Messenger is only available online, via the website and sent directly to people's email. Will The Messenger become only an online publication? Please, why yes or no?

As my previous question suggests, we believe there will always be a need for a printed edition. Many of our members are senior in years and still not fully savvy with the digital world. If we went totally digital we would disenfranchise many of our members.

Direct mail of the print edition is the plan – and for the time being want to see subscriptions in this respect continue to rise. Inevitably a time will come when the majority of subscribers will be digital. This for all sorts of reasons, not least the ‘green economy’ that we all need to operate on in future.

Mestrandó: How do you see the future of the publication?

Most people who ‘love’ M have been Adventists in the UK for over 25-30 years. I refer to it on their behalf as the ‘family album’. It is about their heritage as an Adventist, their roots, the story of their church over the decades.

I think there is a real problem for members who immigrated into the BUC from say circa 2,000 onwards. I think they feel little identity with the UK church (not such a problem in the Irish Mission -□). Is it the case that the UK Adventist story is not yet their story? Is it the case that they still do not feel that the UK is their homeland? Would they rather read the church magazine from their home country? I don't really know, I am making an assumption here, but as far as the majority of BUC members are concerned – what is ‘The Messenger’. If it wasn't there, would they miss it?

It is my intent and purpose to raise the awareness of M by connecting with all members through telling their story, which is our story.

I think at some stage the Communication Director of the BUC and the Messenger Editor should be incarnated in one person. The current structure of the BUC and the Stanborough Press does not permit that, but that may have to happen down the line. With the new incoming BUC Communication director, Sam Davies, we are committed to a greater level of news collaboration.

I want to see the M serve as a supportive / pastoral / discipleship ministry to the members I serve. The role of the editor as I see it, is to be a pastor the BUC members through the printed word.

Mestrandó: Please, could you tell a bit of your story and how you became the editor for The Messenger?

I am a pastor, and always with to be. Even while serving as the Irish Mission president, I was a pastor. That continues to be my lifelong calling. I was working at TED at the time, and the role was becoming ever less sustainable because of the overseas travel required. This became a problem because of Marci's continuing sight loss. It was not fair for me to clear of overseas on ministry trips, with Marci at home, isolated and struggling to get about (not able to drive a car for example).

When the SP editor role came up, I wondered if this might be right for me. I have always had an interest in writing, particularly about the gospel, the church, and how we connect with popular culture. I passed the interview... primarily because, while I am an amateur journalist, seeking to become ever more professional by the day (-□), I have a dept of church leadership experience to sense the issues, know the UK and Irish church and in some way connect with the church family.

It is the church in the UK and Ireland that is my faith heritage. Can the Lord use me to make it the church he wants it to be through my sphere of influence, through the pages of Messenger (and I might add FOCUS magazine). For Seventh-day Adventists in the UK and Ireland there is 'unfinished business' to do before the Lord comes. I want to help, through the printed word, help finish that business.

Hope this helps Jefferson. Just some musings to help start the conversation for when we meet.

ENTREVISTA 2

Por chamada de vídeo via Zoom com o pastor e editor da revista Messenger, David Neal.

Mestrando: Who are the people involved directly with the Message?

The designer is David bell, who is the longest serving employee at the Stanborough press, he's worked here for about 35 years.

He started as a general hand when we started a printing factory in England, and he graduated, he got into the type set and now he is the designer of the magazine, one of two designers in the publishing house. The second design doesn't design the messenger, but the Stanborough press has.

I have an editorial Secretary, who is called Sarah Jarvis, but she also has proofreading skills. Therefore, she is flexible in working as a secretary, as my PA, but also I give her a lot of proofreading work to do, in this way, you could call her an assistant proofreader, however the primary proofread is Andrew Puckering.

He is a Cambridge graduate in English and he is a master of proofreading. He forensically goes through everything I write and it's a gift. He sees things I can't see and now we're blessed by him.

The editorial team have in total five persons.

Mestrando: What is the process?

How is the process?

For the whole of 2022, we are that far ahead in terms of the planning of it, for the first let's take, for example, the January edition of Messenger.

The copy, actually, all the articles need to be ready by the ninth of December and we commence editing on the 13th of December. That's probably eight working days until the 23rd of December when we do what I call press the print button. Messenger is still primarily a print magazine.

And as from January, there is a plan, it's not voted in totally yet, but there was a plan to distribute it to 10,000 copies via direct mail to the Members home in the UK, plus a further 5000 copies distributed to the churches.

There'll be a print run of about 15,000 copies starting from January every month, and that is probably going to be totally financed by the British Union Conference. They will pay the Stanborough press for the service.

Mestrando: Do you print in the House?

No, not at all. We finished printing here in the mid 1990s. All print since then is contracted out. There are machines in our factory, which has now become a warehouse for the books.

Mestrando: How do you pick the content for each edition?

Messenger does not operate in isolation. Messenger is the historic official magazine

of the Adventist church in the UK and Ireland, and has been for the last century. Newsletter Messenger cannot compete or keep up with the news cycle, and print these days is incredibly archaic, it is slow and it's something I struggle with, personally.

The newsworthiness of messenger is: we struggle, because, by the time we get an article by the ninth of December, and this is recording something that happened in November and Mr Mrs Jones may not get it until mid January, where is the news?

I've been editing for three years. It has been my purpose to shift Messenger from being a newspaper into a nature and a spiritual nature magazine, where most of the 60% of the articles are about discipleship growing in Christ, what does it mean to be an Adventist Christian, and that type of copy, rather than hard news.

I will always celebrate people who are baptised, which we call new life in Christ. We need to rejoice over anybody who makes a commitment to follow Christ, and this is great news and we will always publish that.

I'm not so interested in the event that took place, I want to know the story of why Mr Smith became an Adventist, how he met Christ, and how his life is now with Christ, and how he's now growing in Christ.

And the other thing that Messenger is important for, is the obituary section, the truth is our readership of Messenger is for the gray heads. The people who are most

passionate about Messenger have been Adventist in the UK and Ireland for 40, 50, 60 years and it's their heritage, it's the story of the Adventist church family in the UK and Ireland.

In my head you've just got me in a role. The editorial for January will be about Hebrews because we will be studying the Sabbath school lesson on Hebrew Israelites quarter and I'm passionate that the future of evidence is Jesus.

And so Hebrews is all about Jesus. Jesus is better than anything else you can ever imagine. It's not Jesus and or Jesus plus, it's just Jesus, and so, can I help Members I serve grow in Christ and really connect Messenger to be a change agent for their spiritual journey of growth.

The tagline for Messenger is to educate, inspire and inform.

Mestrando: Yes, you're right. You can't compete with the news out there, because something happens and we got to know it basically in real time.

The first publications were focused on doctrines and testimonies, as well stories from the missionaries abroad, and what are the topics the Message is now focusing on?

So over the years, when there have been issues in the church, Messenger has dealt with it.

My predecessor David Marshall back in the 1980s used Messenger fiercely to champion

the Gospel against the forces of legalism and law that were coming into the church, in fact, there was a massive.

At the time they were against legalistic, perfectionism, and many of our churches split down the middle.

Suffice to say that Messenger was used as a vital tool to inform our members of what the Gospel was all about and so I've seen that as a model for how Messenger should still be used today, so when challenges arise the church comes up.

Like today in recent times, there have been issues about people doubting the Trinity. And so I know, in the last two or three years we've had at least one article about the Trinity to try and explain what the Trinity is about.

In more recent times, there have been administrative challenges and sometimes more treading into a sensitive area, sometimes the leadership in the UK and conferences has not always been, as it should. And I have hoped to use them, trying to use Messenger to try and speak truth to power.

If leadership has not operated in a godly way, and there is some story in the UK and Ireland over the last 10 years where leadership is not always acted as it should.

I'm hoping that through the pages of Messenger we haven't gone out to criticise that leadership we've tried to show them a better way of how leadership with excellence and got the leadership should be run.

Because my previous editor said to me, he gave me a piece of advice in English word, you need to be circumspect, you need to be careful about what you say, say it carefully, don't just shoot.

And it's probably against by nature, not to shoot because, as you can see, I want to say it, as it is that I want to try and connect with a generation that doesn't have it, doesn't speak with filters, it wants to speak authentically and openly. So I've tried to do that and feel that I'm speaking on behalf of the member who is really uptight and outraged that certain things come on.

So, right now there's not many doctrinal issues that are there, but one of the things I do want to help shine through is continue on my predecessors role of making sure the Gospel shines through.

The pages of Messenger, because often in the pulpits up and down, this land the Gospel doesn't always shine through, and that's bad news, and that's one of the demons in Adventism.

Where the Gospel is sort of second place to what we believe in prophecy and things like that. Through and take it that's, it is a very important matter and it's funny to hear you.

Mestrando: Do you think that the way that the magazine today is made, it is at the same level as the word that you were given with the structure or visually or the way that it is produced represents, like, all these things that you want to share this vision?

I love Messenger. I connect to the Messenger because it was part of my identity as a UK Adventist Christian. This is about my church, this is about the church I love, this is about the church I have served and hope to continue to serve, so part of it I'm putting a little bit of my own identity into it.

But it's about the church I believe in and I want to try to help the way the church shape the church in UK and Ireland, whoever we are, we are here for one purpose. And that is to reach people, share with people the love of God. In fact, the Majesty the Queen, the other day, who met her church - the Church of England, said 'I pray that you will make it a priority to share with the people of the UK, the love and grace of God'.

And I feel that we can set to, and that's my mission to the country I love, and to the people who live in the country of all everybody. All races, all ethnicities, whatever your orientation, and I will use the word, without exception, we want to show them the love of God, so Messenger was a tool to that end.

To be more direct with the question I inherited a Messenger that was. Probably going with looking tired.

And this is the problem it's had, this is what we still call it officially, is registered, the post office as a newspaper, just like the Economist. And so we were still in the transition of trying to turn it from that newspaper to a magazine, and I see it as a Christian magazine. My dream is that it can be like the review, or it can be like Christianity's

today, that's the dream that I would say we've arrived at.

And so, when people open the pages I want them to feel not so much the reading news magazine, but the reading a magazine that will help them grow in their Christian faith. That's the vision I have.

What do you see as the changes that could be done to improve Messenger?

This is where it's a little difficult for me because I'm not a designer, okay.

I'm not saying necessarily from that angle, but I know that as an editor and also as a reader there are things that you take, and say you know what 'we could have done this better' and even content, but I think in content you've already showed to me all the changes you were doing and how it has been proven, which I love it, but in the magazine, let's say the size or the paper or the number of pages and so on.

In terms of the size and number of paper I keep it at that size because of our elderly audience, we have people who like to have quite some significant visual challenges.

They don't like me colouring the page with ink and then having white highlighted writing in that blue ink they can't read it, you know reverse, so you know this, you know the bright phrase reverse colouring. I have to be careful, on the colours I use and keeping the font size as big as it is.

And I could do with a better quality of pictures. We struggle to get quality pictures.

Jim has actually said to me years ago ‘Can you make sure of these captions in every photograph?’

So we have improved since then. Every picture will have a caption saying ‘it’s a federal Mary or whatever’ and you can see that online on the mission, but that takes a lot of extra work. We have to write back to the person who sent the copy, can you tell us who these people are? You know it takes quite a bit of work to do that, it takes time.

There is a tradition that the editorial, for example, is about 2000- 2200 words. That’s a tradition, dating back 30, 40 years. I haven’t had the guts to change that tradition, yet, really, in today’s editorials I usually write about thought pieces around 400 or 500 words.

If you want to have a good read, you want to go in depth, so depth is important to me. I don’t just want to give surface stuff. I want to invite the readers to go deeper.

So, if I’m trying to put an argument forward for an editorial, I want to explain scripture because for me the editorial is my version of a sermon. I am pressing a sermon into 1100 words, this is my pastoral role to the UK member.

And I have an opportunity to speak, if you like, not preach but write a spiritual message through this editorial that comes from me

and my experience with God, just like preach does when he preached from the pulpit.

Because, I think you have to go to a certain depth and rather than just do superficial stuff. But I am very conscious that we need to shorten articles.

I have a column on green issues, right, and I’ve done for the last 12 months every issue from January 2021 right through to the spring of 2022 has had what’s called ‘earth and soul’. And so I’ve been building up the magazine to have regular columns, like Nathan Strickland, Nathan’s wanderings.

This year I chose George Knight again to talk about hepatitis heritage, lest we forget, so books are selected, devotional from his devotional and we asked him to give us permission. We paid them some money for it, it doesn’t come free and that’s published by Pacific press. But that’s worth. It’s nice to have them in your magazine. Next year I might choose Dwight Nelson or someone like that, not sure.

Sharon writes about health. Changing her I would dare not, for the readers love her. Now she is the longest, she’s that lasted two editors now, and as she is a tradition, she’s people like to read. Not much as fresh as a writer, she is a bit of a challenge but she’s popular, so I wouldn’t change them.

Also, we have an agile column, because I believe in affirming so already so before I start the next magazine I’ve got those columns in place that helps me that’s copy.

Mestrando: You have been so insightful so far, so thank you very much to show me the things that are very important, for example, when you highlight the importance of sharing and the health section.

Is the Messenger only for Adventist people or is also for not Adventist people, for Christian's readers as well?

Truth is, it is the enhanced magazine of the Seventh day Adventist in the UK and Ireland. I'm not saying it's not only, but I'm speaking to the church, I'm not specifically speaking to an outside audience, but I recognize that just as when you're preaching from the pulpit. There may be somebody from the outside, in your church so that's the principle I don't try to speak to an outside audience I don't want Mrs Jones to share it with a neighbour.

Mestrando: It's easy to understand why these people has a heart for the Message, because 20 years ago nobody will be taking news from the Internet, but this new group they take the news from the Internet and, as you have mentioned that you would like to connect with them and a part of them.

It is right.

Mestrando: Do you want, and if so, how do you think that it would be possible to connect with this group and also with the younger audiences, the younger generations? Because, I'm afraid to say, but I'm sure you know that, maybe in 10-20 years if you just stay with the readers you have today, you may not have readers at all.

And that's where my heart sinks.

Again, to emphasise the demographic of the British Union membership, in my mind when I publish a magazine -the Messenger, I'm thinking of and sister Prendergast in Brixton, who is Africa Arabian, I'm thinking of brother Mensa in Reading, who is Canadian, I'm thinking of Dan Serbian island, who is Romanian, I'm thinking of Northern Irish and culturing themselves and then there's English folk.

The stories of the Messenger are that it must express the diversity of the church and UK, that is non-negotiable.

And if I was not sensitive to that I would expect criticism and occasionally I do. Very occasionally, but I think we've got it just about right again this comes down to the sensitivity of what pictures you put on what page and off who.

And is the author, who on the front covers, have you got the magazine in terms of picture and style represent the culture and dynamics of all the church and that sometimes causes me sleepless nights.

And, and on the other hand, I don't want to have to think about it all the time, I need to be sensitive but I don't want to become neurotic about it. I want to just be a level people you want them to have a place in the voice in the magazine, now that have a bigger challenge than that is the generational challenge. Truth is I haven't got the answers, partly because Messenger does not have a digital platform

and until Messenger has a strong digital platform we don't even stand a chance.

So, you know my son's Tom and Mark. They will not look at Messenger, they will not look at a print magazine they won't even go near it, they graciously laugh at me, so what's the point that it's not for them?, they're not connected so.

As a Messenger, I don't know, I can't see a digital future for it at the moment, because that's part of a wider story of the storm WordPress and its digital future.

Mestrando: Next question is, we came from the name, a big Messenger to just a 'M', with the M underneath in this, shaped it in red and blue, why was that change done and how was that come alive?

It came back because the original master had the Messenger right across was about 25 or 30 years old and it's actually been there since we started doing Messenger in colour. I thought it's time for change.

I also look at various Adventist magazines around the world and probably the magazine I'm impressed with most in Adventism is the Record, the Australian magazine, I like the design, it feels bright.

Then I with my designer, we just have had some banter, 'what do you think', and that's what we came up with agreed with, and we didn't have a committee, it was just between me and him, and the other issue was that the front page will always have a dominant

photo, which will create the theme for the magazine, so again taking it away from the newspaper to being a magazine format. And that's always fun, I enjoy working through, what's the cover going to be this next month and some work some don't.

It's a challenge, a real challenge to get photos without having to pay a lot of money for that, I do this today, do you use only free royalty free photos or do you guys have any budget for buying acquiring photos?

The Stanborough press has an account with a photo library, which I picked up a pair subscription throughout the year and we use that for magazines and our books and if I say to you today rebel and look, I need a candle to represent prayer or something he just looks or there are sometimes in Messenger, probably about 5% of the photography is studio stuff.

Do you have any competitors?

Magazine in terms of news. The news competitor is BBC News, but again I don't regard as a competitor, I'm doing a different type of Ministry.

In terms of magazine, there is an SEC communicator magazine, which is produced very, very well.

But again, that serves a different audience with different issues, specifically relating to focus surfing and conference, it's not the national UK magazine, so I don't feel I have any competitors.

If I have any competition, it's as I look around the world, that the Record or the Review, or I do look at the North American Union magazines, The Lake Union Herald, I like to keep in touch with them on my website, on my webpage, I have addresses of all those places Lake Union Herald Southern Tidings.

The North Pacific West magazine every Union magazine in America, I read probably once a month, just to see what see their style and what they're talking about.

Mestrando: What Christian publications do you follow?

I'm a reader of the Church Times, that's the UK newspaper for the church. I read Christianity Today. I read Christian Century. I love reading magazines. There are the UK evangelical magazines, Premier magazine. And then, I read secular magazines like Time Magazine. The news I read widely read the newspapers Sunday Times, Observer, The Guardian, read The New York Times, the Washington Post and the Irish papers across, I immerse myself in that world I have all those icons on my phone.

One of the issues, since I became editor, I don't have time to read the newspapers, as I did, because I actually have a book editing role.

And again, for me, a newspaper again on the dinosaur, it has to be a print edition, with a beverage in your hand and you know you're relaxing in a cafe or at home.

Mestrando: Do you see the Messenger going through the same process to try to look more modern or no? Because you think that is just kind of the British origin, we want to try to keep somehow a traditional look?

I think there is always going to have a traditional elements to take the membership with you, at the same time, you're trying to capture it and your audience, I want to remember from God, who came here in 2002 to love Messenger, as deeply as I love Messenger having read it, since I was six years old, by the way, I started reading the Adventist Review with my dad, when I was about seven years old and I've stayed with it all those years, and so.

Sam says to me that you read you want to read something that is part of your identity when it comes to church magazines and things like that, and so it shapes you.

I have to say, I can't see how it's going to involve, if you ask me 'Can I see the evolution of Messenger?' I can't see it, maybe that's why I'm not the best person for the job right now, maybe.

Mestrando: I see that you reflect very much, and that the audience itself, and the board itself, and for me when I will try to completely, like it came from outside, as a completely new generation of immigrants, a new generation and with study in design, so it's a very specific, different origins, and I would not imagine that the most young people from my age or younger than me in UK would have the same I that I do, but it's

important to understand, because just transaction adult they will be inevitable, it needs to be made it in the right way, that will not make a strange for any eyes that are used to the Messenger.

Good one. I want to make sure that in Messenger there is a space for every person in the UK and Ireland to feel at home in it, that they can connect with it, they are not going to connect with everything, but I would love to have some youth writing, and what you need to know is that I am engaged with a group of aspiring writers, who are the next generation, in their 20s.

I meet with them on a Sabbath afternoon, once a month, on zoom to try to connect with that generation of writers, who will write for the Stanborough press and who will read from Messenger and who will write for a focus in the future.

At the moment, the majority of my writers, the traditional setter writers, whose age is between, say 45 and 85, and that's far too high, but they're people I know and trust and they write well.

But intentionally with Kathy Baldo, who is a teacher of journalism, I am meeting intentionally with these people, once a month, to say 'share your writings with me, tell me what your generations are thinking'.

That is intentional, I'm going to do it and even when I get to my next job I'm going to still do it, it's important for the future of the Church and the future of journalism.

Mestrando: The Messenger as you say about the age, it's been running for eight, five years, since 1936 and only the period between 2002 and 2011. Was there a period that the Message was not publish? It had even survived the two world wars, but what happened during that period?

The truth is it was published in this time, we just haven't had the time to put the files on the on the way, lots of people ask me about that as we're embarrassed about that, we just haven't had time to do it so make no mistake.

Mestrando: So, it was actually nonstop ever.

No, nonstop. Now what happened in 2019 it went from a fortnightly publication to monthly, and that's quite radical, that's quite a radical shake up and so you'd have a 24 page magazine now per month, whereby used to be about monthly, total number of pages with you at 30, 32. So we've actually reduced and repages (1:15:12), but that's all sorts of reasons like economy, whatever.

Mestrando: You kind of have mention, but I would like to specifically say what are the goals. So, when you said that it's very important, that is to be part of the family, either for that person in the south English Conference in Northern Ireland but, when you finish it in that edition, I see that everything that we do in the church especially, is really hard sometimes, and they will have a question on that matter to measure if we are doing well, or if you're being succeed because we just distribute it for free at the

church, so we don't know how many readers actually we have, the people pick up and leave it back, if they take home or also if they are loving, if they are just using for their animals. So what are the goals? And they finish that edition, what is the feedback that you would expected and wants to achieve?

So, the first goal is to help the diverse Adventist church in the UK have a sense of unity, to try and help keep the church family, society, bring the church family together, keep the church family together and grow together in Christ. That really is the core objective.

And alongside that is to share what it means to be a follower of Christ and Adventist Christian in 21st century in the UK and Ireland, in our context, and so that's why we've got a very different roles than that into the Adventist Review, this speaks to the UK and Irish church, not the global church.

And it expresses an Adventist that connects with the UK and Ireland and the world we are living in, I'm very conscious that this is to nation states that this magazine speaks to.

So it really is to share what it means to be an Adventist Christian in our context, in our time. That every Member in the church should have a voice in here if they wanted.

Mestrando: Just a thought, I used to know that at least, can the members just send articles or the reports to the Messenger and how do you choose actually what is the cut because people maybe, I came from

Stanborough and you know, everything they do they think is the way to special to be tell to the word, and somethings it's just like you're just doing what you're supposed to be doing, there is not nothing special there, how do you say 'Oh yes, thank you, I going to make use of these, thank you, but not just time'?

I am not disciplined enough, but I really do try to work on news value, and this is all. I'm not a professional journalist, I'm a pastor. They put pastors into this role, and so, sometimes they let things slip through that aren't actually that newsworthy, and because Mrs Jones, there's someone in Stanborough you know, the person the communications person in Stanborough, she works her guts out and is so hard to do what she does, right?

Sometimes the story isn't that newsworthy, but Stanborough has a place in the church in the UK and if there's something that does not goes really, really well, we will report it, the other side, the other story is you getting good photography from Stanborough and I love the picture of the century, it's just very nice artwork.

Mestrando: Of course it's very important to understand when we are planning the editorial when our new magazine or redesign of a magazine will be done, the financial limitation for that, because it's one of the easiest things that from and I am saying this from the perspective of a design that doesn't work in the house, because I have been in both ways, is to come here and say

just this magazine as it is, if you just use one article per page will be better, more space to read and then we you would be like you will that look nicer but that will increase, a lot of the number of pages. For example, the number of pages. Is that in your budget or beyond the photos that are from the library that you take, is there any specific budget that you can say 'Oh, we need a very specific photo that is not there, can we use it or is the lack of people, which I imagine that as well, of course, it's hard to do the job every month, because when you finish one, you are already working in the next one, and you have just like, as you've said, four or five people and that's not on the Message, and you have a lot of all the things to keep on going, is the resource, is the time, so what are they the limitations that the Messenger has today?

Truth is there is a set budget for Messenger, 24 pages monthly, printing, costs, editorial costs and, of course, distribution costs. So it is a fixed price and I just live within that regime, so I would never ask for 26 pages of 28 pages.

Because we have a subscription I just know, say descriptions 200 pounds a year, for example, I just know I won't ever go to that so, for example, if it was a picture of the Queen, I wouldn't ask for it, because it's too much. If I wanted a picture of Boris Johnson I wouldn't ask for it, a recent one. So we will use historic pictures or I will find pictures myself, I take my own photographs of nature and countryside and things like that, and sometimes use that or when the latest

edition and I took a picture of Audrey Anderson and use it myself, so we just keep going within budget I just know, I will not go outside of my budget.

Mestrando: What are the key elements that you would say 'Jeff, doesn't matter how many changes you want to do, this is what makes us what we are'?

If we to assess the effectiveness of Messenger. The president's will tell us if they want to keep funding it anymore, that's one thing. Secondly, we actually need to do a mailchimp (1:2611) survey to get some real response from our readers.

There are 40,000 members in the church in the UK, not if we've got 5000 or 10,000 reading it, that's it. It's got a very small readership and I wanted it to go grow, which is a shame.

And what's non-negotiable about it? I think non-negotiable other pictures of the church family from all over, that has to be, we have to see the church family.

I'd like to think that the editorial in one sense is non-negotiable, because it is the part the editor, is a pastor to the British Union, I will fight that to the end. He is the pastor, I've seen that over the years, my predecessors, I want the editor of the Messenger magazine to be the pastor who speaks through the world, to the brethren, and in the British Union, so the members of the British Union whether you're speaking and try and reach all people if he can, that's

non-negotiable, all the other stuff, I actually say ?? (1:27:25) are important if you've been a servant in UK and Ireland and you've given your life to the church as a layperson or as a pastor, we want to record that story.

Talk to you soon.

Take care, take care bye.

Bye bye.

I struggle with the fact in the Record magazine, this is their weakest part that they have a little bit tree for a member of about one paragraph, I find that incredibly sad, I think we should tell their story.

On this page down, these are the important people, we had this pastor John Arthur, who was a president, who's just died, we have pastor Ron has just died, we're going to tell their story.

And I've got Dan Mcfarland to write that story, and he writes brilliantly and he's the right person to tell that story, and that's for me is everything that's going to make this month the Messenger over and above my editorial, that's the key to it, that's the year end, very sad ending to the year but hey we're going to tell the story Jonathan a mindful when people begin to tell the story of courage to live a life of humble service.

Mestrando: I cannot thank you enough for taking your time and helping me out with these answers that will be most valuable for my dissertation, for the project, and hopefully God will help me to create something very special for you as well, and for the Message.

The privilege to talk Jefferson.

ENTREVISTA 3

Por email com o designer da revista Messenger, David Bell.

Hello David Bell,

My name is Jef, I have been in contact with Pastor David Neal because the subject of my project/dissertation for my master in design communication is the Messenger magazine.

Would you please help and give me some technical answers?

I would really appreciate it.

- What is the format/size of the Messenger?
- What type of paper is used to print?
- What are the fonts?
- What is the grid format?
- What software(s) do you use?
- What are the main editorial sections of the magazine?
- If possible, Could I have the copywriting from the October 2021 edition? This is the edition that I will redesign in my project.
- For how long have you been working at Stanborough Press?
- What are the main challenges do you face when comes to designing Messenger?
- In your opinion what is the main mark of the publication through the years?

Thank you so much in advance!

Any questions, feel free to ask me.

Blessings,
Jef Nascimento

Hi Jef,

To start you off:

Messenger

Size: A4 - 297x210mm

Paper: 115gsm silk.

Fonts: Main body text - Swiss Condensed 9.5pt/10.5pt. Main headings - Swiss Bold Condensed, sizes vary.

Grid format: I use 2, 3 & 4 columns. (2 cols - 91.97mm, 3 cols - 60mm, 4 cols - 44mm)

Gutter 4mm.

Software: QuarkExpress, Adobe Photoshop.

Editorial sections: The Editorial, p3. And the News pages. We also run various articles discussing religion, Christianity etc.

I have been working at the Stanborough Press for over 40 years now, and I am the longest-serving member of staff. I started at 16, working in the Press Room, on the 2-colour and 4-colour presses. I was then moved into the Composing Room, where I did paste-up, ie. putting the magazines/books together on a drafting table (pre-digital). I also did 4-colour film planning and plate-making. We have been digital now for more than 20 years, and I work in Pre-Press on The Messenger and Focus magazines, as well as the Calendar and various books.

Designing Messenger is fairly straightforward, but the biggest challenge is photography. On the whole, people send in terrible photos, and expect us to work miracles! They are either poorly taken, or their file size is far too small for good reproduction. The advent of the camera phone is both a blessing and a curse.

I think the magazine's masthead is always a very prominent mark. It's what should instantly make your magazine recognizable, whether it's Messenger or Hello! It's always been difficult to do something different with the Messenger masthead, because the word 'Messenger' is so long. I quite like what we have at the moment, because it's completely different to what has gone before, it makes quite a bold statement.

I will look into giving you access to the October edition.

regards
David Bell

PROTÓTIPO



•

MESSENGER

JOURNAL OF THE SEVENTH-DAY ADVENTIST CHURCH IN THE UNITED KINGDOM AND IRELAND

29 OCTOBER 2021 • VOLUME 126 • 10



Code Red for humanity! Will we do our part?

ADVENTIST ABSOLUTIONIST? PAGE 2 LEADER'S CORNER PAGE 4 HEALTH AND THE ENVIROMENT PAGE 5

EDITORIAL: CODE RED PAGES 6-8 ADRA: BURKINA FASO PAGE 10 WELSH MISSION PAGE 13

DUBLIN MINISTRY & BAPTISMS PAGES 14-16 YOUTH MATTERS PAGES 17-21 TESTIMONY PAGES 22-23

Are you an Adventist absolutist?

Absolution: 'Formal release from guilt, obligation, or punishment.'

There's a bold statement coming up, so be ready for it! I think some Adventists feel 'absolved' from taking the climate change crisis seriously, because of their belief in the imminence of Christ's Second Coming. To put this another way, 'Why wallpaper the house if it's going to be knocked down tomorrow?'¹ Based on our interpretation of Daniel and Revelation, and as amplified in Ellen White's *The Great Controversy*, I think it's accurate to describe the narrative as follows:

Bible prophecy informs us that we live in the 'time of the end'. Many signs in the world around us – social, economic, religious, geo-political and in nature – provide evidence that Christ's return is soon to come. Immediately preceding His return there is to be a final crisis of global proportions in which all humanity is tested – to be loyal to Christ and His Word, or to align with the forces of 'Babylon'. Faithful and obedient followers of Christ will incur loss of freedom to worship, and will lose their ability to buy or sell as a result of keeping holy the seventh-day Sabbath. For such times encouragement and direction are provided by Christ: 'When these things begin to take place, stand up and lift up your heads, because your redemption [His return] is drawing near' (LUKE 21:28, NIVUK).²

It is a narrative tightly bound up in Adventist identity and mission, far from contrived, and symbolised by the three angels' messages of Revelation 14:6-12. The message is a final and urgent one, to make the people of Planet Earth aware of what is about to take place. No less than an immediate response is invited – accept the Gospel of Christ immediate-

ly. From a biblical perspective it is the 'code red' warning, a context from which even a climate change emergency described as 'code red' must be seen.

As we unpack this further, we also can't ignore how we typically apply our understanding of end-time prophecy. By inference, we are suspicious of the climate change movement, a cause driven by a geopolitical institution (the United Nations), influenced by secular humanist environmentalists, scientists and a pontiff – all of whom we trust little. Why? Because the eschatological timetable (as we understand and articulate) is pre-dispositioned to dismiss these leaders, whom we quickly caricature as 'running to and fro'. As a result, it is almost inevitable that the climate 'code red' crisis becomes construed as a 'Babylonian' outfit. What better reason could there be for absolution?

In short, it is not, and it is an erroneous application of Revelation 14:6-12 which unwittingly tips many of today's biblically faithful Adventists off-balance. For, as *Adventist Review* editor Bill Knott points out, 'Adventism of the first generation (circa 1850-1900) was a potent mix of end-of-the-world biblical teach-

ing and this-world realism that caught the imagination of thousands whom the Spirit was calling.' Church pioneers such as Joseph Bates, James and Ellen White, Hannah More, and John Harvey Kellogg refused to be absolved of engagement with the heavy issues of the day – temperance, slavery, health reform – and Knott cites evidence that during the 1850s the *Adventist Review* published articles by James and Ellen White on occasion encouraging 'civil disobedience' against a US Federal injustice.³

Time to take another look, I think, at Revelation 14:7 (ESVUK).

'Fear God and give him glory, because the hour of his judgement has come, and worship him who made heaven and earth, the sea and the springs of water'



PHOTO BY CALLUM SHAW VIA UNsplash

In the context of judgement time, God's people continue to have the utmost respect for God by offering Him authentic worship. Their reverence for Him in keeping the seventh-day Sabbath not only celebrates His creative power and sustainability, but acknowledges their responsibility to joyfully manage the earth. As Cambridge professor of geophysics Robert White points out, humankind is to 'rule over and take care of both the living and non-living creation. We are not to be passive spectators, but are to work at ruling and ordering creation without abusing the earth for our own selfish ends. Our care for creation should be consistent with God's care for it, enabling it to be fruitful in providing food and resources and allowing it to play its part in giving glory to God.' (My emphasis.)⁴

Let's be clear – Revelation 14:6 provides no get-out clause just because humankind has used and abused God's creation. On the contrary, the context signals this message to be a 'reset' button which restores authentic Christianity, with disciples who 'keep the commandments of God', and who have faith in Jesus Christ (Revelation 14:12, ESVUK). White continues by saying, 'Our response is a test both of our obedience to our Creator, and of our commitment to care for our neighbour.'⁵ And White is right in his assessment about both tests. John 'the seer' gives a warning that Christ will 'destroy those who destroy the earth' (Revelation 11:18, NKJV). And when it comes to our neighbour, the test is even clearer. 'Bear one another's burdens, and so fulfil the law of Christ.' (Galatians 6:2, ESVUK.) 'Love does no wrong to a neighbour; therefore love is the fulfilling of the law.' (Romans 13:10, ESVUK.)

So – far from being passive, absolving ourselves of the climate change 'code red' – end-time people champion the effort to save the world God has so wonderfully given us to inhabit – because of our respect and reverence for Him, and our love for our neighbour.

Read any of the following articles in the 'code red' section of this edition of MESSENGER and you will find writers emphasising the connection between



PHOTO BY FABIAN JONES ON UNSPLASH

personal consumer behaviour and the detrimental effect it can have on a brother or sister on the other side of Planet Earth. Is it our 'out of sight – out of mind' habit that still needs a wake-up call on this? The organisers of COP26 think so.

When the UN COP26 conference takes place in Glasgow in early November, if you are tempted to disconnect because you feel it's run by people you don't trust, I want to invite you to try this line of thinking.

I support the aims of COP26, not because I am 'an environmentalist', or because I am 'green', but because I am a 'Creationist' – someone who not only believes in, respects, and celebrates 'creation', but who, more significantly, reveres and loves the very one and only God who 'created the heavens and the earth', and who said with the Son and the Holy Spirit, 'Let us make humankind in our image, according to our likeness...' (GENESIS 1:26, NRSV). And, perhaps, in the spirit of the first-generation Adventists, as 'believers... not long for this world, why make ungodly peace with it?'⁶

A final thought from God's perspective: He might ask this question.

'How do you think I feel about what you're doing to My world – and My people? Because, guess what – I love both, and went to Calvary for both.'

—

¹ N. T. Wright, 'Jesus is coming – plant a tree', Introduction to the Green Bible, Collins 2008, London.

² Seventh-day Adventists Believe, p. 382 in particular, highlights the loss of religious freedom.

³ Bill Knott, 'Rediscovering reform', Adventist Review, 30 August 2021, <https://www.adventistreview.org/2109-5>.

⁴ Robert White, 'A burning issue: Christian care for the environment', Cambridge papers, 2006, <https://www.jubilee-centre.org/cambridge-papers/a-burning-issue-christian-care-for-the-environment-by-robert-white>

⁵ *Ibid.*, 'Rediscovering reform'

⁶ *Ibid.*



DAVID NEAL
Editor

Is this my father's world?

At the time of writing (29 September 2021) many households in the UK are in the grip of a fear that has resulted in panic buying of fuel. The worry has led to:

- Long queues, roads being blocked,
- Waiting over an hour to fill up,
- Anxious drives to find petrol stations that have fuel,
- Frustration,
- Anger and violence on forecourts and in queues,
- Fuel price increases,
- Reports that key workers such as nurses and doctors cannot get to their places of work.

Six days ago, on 23 September, Reuters reported ('BP closes UK gas stations due to truck shortages', Reuters) that BP 'had temporarily closed some of its petrol forecourts in Britain after its ability to transport fuel from refineries was hit by an industry-wide shortage of truck drivers'.

As this BP statement was further reported by popular UK news media, motorists began to panic, and so the rush to purchase fuel began.

So, while the UK is in the grip of a panic to buy oil-based fuels, conversely, the annual United Nations climate change conference is being organised to be hosted in Glasgow this November.

COP, which stands for 'Conference of the Parties', is part of the United Nations' global response to the threat of climate change known as the United Nations Framework Convention on Climate Change (UNFCCC). According to the UN, the Convention has near-universal membership.

Youth climate activist Greta Thunberg, in a speech made at the Youth4Climate forum, described the response of world leaders as nothing more than 'Blah, blah, blah.'



PHOTO BY CALLUM SHAW VIA ON UNSPLASH

While it is too far a stretch to state that Jesus was the first climate change activist, He certainly foresaw a time when the world would be gripped by panic, fear and anxiety due to what it was witnessing in nature.

**JESUS SAID (LUKE 21:25, 26, GNT):
'There will be strange things happening to the sun, the moon, and the stars. On earth whole countries will be in despair, afraid of the roar of the sea and the raging tides. People will faint from fear as they wait for what is coming over the whole earth, for the powers in space will be driven from their courses.'**

As Seventh-day Adventists we believe that the events Jesus was speaking about are those to herald His Second Coming, and how terrible it will be for those who are not prepared for His return. The panic and anxiety we are experiencing now pale into insignificance compared to this future day of which Jesus spoke.

However, the question needs to be asked: 'Should we be concerned about issues of our world, knowing that God is going to make it new anyway?' My answer is, 'Yes.'

Further to this, if your answer is 'no', I don't believe we should ever again sing the hymn 'This is my Father's world'. The very title of this hymn draws us to the fact that the world in which we live today belongs to God, and as such we have a stewardship responsibility to care for it.

Maltbie Davenport Babcock, the author of 'This is my Father's world', died some 14 years before his poem was set to music by Franklin L. Sheppard. However, the message of this hymn reminds us that we are stewards of a world that both belongs to God and was created by God.

Surely, if anyone should be champions of protecting this world, is it not us who recognise the Owner and Creator?

Our concern is not one that should lead to panic, but definitely to action in ensuring that we do whatever we can to protect and preserve our Father's creation.

—



IAN SWEENEY
Presidente British Union
Conference

Health and the environment

'Avoiding meat and dairy products is one of the biggest ways to reduce your environmental impact, according to recent scientific studies.'

What impact do the foods we eat have on the environment?

I was intrigued by a BBC News Science & Environment article, titled: 'Climate change food calculator: What's your diet's carbon footprint?'¹

Readers were invited to pick from a list of foods, stating how often they consumed them. A calculation was then made on how much greenhouse gas each food produced.

The article, published 9 August 2019 by authors Stylianou, Guibourg and Briggs, opened with the statement: 'Avoiding meat and dairy products is one of the biggest ways to reduce your environmental impact, according to recent scientific studies.'

The statement referred to a major report by the UN's Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC), whose work suggested that switching to a plant-based diet can help keep climate change under control.

Food and greenhouse gas emissions

Environmental analyst Rodger Harrabin's article, titled, 'Plant-based diet can fight climate change',² quotes the IPCC, which states: 'The West's high consumption of meat and dairy produce is fuelling global warming.' The article cites the work of Poore and Nemecek (2018) regarding meat impact:

- Over half of food emissions come from animal products – 58% (other foods – 42%).
- Half of all farmed animal emissions come from beef and lamb – 50% (other animal products – 50%).
- A quarter of global emissions come from food – 26% (other greenhouse gas emissions – 74%). Harrabin concludes:



PHOTO BY VICTORIA SHES ON UNSPLASH

'When it comes to our diets, the IPCC says we need to buy less meat, milk, cheese and butter – but also eat more locally sourced seasonal food and throw less of it away.'

Plant food impact

An article in Forks Over Knives by Dana Hudepohl states: 'Living a plant-based lifestyle is a win for environmental sustainability.' She highlights the journal Climate Change 2017 study, suggesting that, by substituting beans for beef, a 46-74% greenhouse gas reduction could be achieved.³

Food system's impact

Nature Food (2021)⁴ identified the following ways in which food production raises emission levels:

- **Land use** – deforestation, peatland degradation and fires, emissions from cultivated soils;
- **Agricultural production** – emissions from synthetic fertilisers; manure; methane emissions from livestock and rice; aquaculture; and fuel use from farm machinery;

- **Supply chain** – emissions from food processing, packaging, transport, retail & refrigeration;
- **Post-retail** – energy utilised by consumers for food preparation like refrigeration, home cooking and emissions from consumer food waste.

Clearly, our food choices are impactful. Eat thoughtfully!

¹ Climate change food calculator: What's your diet's carbon footprint? – BBC News

² Plant-based diet can fight climate change – UN – BBC News

³ Veganism and the Environment | Forks

⁴ Over Knives Crippa, M., Solazzo, E., Guizzardi, D. et al. 'Food systems are responsible for a third of global anthropogenic GHG emissions', Nature Food (2021)



SHARON PLATT-MCDONALD
Health, Women's Ministries and Adventist Community Services

'It's code red for humanity'¹

It seems clear that not only have ecology and environmental action moved to the top of the planet's agenda, but every inhabitant has to decide whether and how to respond.

Many believe that the twelve days in Glasgow from 1 to 12 November may be the world's last chance to get climate change under control, as the UK Government hosts more than 190 world leaders and thousands of negotiators, governmental and business representatives at the UN Climate Change Conference (COP26).

For almost thirty years the United Nations has been steadily bringing together nearly every country on Earth to consider the actions needed to avoid further environmental catastrophes caused by global warming. Between the first global climate summit in Berlin in 1995, and now the twenty-sixth in Glasgow, climate change has gone from a fringe issue to a global priority, as storms, floods and wildfires intensify, air pollution affects millions, and unpredictable weather causes untold damage to ecosystems, homes and livelihoods.

The conference agenda is huge, with goals that include securing net-zero carbon emissions by mid-century to keep further global temperature rises under 1.5 degrees and, even if this proves successful, taking all necessary steps to protect global communities and natural habitats from its predicted impact. To deliver these targets, all participating countries are expected to phase out coal use, reduce other fossil fuels, curtail deforestation, switch to electric vehicles, and invest in renewables. Collaboration is also expected, to mobilise the considerable financial resources required to restore damaged environments, build flood defences and warning systems, and create more resilient infrastructure and agriculture to ensure a more secure future for all human beings on the planet.

The critical and urgent nature of the conference was clearly reinforced in August, when the latest IPCC (Intergovernmental Panel on Climate Change) report provided revised scientific evidence that climate change was not only 'widespread, rapid and intensifying', but the changes already set in motion were 'unprecedented in thousands of years', with some now being 'irreversible'. Bloomberg, the global business data company, responded to the 42-page report with five key summary points.²

1 The last decade was hotter than any period since records began – humans having dumped enough greenhouse gases into the atmosphere to have already heated the planet up to the additional 1.5°C limit set by the Paris Agreement in 2015, and fine-particle pollution from fossil fuels having masked it by providing a cooling effect.

2 Specific weather events can now be directly linked to human activity – or, to quote: 'It is unequivocal that human influence has warmed the atmosphere, ocean and land... and no government has any excuse to duck their responsibility to act.'³

3 The estimated range for how temperatures respond to greenhouse gas emissions has been narrowed, providing a clearer picture of what's in store if we don't act quickly.

4 The earth might still reward good behaviour: that is, if emissions cease, heating will cease and temperatures should stabilise in a few decades. Humans, however, are already behind in the race between the avoidable and the unavoidable.

5 Consensus exists between scientists and governments that the findings about global warming have been summarised accurately.

'Right here, right now is where we draw the line. The world is waking up. And change is coming, whether you like it or not.'

Greta Thunberg

April 22 marked the 52nd observance of Earth Day, when more than a billion people from 193 countries mobilised to change their behaviour and bring about global policy changes. In 1972, just two years after the first Earth Day that marked the birth of the modern environmental movement, the influential Ecologist magazine published a special 'Blueprint for Survival' edition that drew attention to the urgency and magnitude of environmental problems then facing the world. More than thirty leading scientists of the day argued for radical global restructuring to prevent what they referred to as 'the breakdown of society and the irreversible disruption of life-support systems on this planet'. Later published in book form, titled *How to Save the World*, the second chapter read 'Why the world needs saving now and how it can be done'.⁴ Yet, despite these early warnings, fifty years later the future of the planet continues to remain in doubt. The theme of this year's Earth Day was 'Restore the Earth', and the November COP26 event is themed 'Together for Our

Planet'. What happens during and after Glasgow is certainly going to demonstrate whether human beings have the capacity and resolve to work together in tackling what is considered the planet's most critical challenge.

The Christian writer John Stott once wrote that the best approach when facing environmental problems is to ask one basic question: **'To whom does the earth belong?'** The native American leader, Chief Seattle, who throughout his life promoted respect for a Creator, is recorded as saying, **'The earth is precious to Him, and to harm the earth is to heap contempt on its Creator.'** Many Christians believe that when God created our planet, He **'saw all that he had made, and it was very good'**.⁵

According to Professor Calvin DeWitt at Wisconsin University, God originally designed our world with seven interdependent systems on which all creatures and human life depend – **'indicative of the remarkable integrity and beauty that have engendered awe, wonder and respect for the Creator and creation throughout the ages'**.⁶

1 The regulation of the earth's energy exchange with the sun, designed to keep earth's temperature at a level supportive of life, protecting life from the sun's radiation by filtering sunlight through the ozone layer.

2 Bio-geological and soil-building processes which cycle oxygen, carbon, water and other vital materials through living things and their habitats and build life-supporting soils and soil structure.

3 Ecosystem energy transfer and materials recycling, which energises life and continually allocates life-sustaining resources.

4 Water-purification systems which distil, filter, and purify surface and ground waters.

5 A biological and ecological 'fruitfulness' which supports and maintains a rich biodiversity of life on Earth.

6 A global circulation of water and air which distributes moisture, oxygen, carbon dioxide and other vital materials between living systems across the planet.

7 The human ability to learn from Creation and live within its laws, making it possible for people to live sustainably on Earth, and so safeguard the creation.

DeWitt then suggests that an analysis of all the available scientific data paints a picture of the relentless destruction of these systems over time by humans as 'seven degradations of creation'.

Perhaps we should not be surprised that the environmental threats being faced today all appear to be linked in some way with human choices and behaviour. Ancient writings two to three millennia ago record numerous prophetic warnings that relate human conduct with ecological imbalance. The Old Testament writer Jeremiah reported: **'I looked at the earth – it was a barren waste; ... I saw that there were no people; even the birds had flown away. The fertile land had become a desert; its cities were in ruins...'** Isaiah saw something similar: **'The earth dries up and withers; the whole world grows weak; both earth and sky decay. The people have defiled the earth by breaking God's laws...'** The apostle Paul describes the situation like this: **'The whole creation has been groaning... right up to the present time.'**⁷

Christians believe the Bible teaches that God, having given us control of the natural world, made us responsible for taking care of it.

To many, the current environmental crisis on Planet Earth is a moral and spiritual problem, suggesting environmental action only has meaning if there is real purpose in the existence and future of our world.

The apocalyptic writer John, in Revelation 14, clearly tells us about a time when **'every nation, tribe, language and people'** will need to be reminded that the **'heavens, the earth, the sea and the springs of water'** belong to God, and that He intends to do something about our ecological mess soon.⁸

Seventh-day Adventists have always believed in caring for God's creation – by advocating a simple, wholesome lifestyle with a plant-based diet, by mostly avoiding the goods-getting consumerism treadmill, by donating time and money to support overseas projects blighted by environmental catastrophes, and by promoting regular con-



PHOTO BY ZBYNEK BURIVAL ON UNSPLASH

nectivity with the natural world. As their name suggests, they also observe their own weekly version of an earth day. Known as the Sabbath, it not only focuses on the creation of the earth and its inhabitants by giving full respect to its Creator God, but anticipates the full restoration of the heavens and the earth in the near future.⁹ For all delegates to the COP26 conference, and those watching, waiting and hoping for positive outcomes for the planet, they would recommend careful consideration be given to what is written in Acts chapter 4, verse 12.

¹ UN Secretary General, António Guterres, 9 August 2021

² Roston and Rathi, Bloomberg Green, 9 August 2021

³ UN IPCC Report, 9 August 2021

⁴ Robert Allen, 1990

⁵ Genesis 1:31, NIVUK

⁶ 'The Care of Creation', DeWitt, 2000

⁷ Jeremiah 4:23, 25-26, GNT; Isaiah 24:4-5, GNT; Romans 8:22, NIVUK

⁸ Revelation 14:6-7, NIVUK

⁹ Revelation 21



DAVID WRIGHT
Messenger columnist

The injustice of the climate crisis

Unity through humility

In late September, the UK celebrated 'Great Big Green Week' with the slogan: 'The fight that unites us'. It seems that there is little that unites us these days. And so, in an age of polarisation and political division, can the fight for climate justice really be something that unites us all?

In Paul's letter to the Philippians, he encourages the community to unite by focusing on Christ. He urges them to be 'like-minded, having the same love, being one in spirit and of one mind' (2:2, NIV). This unity has a purpose. By uniting in love for Christ, we are led to humility – and that, in turn, leads to loving others. As Paul writes in Philippians 2, verse 4: 'Let each of you look not to your own interests, but to the interests of others' (NRSV).

What does responding to the call for unity through humility look like today? What does 'love your neighbour as yourself' look like for us as Seventh-day Adventists and as Christians? The reckless exploitation of the garden that was entrusted to us to tend and look after has caused immeasurable damage. There is nothing that has not been negatively affected: people, biodiversity, the oceans and animals. Everything that God looked upon in Genesis and said was good, humanity has found a way of destroying. Our economic systems have been based on extracting fossil fuels indiscriminately, and our food-production systems have been driven by food-consumption habits that have no boundaries: the results of which have been increased and intensified natural disasters – millions of people in extreme poverty and millions displaced from their homes, to name but a couple.

If we are to look to the interests of others, then there is probably no better place to start than the climate crisis.

And this is a crisis. A landmark report on our changing climate – published by scientists from around the world in August – was described as a 'code red for humanity'. Following the recent heat waves in North America and floods in India, Europe, China and London, it warned of increasingly extreme weather in the coming decade.

Yet this is not news. Many of the communities that we work with have been waiting for the rest of the world to catch up and act on climate change for years. Countries such as Kenya, South Sudan, Bangladesh and Afghanistan have lived with the destructive nature of the climate emergency for many years. They have been hit by cyclones, changing rainfall patterns, and overbearing heat.

Action can be taken to enable communities to adapt to some of these impacts. Take, for example, our work to support communities in Kenya to build dams and to secure a sustainable water source. Yet we know too that climate-related weather events are also leading to losses and damage in some countries that can never be restored.

That's why this year's UN climate summit – COP26 – is important. Taking place in Glasgow in November, it should bring together governments from across the globe to make the decisions needed to tackle the climate emergency that we all face.

This summit is a vital opportunity to put into action Paul's encouragement to 'look not to your own interests, but to the interests of others'.

That means that our leaders must take urgent action to increase financial support to the world's poorest countries to confront the climate crisis; action to

limit global temperature rises to 1.5°C; and action to stop the expansion of fossil fuel energy and to support clean energy – both here and abroad.

I believe that the church can play a vital role in uniting behind this agenda, standing with people on the front line to demand actions and not words from our politicians. This can be a fight that unites us. And this is crucial, because it will take all of us to stop this climate crisis.

The prophet Micah, in chapter 6 verse 8, could not have been clearer when he said, 'He has shown you, O mortal, what is good. And what does the LORD require of you? To act justly and to love mercy and to walk humbly with your God' (NIVUK). For how long will we stand and watch from the sidelines as the poorest in our world suffer the consequences of the climate crisis? Countries such as the United Kingdom, this beautiful place we all call home, benefited the most from the destruction of the climate, while those in many developing countries, who contributed the least to this crisis, are now bearing the brunt of its impact. How long?



AMANDA KHOZI MUKWASHI
CEO, Christian Aid

Amanda Khozi Mukwashi serves as the Chief Executive Officer of Christian Aid and is a Seventh-day Adventist. In May of this year, Amanda was interviewed for BBC Radio 4's Desert Island Discs, which can be heard at this link: <https://www.bbc.co.uk/sounds/play/m000wjdr>



PHOTO BY HEIKO JANOWSKI ON UNSPLASH

Are we taking this responsibility seriously?

In the light of COP26, what about Adventists and our collective responsibility?

Seventh-day Adventists around the world are concerned about the environment. Climate change, global warming and carbon emissions are the daily staple diet of many a news editor as they prepare the newspapers for our daily consumption. And over the next few weeks, with the UN COP26 conference, the headlines will grab our attention with a greater intensity than usual as they declare the conference to be a 'success' or 'failure' in reaching proposed climate targets. They will arrest our thoughts and imaginations: will we have a viable planet to pass on to our children, let alone our children's children?

New frontiers are being sought just in case the prophets of doom, death and destruction are right, and the moon and beyond become the next step for humankind. Back here on earth at COP26, the politicians, presidents, the pontiff and prime ministers issue joint declarations and set targets to steer the world clear of disaster as they ask us to think globally but act locally.

What organisation is better placed to rise to this challenge than the Seventh-day Adventist Church? Enshrined in our 28 fundamental beliefs is the doctrine of stewardship, which summarises the church's ecological perspective, stating that 'we are God's stewards, entrusted by Him with time and opportunities, abilities and possessions, and the blessings of the earth and its resources. We are responsible to Him for their proper use' (21).

God has placed us on this earth as His image-bearers to look after and manage His environment faithfully and lovingly.

Seventh-day Adventists believe that the preservation and nurture of the environment is intimately related to the way we serve God.

The General Conference Administrative Committee, in an approved and voted statement released in 1996, stated: 'Unfortunately, men and women have been increasingly involved in an irresponsible destruction of the earth's resources, resulting in widespread suffering, environmental degradation, and the threat of climate change. While scientific research needs to continue, it is clear from the accumulated evidence that the increasing emission of destructive gases, the massive destruction of the American rainforests, and the depletion of the protective mantle of ozone (the so-called greenhouse effect) are all threatening the earth's ecosystem...

'These problems are largely due to human selfishness and greed which result in ever-increasing production, unlimited consumption, and depletion of non-renewable resources. Solidarity with future generations is discussed, but the pressure of immediate interests is given priority. The ecological crisis is rooted in humankind's greed and refusal to practise good and faithful stewardship...

'Seventh-day Adventism advocates a simple, wholesome lifestyle, where people do not step on the treadmill of unbridled over-consumption, accumulation of goods, and production of waste. A reformation of lifestyle is called for, based on respect for nature, restraint in the use of the world's resources, re-evaluation of one's needs, and re-affirmation of the dignity of created life.'

PHOTO BY OCG SAVING THE OCEAN ON UNSPLASH



What can members and local churches do to increasingly practise environmental stewardship?

Management standards, such as ISO 14000, enable organisations to identify and modify or control how their activity impacts their environment. Members and churches can also be encouraged to:

- Nurture future generations to think environmentally.
- Value what we have now and pass on appreciation for Earth's complex design, pointing to the Designer.
- Initiate steps to work with agencies that are protecting the environment.
- Recycle, remodel, reuse, reclaim, repair, and practise restraint.
- In some things, though not always, nature is life's lesson book; learn from it.
- Manage Earth's resources faithfully and lovingly.
- Enhance energy efficiency and productivity.
- Be temperate and balanced in all that we do.



DR RICHARD DE LISSER

Former president of the South England Conference

This article was first published in the January edition of Adventist World, reproduced and adapted here with permission of both the author and the publisher.

Story of ADRA climate change adaptation: Burkina Faso

Fifteen years ago, ADRA-UK planted 150,000 trees in Burkina Faso, one of the poorest countries in the world and one deeply affected by climate change. One of the impacts of the N'gurdam Leydi project was reforestation and assisted natural regeneration, the reappearance of extinct species, and the recovery of degraded lands.

Over the last decade, ADRA, the Adventist Development and Relief Agency, has intentionally worked to mitigate and adapt to a changing climate, but is increasingly finding examples where it's becoming difficult or impossible. Climate change is a threat multiplier, often working through its impacts on the availability of food, water, shelter, and energy.

As communities experience shortages of these resources, they become more vulnerable to tension, conflict and migration.

Subsistence farmers in Africa's Sahel region are struggling to feed their families due to hyperactive cycles of drought and floods, forcing them to become climate refugees and abandon their traditional lands. Australians and Californians live in increased fear of disastrous wildfire seasons and can no longer find or afford home insurance. Bahamians cannot comprehend facing another hurricane like Dorian (2019) in the next few years, considering that twentieth-century climate scientists predicted

such a catastrophic Category 5 storm would only occur every 200 years.

On 9 August 2021, the Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC) used its strongest language to claim that humans are responsible for climate change. The long-awaited report opens with the line, 'It is unequivocal that human influence has warmed the atmosphere, ocean and land.'¹

Assessment

This bleak assessment presents a challenge for all of us. Unless there are rapid, sustained and large-scale reductions of carbon emissions, the goal of the Paris Agreement will be beyond reach. ADRA is meeting this challenge in three ways:



PHOTO BY ADRA INTERNATIONAL



PHOTO BY ADRA INTERNATIONAL



PHOTO BY ANNIE SPRATT ON UNSPLASH

- Using our global voice to advocate for climate justice for the more than 14 million beneficiaries we serve each year;
- Integrating smarter climate change mitigation and adaptation activities across our global portfolio of education, health and livelihoods; and
- Driving corporate and individual responsibility for our own environmental stewardship.

Advocacy

ADRA witnesses the inequality of climate change, seen in the poorest countries where people only leaving a tiny carbon footprint are at the front line of extreme weather events. These impacts are disproportionately affecting the lives and livelihoods of the most vulnerable and marginalised groups. The UN recently validated ADRA's observations, saying, 'The impacts of climate change will not be borne equally or fairly, between rich and poor, women and men, and older and younger generations.'²

Integrated climate change activities

Over the last two decades ADRA has been promoting climate-smart regenerative agricultural and land-use practices. Often these projects have been viewed primarily through a lens of poverty reduction and rural sustainable livelihoods, while the techniques and practices that have been promoted have, in fact, equipped communities with improved resilience to a changing climate. These nature-based solutions are not new, but the world is awakening to the potential these collective actions have in addressing the climate crisis.

The role of nature-based solutions, featured prominently at COP26, is seen as one of the most effective actions to protect, sustainably manage and restore natural ecosystems to deliver human well-being and biodiversity outcomes. We know healthy ecosystems improve food and water security, household health, and economic development, and reduce the risks associated with disasters. It is estimated nature-based solutions can provide over one third of the cost-effective climate mitigation needed between now and 2030 to help stabilise warming at 1.5 degrees.

ADRA's connection with the Adventist Church provides a nexus to a global community dedicated to a plant-based diet, with a health, education, communication, and meat-substitute production network that may be unrivalled in its focus, scope and capacity on a global scale.

Mitigating climate change requires diet change to a less meat-intensive diet; and, if changing diet is a particularly challenging endeavour, partnering with an entity with existing experience in the field may present an attractive option.

Environmental stewardship

We are a Christian organisation entrusted to be stewards of God's creation; recognising climate change is no longer just an environmental issue, but increasingly an ethical problem. ADRA's corporate and individual challenge is based on a 'do no harm' ethic: to ensure all activities do not create or contribute to negative environmental

impacts, as well as promoting environmental responsibility and sustainable practices.

COP26 reminds us that we are all faced with a common challenge.

The more we can mitigate the effects of climate change now, the less we'll have to adapt later. Sadly, the longer we leave it, the bigger the adaptation, or maybe fewer choices there will be to adapt.

We are stronger together; and, working with the Adventist Church and other interested organisations, there is much we can do NOW to keep climate change from pushing more than 100 million people into poverty by 2030.³

¹ IPCC AR6 Climate Change 2021: The Physical Science Basis: www.ipcc.ch/report/ar6/wg1/#FullReport

² UN blog: www.un.org/sustainabledevelopment/blog/2019/05/climate-justice/

³ The World Bank:

www.worldbank.org/en/news/feature/2015/11/08/rapid-climate-informed-development-needed-to-keep-climate-change-from-pushing-more-than-100-million-people-into-poverty-by-2030



MICHAEL PEACH
Senior Network
Emergency
Preparedness
Coordinator at ADRA
International

The electric solution doesn't come without issues

'Some trust in chariots and some in horses, but we trust in the name of the LORD our God' (Psalm 20:7, NIV)

Those dreaming of owning an EV to do their bit for the environment will know that countries attending the Climate Change conference next month are all expected to speed up their switch to electric vehicles. To highlight this, the COP26 president, Alok Sharma, recently announced that Jaguar Land Rover will provide EVs for world leaders and delegates in Glasgow.

The Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC) points to 14% of CO₂ emissions being released by transportation, with cars creating three quarters of this, and the global vehicle total of 1 billion expected to double by 2030.

Britain currently has around 38 million vehicles, yet fewer than 500,000 are electric.

A recent survey by Continental suggests 86% of people living in China all want to own an electric car, while in England younger people are now declining car ownership for an electric scooter or bicycle.

While EVs will certainly help reduce the planet's reliance on fossil fuels, their ecological impact may not be fully understood. Although using non-fossil fuel, the carbon footprint for their construction remains the same, while their increasingly complex technology demands scarce or difficult-to-obtain resources. EV batteries, for example, use 20 different minerals, including cobalt, lithium and nickel, as well as other rare-earth and non-renewable metals. Although there may be enough 'metal in the crust' to support future battery production, it requires either large-scale mining or geothermal brine extraction, often in environmentally sensitive areas – including Antarctica and under the sea.

Eriogonum tiehmii is a rare flowering plant found nowhere else on the planet except among ten acres of the Silver Peak Range in western Nevada, just where an Australian mining company wants to extract lithium, which would drive it into extinction. According to the US Centre for Biological Diversity, the Biden administration has arrived at an ethical crossroads, having recently agreed to protect the plant as an endangered species, yet also wanting to increase lithium production. Its director, Patrick Donnelly, describes Tiehm's buckwheat as 'a symbol of our times', asking: 'Will the clean energy transition choose a new path and support biodiversity... or will it opt for... mining and development... bringing our life-support systems to the brink of collapse?'¹

South America's Lithium Triangle, comprising Argentina, Bolivia and Chile, holds around half the world's supply of lithium beneath its salt flats. In some of the driest environments on earth, mining and processing can consume up to 65% of a region's already scarce water supplies, causing drought conditions and toxic contamination for local farmers and communities. Researchers in the US found fish impacted 150 miles downstream.

According to Guillermo Gonzalez, a lithium battery expert from the University of Chile,

'This isn't a green solution – it's not a solution at all.'²

While the lion's share of the staggering 180 kilotons of lithium needed by 2030 will come from existing mines in Australia, China and South America,

PHOTO BY ERNEST OJEH ON UNSPLASH



Cornwall hopes to meet future UK demand by reopening old copper mines to use both hard rock and geothermal extraction to obtain it.

Living near hilly Dartmoor, I'm hoping my electric bike continues to perform well for me, but some ecologists think public transport and vehicle-sharing are the best options, while others think we should stop mining non-renewable metals altogether, and consider living without cars, batteries and smartphones.

¹biologicaldiversity.org

²www.varsity.co.uk



DAVID WRIGHT
Messenger columnist

David Wright is the resident Messenger columnist on creation care and climate control. His passion for the natural world near and far, precedes the times when environment matters gained popular interest. Hundreds of Pathfinders and youth have been blessed by his ministry. He lives in Tavistock, Devon with his wife Corrine.

Welsh Mission Day of Fellowship and ordination

On Sabbath 18 September, for the first time since the lockdown, members from within the Welsh Mission territory were able to come together for a Day of Fellowship. Held at the Holiday Inn Hotel conference suite in Newport, approximately 200 people assembled, wearing their masks and in their 'family bubbles', to enjoy a day that brought spiritual enrichment, fellowship, joy and tears.

Pastor Emanuel Bran, outgoing Welsh Mission President (newly elected North England Conference Executive Secretary) gave his last appearance in this role. As host for the day he welcomed everyone to this special day that brought people from all over the Mission.

Veering from the usual Sabbath morning service schedule, attendees were provided with three mission spot-light videos of activities, testimonies and outreach projects conducted by lay members. These videos highlighted the effective work being done by members during the pandemic, even with its limitations and restrictions.

With Pastor Bran's last official meeting with church members there was an opportunity to bid farewell to him and his wife Camelia for their five years of service. Pastor Bran showed a video highlighting his time in the Mission, which proved to be an emotional moment for the president as he expressed heartfelt thanks and appreciation to his ministerial colleagues and all the members for their love and support. Gifts were offered by the ministers within the Mission, and Pastor Jacques Venter from the British Union Conference (BUC) prayed on behalf of the congregation for God's continued direction in Pastor Bran's life as he moves on to new responsibilities.

The speaker for the day was Pastor Raafat Kamal, President for the Trans-European Division. He began by asking the congregation the question Jesus asked His disciples: 'Who do you think I am?' His sermon focused on three main points within the context of the three angels' messages: the transcendence of Jesus and our need to glorify Him; the uniqueness of Jesus, that Christ alone is sufficient for all things in every experience we go through; and, thirdly, we are not just to be conquerors over sin, but to go forwards in the strength and power of the Lamb with the authority given to us by Christ. His closing remarks were an appeal in response to the mandate of the great Gospel Commission:

'God wants to achieve His purpose in your life. Will you go?'

The morning service was the perfect blend of inspiring singing led by the praise team, impactful testimonies of God's hand at work, and a message that challenged each one to be available to the call of God. Raafat Kamal often repeated the phrase, 'When God puts something in your heart to do... do it!'

It being a sunny day, lunchtime was an opportunity for members to assemble outside. The atmosphere was one of exuberance as members who hadn't seen each other physically for the past eighteen months found much-needed catch-up time.

Following lunch was the ordination and commissioning service. Two ministers were candidates for ordination – Pastors Louis Amakye (Telford and Wrexham churches) and Jeremy Johnson

(Telford, Shrewsbury and Newtown churches) – while Pastor Adriana Fodor (Carmarthen and Ystrad Mynach churches) was to be commissioned to the Gospel ministry.

BUC Ministerial Director Pastor Eglan Brooks led the proceedings for the afternoon, welcoming and introducing the candidates and the pastors chosen to present them to the congregation.

Pastor Kamal spoke to the ministers. He challenged the candidates to keep asking themselves the question, 'Why have I been called to ministry?' saying, 'Your why has to be large enough and deep enough.'

Kamal emphasised the point that our purpose for God's calling should be deeply rooted in God's word.

With the prayer of dedication given by Pastor Brooks, fellow ordained ministers in attendance joined in the 'laying on of hands'. Pastor Bran gave the charge to the newly ordained and commissioned ministers, and Pastor Jeremy Johnson gave the response on behalf of his colleagues. In his response Pastor Johnson said with fervour, 'God's call to ministry is never an independent thing. We can't do ministry alone; it's "not by might nor by power, but by My Spirit," says the LORD' (Zech. 4:6, NKJV).

It was truly a high day for all who attended and for those watching online.



RICHARD DALY
Communication
Director, British Union
Conference

Silent witnesses are growing louder

A new Dublin ministry Discover Truth

For many years, a small team of Dublin members has been handing out copies of The Great Controversy in the city centre. Their prayer and vision was to have more church members join their ranks, to be able to provide seekers with further resources should they want to discover more.

A quotation from the book Colporteur Ministry by Ellen White helped and encouraged the team to be dedicated and faithful in their mission:

'They [books] are silent witnesses for God. In the past they have been the means in His hands of convicting and converting many souls.... In the future, these books are to make the gospel plain to many others, revealing to them the way of salvation.'

(COLPORTEUR MINISTRY, P. 125.)

The Spirit is moving

We believe the Holy Spirit has been at work in Ireland, as the prayers of this small group have been answered – their vision has materialised and is expanding!

Initially, members of Dublin Ranelagh, joined by some members from Dublin West, were the driving force in creating this ministry. They have developed from being a small, informal group, handing out a few books, to an organised ministry called Discover Truth. Members from Dublin Romanian, Cork and Kerry have joined the ministry over the past year. In addition to the Dublin outreach, Discover Truth book stands can now also be found in a number of Irish towns and cities – Cork, Dingle, Kerry, and Tralee. In the near future, Ballinacrow, Drogheda and Portlaoise members are lining up to begin street evangelism teams.



The book stands are easily recognisable by their attractive banner, while the team have white hi-vis vests branded with the Discover Truth logo, and a cheerful display of books such as The Desire of Ages and Steps to Christ. A portable PA also attracts attention to the stand by playing spiritual songs, along with an advert for a free copy of The Great Controversy. Some read the books immediately and come back for more. Others have a silent witness in their home, waiting for the Holy Spirit to call them to speak when the time is right.

The street evangelists have noticed an opening up of people to God, perplexed about the times that we are living in.

Our experience is that in recent times more people are willing to accept books or flyers, and to engage in dialogue concerning God and the future.

Strange situation

Lockdown challenged the ministry to become more creative in reaching people. The first step was to develop the www.discovertruth.ie website to be more attractive and user-friendly. It is now a veritable mine of resources for both seekers and members alike.

But the team felt there was still more that could be done. The next step was to produce a series of flyers with an invitation to a series of Zoom meetings based on the 'Light of the World' Bible study. Further flyers were created, offering The Desire of Ages, and one offering to help understand the prophecy of Daniel 2. More flyers have been designed to give the broadest possible reach. In all, tens of thousands of flyers have been prayerfully distributed by post to various neighbourhoods of Ireland and from the book stands.



The harvest is great

Bibles are requested daily from all over Ireland. Our record is 8 requests in one day! If a team member can't deliver it personally, then it is posted, with an extra book always included. Bible students and Zoom friends complete courses and faithfully attend. So far, three people have joined baptismal classes, some are experiencing the blessing of returning a tithe, and one student has started attending church with her children.

The workers are willing

Thanks to the sudden growth in the Discover Truth ministry over the past year, the need to get formally organised arose. This led to the first all-Ireland organisational meeting, which was held on 12 September. Reports on the growth of the ministry and its plans were presented, and official leaders were selected for the various departments. A vote was taken to request that the Irish Mission Executive Committee recognise the Discover Truth Ministry as an official Irish Mission ministry. Could this also inspire the development of an Irish Mission Literature Evangelism department?

The labourers are few

If you would like to support the Discover Truth ministry in your prayers, or support the work financially, go to <https://discovertruth.ie/donations/support-us/>. And if you live on the island of Ireland, you can also support this ministry by becoming a literature evangelist, or volunteer your services to the team in one of its various departments.

The Lord will show you where and how He wants you to serve Him. You just need to make yourself available to Him.

**‘And he said to them,
“Go into all the world
and proclaim the
gospel to the whole
creation.”’**

Mark 16:15, ESV

Editor's note: The term 'Literature Evangelist' in Adventist parlance usually defines someone who sells Christian books door-to-door, or by other methods. In this report, the term is mainly used to define anyone who shares Christian literature, for the most part distributed without charge.



NOV 12-14 2021

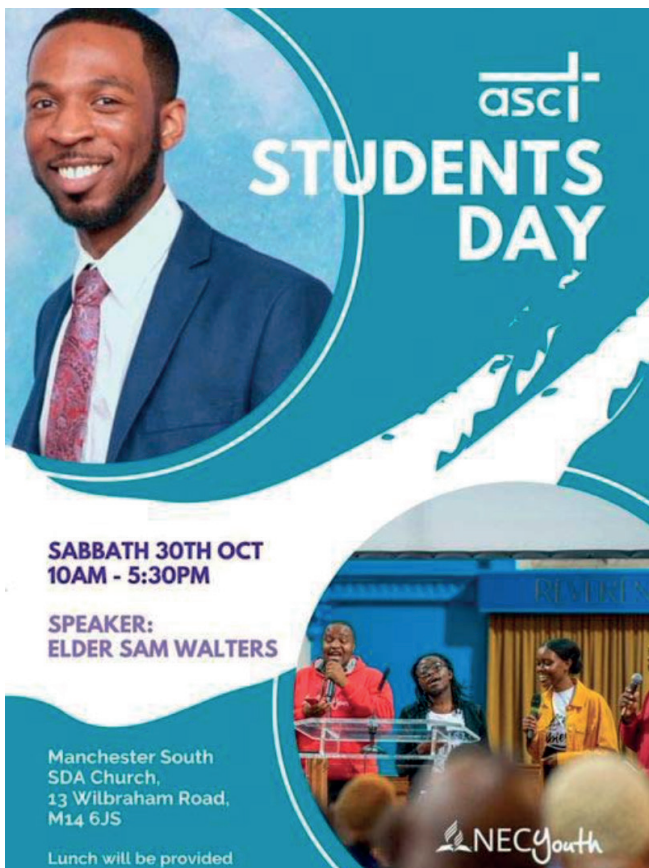
YOUTH RETREAT

FRIDAY NIGHT BONDFIRE •
MUSIC PRAISE SESSIONS • YOUTH CONCERT •
INSPIRATIONAL WORKSHOPS •
YOUTH BANQUET

£130 PER PERSON HAYS WOOD RETREAT CENTRE, KING'S LYNN, PE32

BOOK YOUR ACCOMODATION HERE:
[YOUTHRETREAT.EVENTBRITE.CO.UK](https://youthretreat.eventbrite.co.uk)

ym. 



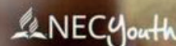
asci STUDENTS DAY

**SABBATH 30TH OCT
10AM - 5:30PM**

**SPEAKER:
ELDER SAM WALTERS**

Manchester South
SDA Church,
13 Wilbraham Road,
M14 6JS

Lunch will be provided



Baptism celebrations for Dublin Ranelagh

Celebrating 11 new souls for Christ in Ireland

BY ADAM KEOUGH

Baptisms are always memorable. Celebrating 11 new souls over the course of two baptisms is even more memorable.

On Saturday 7 August the church witnessed six people baptised at Killiney Beach, County Dublin, followed seven weeks later, on 25 September, by another five people who were baptised in Ranelagh Church.

The beach baptism saw about 40 people gathered together for the celebration under dark grey skies which enjoyed shedding their tears of joy (rain!) onto the friends, family members and church members who had gathered together to witness the baptisms. Another 50+ watched the lives-

stream directly from the beach, while hundreds have viewed it since.

What makes the celebration even more glorious is that five out of the six new friends – Aline Oliveria, Anna Gorana, Cathy Lynch, Preston Ehrler, Luany da Silva and Susan Owoicho – had never set foot in an Adventist church before their baptism; their whole collective spiritual journey had been through nine months of weekly Zoom Bible studies, in addition to the weekly services streamed live on YouTube.

Aline's first introduction to Adventism was through friends in Brazil. However, living in Ireland she didn't know any Adventists – so Google came to the rescue! She says,

'I found the Ranelagh church website and then watched the service streamed live on YouTube; then contacted Pastor Adam Keough to donate clothes to Adventist Community Services in Dublin. That was basically how it happened.'

The second celebration saw about 65 socially distanced people gather in the Ranelagh church to watch the service in the main hall or via video-link in the youth hall. Government COVID-19 guidelines had been reviewed at the beginning of September to allow for in-person baptisms in a church building. Melita Didara, Veselina Gadancheva, Helen Donkor and Josephine Don-



PHOTO 1: Preston, Aline, Luany, Susan, Cathy and Anna are welcomed into fellowship by Dublin elders, George Sisson and Nave Ndhlovu.

PHOTO 2: From left to right: Melita Didara, Veselina Gadancheva, Helen Donkor, Eve Wright, Josephine Donkor and Pastor Adam Keough.



PHOTOS: JOSEPH ANDERSON & WELLISON MAGHALES

A Aberdaron new camp

Over 25s Camp

kor had been part of Pastor Adam Keough's Sabbath School baptismal class and had hoped to get baptised in May 2020. Eve Wright, like those baptised in August, first had contact with the Adventist Church through the YouTube channel.

Discover Truth is both an outreach and in-reach mission, as more Irish Mission members feel called to share their faith in this way.

As a 21-year-old Irish student studying theology at Trinity College Dublin, Eve wanted to know more about the Seventh-day Adventist Church, searching for a church which reflected her new-found love and commitment to Jesus and scriptural truth.

'Currently, we have a further 10 people studying for baptism,' says the Dublin Ranelagh pastor, Adam Keough.

'Surely, God has been working through the pandemic on the hearts and lives of many people.'

Our live-streamed services have opened another front door to the church, through which more people are meeting us. While each baptismal candidate has their own personal story of Jesus' leading to tell, it's amazing how much technology has impacted each story!

Dublin Ranelagh members continue to give praise to God as He continues to work in and through the lives of so many.

In addition to the report Pastor Adam Ramdin provided in the September edition of MESSENGER, there is news of a new Aberdaron camp which took place during August.

This year we pioneered a new camp at Aberdaron, which was rather uncreatively named 'Over 25s Camp'.

This age group is often missed by youth ministry, as they are no longer at university, are working full-time, are probably still single, and have started a new life stage compared with those in their early twenties.

With this in mind we planned a camp over a long weekend, and due to COVID-19 were only able to promote the event two weeks prior to its taking place. To our

surprise and joy, 23 people signed up to experience this new ministry.

We had a lovely time, with the weather absolutely glorious. With enjoyable team-building games, relaxation at the beach, sunset at the Point, hikes up Analog and to Fisherman's Cove, and with lovely food prepared by Cheryl Banton, we were blessed. Hopefully, this new Aberdaron ministry can be a part of the church calendar moving forward, to enhance our ministry and discipleship in this group ministry.



ADAM RAMDIN
Youth Director



PHOTO BY RICHARD CORDONES ON UNSPLASH

'Why didn't you let him win the race, Dad?'

When you are part of a family, you carry the surname, so you have an identity; you are known in the family, so you are accepted, you are loved, you have a place and a purpose; you are a part of this interesting unit. But we all know that families are not perfect: if you would like to test that, play a game of Monopoly with your family and see what happens. We only played Monopoly twice in my family before my parents hid the box: it did us no good at all!

In his final words to His disciples Jesus said,

'Love one another... as I have loved you' (JOHN 13:34, NKJV).

In other words, He loved us first, and then told us to do likewise. 'By this everyone will know that you are my disciples, if you love one another.'

(JOHN 13:35, NIV.)

Packed into these two verses are so many wow factors. Jesus said, 'Can you, please – yes, you – take My place and live your lives as I lived My life; please love people as I loved people; please serve others as I serve others? Please replace Me in body for a little, while I'm away from you for a little while.' My friends, when I read that, I realised what a huge and tough task this is.

During the pandemic, National Health Service staff were regarded as heroes, and rightly so, giving their unconditional service to heal and care for those they did not even know. **Yet, my friends, it seems that we are still not known for our love.** We should be known for love when it is easy and when it is difficult; we should be known for love when we discuss doctrine, and known for love when our services have a change of music styles; known for love – even when feeling

overwhelmed; known for love between young and old, between rich and poor, between black and white and every other ethnicity.

We are to be known for just one thing – LOVE.

This love of Jesus comes with no strings attached, not 'I will love you if ...'. Loving unconditionally means just that – without exception. Have you ever wondered why and how Jesus loved His disciples? He showed love to them not because they were worthy, but because He wanted to give them value and make them worthy.

He teaches us to never give up on those who need us. Be the army for the defeated, a safe haven for the shamed, a light for those who are in darkness. **Be love.** Teach those who are not learned, and be a family for those who are unloved. Wow! What I see in this is love so

big, so radical, so powerful that it can, in fact, change the world. God is calling for you and for me to take up His last commandment, His new commandment for this time.

My friends, in this ever-changing, ever-fearful world the pandemic has changed us – with fear and worry settling into our hearts too. A change I notice is that we have begun to dismiss each other because we have different opinions about things. I know this because I started to do it, and then I realised that this was not love!

Whether you have had this terrible disease called COVID-19 or not, you and I have COVID-19 in our bloodstream, for sure. Whether that is the fear or emotional scars that we carry, we all have it. And guess what: Satan is sitting in the pew, finding more and more ways every single day to split us apart and make this anything but a community.



PHOTO VIA PIXABAY.COM

So, my friends, remember that command: to love one another as Jesus loves us.

My daughter's sports day was held recently at Stanborough Primary School, and I was asked to record the event, since parents were not able to attend due to the pandemic. To assist me, I brought along a colleague. In her first race, my daughter did very well and came second. Not bad, I thought to myself, but she definitely has room for improvement. In her second race she came third, which was not following the trajectory I would expect from a member of my family, but I had the wisdom to keep quiet and not say anything.

However, in her last race, she ran so fast that she was guaranteed first place, and I was at the finish line ready with the camera to record this moment and give a huge cheer. But, just before the end, she stopped, turned around and waited for her friends to catch up with her. She ended up finishing third!

I was so shocked I couldn't speak! Soon afterwards it was time for the parents' race, and it was just myself and my colleague present and racing. We both have daughters in the school, and I wanted to do my best for my daughter. So I ran my fastest, even doing a turbo boost at the end when I heard my friend catching up with me. Yes, the race was mine, and I received a ribbon to prove it!

In the car on the way home, my daughter was looking through her ribbons, very proud of what she had achieved. Suddenly, she asked me why I had not let my friend win the race. 'But why?' I asked, baffled. 'Because it would

have made him happy,' she said. 'Do you think that I stopped because I didn't want to win? No, I stopped so that my friends could win.'

And then I realised that I was being disciplined by my five-year-old. She was the one living the new commandment of Jesus Christ.

This was her way of telling me, 'You need to love, Dad. You need to let somebody else celebrate, somebody else feel accomplished. Let somebody else have their moment in the spotlight.'

My friends, the commandment from Jesus Christ is very simple, and that is to love one another so we can let somebody else win, make somebody else feel important, and allow somebody else to shine. God gave us this commandment, so that out of this pandemic we can once again build a community which loves, so that we can be the people who love so much that heads will turn, eyes will pop, and jaws will drop – as we love with a sacrificial love.



DEJAN STOJKOVIC
Youth Ministries Director,
Trans-European Division

These thoughts are a summary of a sermon given by Pastor Stojkovic at Stanborough Park Church on Sabbath 11 September 2021. To watch the entire sermon, go to: https://youtu.be/SivXmMU_Hh8

CHALLENGE YOURSELF WITH THE BEST BIBLE TRIVIA GAME EVER!

HAVE FUN AND LEARN! DOWNLOAD NOW!

Sun, worship and community

SEC World Pathfinder Day in the Park

They told us that we were taking a gamble to plan an open-air event in the middle of September in the UK, because the British weather can be very unpredictable. Nevertheless, we planned in faith. With COVID-19 still a reality, we wanted everyone to be safe but still able to meet together as a Pathfinder movement after being apart and doing events on a virtual platform for a long time. For this reason, an open-air event was the way to go. We believed that the weather in past years had offered good days in September, and there was no reason why 18 September could not be one of those.

After much prayer and faith, and uncertain weather forecasting in the week before, about 1,300 Pathfinders and their guardians arrived at a beautiful, green and sunny Stanborough Park.

With a picnic lunch, picnic chairs, blankets, and some even with pop-up tents and gazebos, the crowd gathered for a day of worship, community outreach and baptism. The atmosphere was electric.

Armed with a big stage, a large outdoor video screen, and the expertise of the SEC media team, **the 71st World Pathfinder Day in the Park 2021 became a reality.**

The day was unique in that we had no visiting overseas speaker addressing the children, but we had instead the involvement from Pathfinders from beginning to end. Under the direction of Tina Brooks, the praise and worship team from Willesden and other adjoining clubs initiated the worship temperature for the day. The quality of the theme song, in particular, gave evidence that our Pathfinders have talent. The Pathfinder involvement included a skit from Brix Kids, a choral verse from Watford Town, a sermonette by teen David Shumba from West Bletchley, and music items from various other clubs. Area 5 had a creative welcome from

children in various languages, while Holloway engaged the crowd with their understanding of the phrase, 'I will go.' The service was crowned with a beautiful mime by Pastor Geert Tap, to the fitting song 'Watch the Lamb' from Ray Boltz.

After lunch, three Pathfinder and drum corps groups left the grounds to do community outreach in the Watford area. These included a skateboard demonstration, a puppet show, drum and drill performances, and handing out of branded trolley coins, shopping bags and Christian literature. On the main grounds Pathfinders were challenged to start a Community Service honour, followed by very special guests gracing us with their presence. The Pathfinder's Day was honoured to receive visits from Watford Mayor Peter Taylor, Assistant Chief Constable of Hertfordshire Genna Telfer, and





Clarence Jackson, a speaker for youth and on behalf of young people in Greater London. These guests formed part of a panel with Pastor Clifford Herman, sec Pathfinder Director, to answer valuable questions from our young people, pertaining to how they could be supported to make a difference in their communities.

Then came the highlight. Three young Pathfinders – one from Walthamstow, and two from East London Portuguese Church – wanted to be baptised at a Pathfinder event, and we decided to provide them that opportunity and make it special for them.

It was, indeed, a blessing and an emotional experience for the girls and their families who supported them. Their baptism inspired many hands to go up when the appeal was made for anyone who wanted to be baptised at a future event.

By 6pm the event was over, but many still lingered until after dark to soak up the last threads of blessings of a glorious day.

One person wrote:

'May God bless you as you keep doing the work of God with excellence. We can feel the love and passion for the ministry; we can feel how much you want our children to be saved.'

Someone else expressed:

'Thank you so much indeed for the joyous event that you all have prepared for us. We are from a small Pathfinder club and have been refreshed and regained our new enthusiasm in Pathfinder ministry. This is our first time to join such an event in Pathfinders, so all of the Pathfinders were very happy when they went home, joyously sharing it with their parents.'

Looking back at the day and the potential differences these events make in young people's lives, one can only praise Almighty God for His wonderful blessings in the lives of Pathfinders in the SEC, BUC and across the world. World Pathfinder Day in the SEC proved that a difference can indeed be made. In addition to God, one cannot but recognise the efforts of committed Pathfinder area coordinators, wonderful Master Guide and TLT volunteers, a

dedicated SEC media team, and the amazing local Pathfinder and Adventurer leaders in our Conference.

Our appreciation also goes to the British Union office and Stanborough School for their efforts and assistance in making the day a wonderful success.

The theme for the 72nd World Pathfinder Day 2022 will be 'Changing the World'.



CLIFFORD HERMAN
Pathfinder Director, SEC

The English connection

John Bradshaw was raised a Catholic and began his search for truth early in life. Here's his testimony about the part that England played in his conversion.

I began my career in radio, and it really was quite successful, but I had to do what all young New Zealanders seemed to do – I left my home, following in the footsteps of my older sister, and travelled to London, England. All the while I'm looking for meaning in my faith.

I went to Midnight Mass at the Stoke Newington church near where I was living. Nothing! It was flat, and I actually saw the priest smack one of the altar boys for doing something wrong, and I thought: Never! I'm done with these guys!

Well, that was December. Shortly after, I travelled to the Republic of Ireland. My father's mother was born in Ireland, and I was there, trying to climb as high up the family tree as I possibly could.

So there I was in Limerick, staying in a room upstairs in a pub. I went to St Saviours Church, convinced that I was going to find meaning in my faith; convinced that here in Ireland, this uber-Catholic country, was where I'd find meaning and relevance to my faith in God. I'll discover Jesus, perhaps.

At Saint Saviours Church an elderly priest mumbled his way through the service. I thought it would be packed, but there were about 20 people there. I walked back to the pub and I stopped in the street, looked up towards heaven and said out loud, 'Lord, I'm never going back to church ever again until You show me the truth.' Perhaps it wasn't the fault of the church – maybe it was me – but whatever it was, I wasn't finding Jesus, and I wasn't finding real answers to my questions.

Now, eight years before, my brother, a Seventh-day Adventist, had given me a copy of the book *The Great Controversy*.



I started reading the introduction but never made it any further. Four years later he gave me another copy. I decided to skip the introduction and began on page 1. I didn't make it any further. I wrote to him before I went to Ireland, and I said, 'You know, Wayne, I'm looking for meaning in my faith. I feel as though I need to read this book. Can you tell me in London where I can find one?'

When I got back from Ireland to Stoke Newington, there was a parcel waiting for me from my brother containing a third copy of *The Great Controversy*. So, late at night, I'd run a bath and sit in the bathtub and read my book. I started, this time, in the middle. I read to the end and then went back to the beginning. As I read 'Can our dead speak to us?' questions were answered. As I read 'Liberty of conscience threatened', questions were answered. As I read 'Heralds of the morning', questions were answered. But, most of all, as I read I found Jesus, and I found the answer to my questions – imperfectly at first; later this would be developed. I don't have to be good enough to go to Heaven! I cannot be good enough to go there. But what I can do is accept Jesus

as my Lord and Saviour, and immediately I'm credited with His goodness, and He lives His life in me to grow me more and more unto the measure and stature of the fullness of Christ.

As I read *The Great Controversy* I met Jesus and accepted Him as my personal Lord and Saviour.

I had thought about throwing the book across the room, because I knew if I followed what I knew to be true, my life would change dramatically and irretrievably.

There would be no more radio broadcasting, where I was paid to be a professional fool; there'd be no more rugby – that would have to go, because that was on a Saturday; there'd be no more drinking – although, to be perfectly honest, too many nights at the Prince of Wales in Stoke Newington had cured me of my drinking habit. I'd have to explain some things to my family and friends.

I didn't know what I would do with the rest of my life. I believed there was a God who could guide. So I didn't throw the book across the bathroom.

I bowed my head as I shivered in the bath and I prayed, 'Lord, I give You my heart. I want to go Your way. I invite You to be the God of my life. Live Your life in me, through me; let it be that.'

The next day I called the operator. 'Hello; can I have the number, please, of the Seventh-day Adventist cathedral?' She said, 'I can't find a cathedral anywhere.' I responded, 'There'll be one downtown – that's where St Paul's is; the Baptists have a big place down there; the Adventists will have one too.' She said, 'I have a Seventh-day Adventist church in W1.' (That would be the New Gallery church on Heddon Street.) 'That's it!' I said, 'That's the cathedral.'

I called the number, and a man answered, 'Bueno.' I didn't realise there was a Spanish congregation there, and a Mexican pastor answered the phone, but he was able to get a message to Pastor David Cox, who called me several days later. 'Hello, John Bradshaw? Nice to meet you. I'd love to come and visit you.' 'Oh, I couldn't have you do that, Pastor? I'll come to you.' He said, 'Why don't you come out on Wednesday evening?' and I think he added, 'We're studying the book of Revelation.'

Well, that was all I needed. At the New Gallery church I was accepted – long hair, scruffy beard, earrings, tatty old clothes and all – they loved me and accepted me. I made good friends, who cared for me and helped me to grow. Pastor Cox was a nurturing, biblical pastor who always pointed me to the Bible.

In 1991 Pastor Cox baptised me in the New Gallery and my life has never ever been the same. A couple at Stanborough Park (at least, one of them) worked at the Stanborough Press, and I had met their son and visited their home. On the day of my baptism, they were in the church! I couldn't believe it! They had driven several hours from Grantham to be at my baptism.

I wish I could remember their names. But I just want to say thank you to them. You have no idea of the impact that had on me, that someone would show such interest, such care and such love, frankly, as to drive several hours just to be at the baptism of some scruffy New Zealander who was desperately trying to make his way with God.

I owe a lot to Stanborough Press. I owe a lot to the church in Great Britain. I owe an immense amount to Pastor David Cox and his wife. I haven't seen them since the day I was baptised,



but it's fair and obvious to say that without their influence in my life, I wouldn't be an ordained minister in the Seventh-day Adventist Church today. And I would have nothing to do with 'It Is Written'.

Thank you, Great Britain, for leading me to Jesus.

And I want to encourage you. Know Jesus. Know the power of Jesus living His life in you. And understand something about the power of the printed page. Seventh-day Adventist books had everything to do with pointing me to the Bible and to faith in Jesus, and if you can share a book with someone, even if they don't read it at first, share it anyway. Even if it doesn't seem to impact their life, pray about it. It's a silent witness a person can turn to any time and find faith in Jesus. May God bless you. My prayer is that you will know the God that I got to know.

I'd like to pray with you now.

Heavenly Father, I'm so thankful for the way that You led in my life. If You hadn't led me to Great Britain, to England, I don't know how I would have got from lost to found. In Your goodness and mercy You led me to the right people, the right church, the right books, the right influences that convinced me that Your love was everything. Thank You for Your great goodness and the promise we have that Jesus is coming back soon. Keep us till then, we pray. In Jesus' name, Amen.

May God richly bless you.

MESSENGER

EDUCATE • INSPIRE • INFORM

VOLUME 126 • 10 – 29 OCTOBER 2021

Editor: David Neal
Editorial secretary: Sarah Jarvi
Design: David Bell
Proof reading: Andrew Puckering
Production and distribution:
Peter Oppong-Mensah

COPY FOR No. 11 – 1 November 2021

NOTE TO POTENTIAL ADVERTISERS

It is important that those who submit adverts for display in MESSENGER ensure that they have permission (and a paid licence where required) to use any downloaded photographs or artwork that they incorporate into their adverts. It is also important that credit be given to the individual, organisation or company from which these have been obtained. For example, something like the following should appear within the advert: ©Joe Bloggs/iStockPhoto.com.

Please be aware that images downloaded from Google may also be subject to permission and licensing. The Stanborough Press Ltd takes no responsibility for any downloaded images submitted to MESSENGER by contributors and reserves the right to decline adverts about which we have copyright concerns.

PERMISSION RELATING TO PHOTOGRAPHY

Those who submit photographs of minors (persons under the age of 18) for publication must ensure that they have permission to do so from their parents, guardians or carers. We would like these submissions to be accompanied by the following statement: 'I have the permission of the parents, guardian or carer of the minors who appear in this/these photograph/s to submit them for publication in the MESSENGER.'

Copy should be sent to the Editor, MESSENGER, The Stanborough Press Limited, Alma Park, Grantham, Lincolnshire, NG31 9SL.
Tel: (01476) 591700. Fax No: (01476) 577144.
Email: Editor@stanboroughpress.org.uk
Send high-resolution pictures to: dbell@stanboroughpress.org.uk
ABC Sales line: (01476) 59170
Mon-Thurs only, 8am-5.30pm.

WWW.STANBOROUGHPRESS.ORG.UK

The Editor may alter, clarify, précis or expand articles sent to him if he thinks it necessary. Published fortnightly on Fridays by the British Union Conference of Seventh-day Adventists. For general enquiries, email: info@stanboroughpress.org.uk

Visit the BUC website at:
WWW.ADVENTIST.ORG.UK
ISSN 0309-3654 - Printed in the UK.

READ MORE NEWS ONLINE
facebook.com/messengerextra

A flying start

The Newbold 2021: 2022 academic year

BY BISSEK STOYKOV

The 2021-2022 academic year has begun at Newbold College of Higher Education, and has kick-started with a new-found purpose.

With 81 students enrolled within a hybrid community of those studying remotely and others attending in person, there's a shift in the air – a buzz on the campus, with the College doors finally reopened. From 6 September 2021, students on campus immersed themselves throughout the enrolment week with dedicated spiritual programmes, ice breakers and socials organised for them, while those remote have connected through live streams and virtual class inductions. Even in the early stages of the semester, these first few weeks have proved to be profound for students new and returning, like Leslie Dixon, who pursues his calling with the BA (Hons) in Biblical and Pastoral Studies:

'Theology is not a degree; it's a lifestyle.'

Existing as a first-year student, "challenged, nurtured and supported" summarises this year's current experience. Who would have perceived, within three intense weeks, that I would understand Greek, encamp a rethinking mindset and be on the path to find my "why?" to life? Newbold is more than a college... it's a family.

The COVID-19 guidelines are in place, with face masks worn in public and communal areas, and sanitiser stations located across the campus. The uncertainty over the last 18 months still echoes along the College corridors, but what is certain is the collective inspiration that students are sharing to bring God's love into the wider world around them. This has been particularly high-



lighted through the Campus Ministries programme that runs weekly spiritual events, and the biannual Week of Spiritual Emphasis with the aptly timed theme 'Season of Change', with involvement of students a key feature.

'The last 18 months have been solely digital; and, while there have been some great lessons that have come from this experience, there is nothing quite like our community gathering together to learn, to grow, and to support one another as we all progress through our life journey. It's a real blessing to have our students here with us, and we as a college are excited to watch each individual spiritually develop and bloom throughout this academic year and beyond,' reflected Danilo Puškaš, Head of Student Life and Chaplaincy.

We very much hope that all students will be in a position to study in person from the 2022 spring semester – which will be something to celebrate, because at Newbold we believe that one can only really

experience all that the College has to offer by being there and immersing oneself in this community of fellowship.

As many will know, the College has recently undergone a transitional phase, now solely offering programmes within Theological Studies:

- BA (Hons) in Biblical and Pastoral Studies
- Graduate Diploma in Biblical and Pastoral Studies
- MA in Theology
- Postgraduate Certificate of Ministry and Mission

Young minds of tomorrow are invited to view the College website and see all that Newbold has to offer.

—

A Christ-centred education for a contemporary world awaits.
www.newbold.ac.uk



